

Marcela Guasque Stinghen

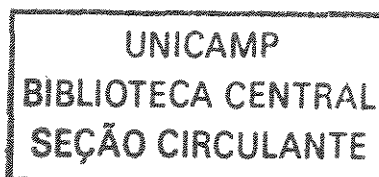
PADRE CÍCERO: A CANONIZAÇÃO POPULAR

2005.045.12

Dissertação apresentada ao curso de
Teoria Literária do Instituto de Estudos
da Linguagem da Universidade Estadual
de Campinas como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre em Teoria
Literária

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Abreu

Campinas
2000



UNIDADE	BC
Nº CHAMADA	T/UNICAMP
	St56p
V	EX
TOMBO BC/	52086
PROC.	16-124103
C	☐
D	☒
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	12/02/03
Nº CPD	

CM00178018-0

113 ID 276205

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

St56p	Stinghen, Marcela Guasque Padre Cícero: a canonização popular / Marcela Guasque Stinghen. - - Campinas, SP: [s.n.], 2000. Orientador: Márcia Azevedo de Abreu Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. 1. Literatura popular - Brasil. 2. Literatura de cordel brasileira. 3. Religiosidade - Brasil - Nordeste. 4. Cícero, Padre, 1844-1934 I. Abreu, Márcia Azevedo. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.
-------	--

27/10/12

Profa. Dra. Márcia Abreu (orientadora)

Profa. Dra. Marisa Philbert Lajolo

Prof. Dr. Mauro William Barbosa de Almeida

Este exemplar e a redação final da tese
defendida por Marcela Guasque

Stingher

e aprovada em _____ por _____ orientadora em

06 / 11 / 2012

27/10/12

À Marília,
que me iniciou nos mistérios da criação,
pelo milagre da vida

Agradecimentos

Um bocado de tempo já passou desde o início da pesquisa com os folhetos do Padre Cícero. Da iniciação científica até aqui foram uns bons anos, que contribuíram para garantir o amadurecimento do trabalho. As idéias, a escrita e a autora cresceram bastante nesse período, o suficiente para perceber que quase nada no mundo é fruto da criação individual e que as concepções de autoria e de propriedade não passam de grandes ilusões para alimentar a vaidade da gente.

É necessário ser humilde e reconhecer que de *meu*, no texto, há muito pouca coisa. Fui usufruindo da ajuda, idéias e emoções de uma série de pessoas, a quem quero agradecer, de coração, a começar pela professora Márcia Abreu, que se revelou não só uma interlocutora atuante, verdadeiro guia iniciático, mas uma amiga compreensiva e paciente. Do convívio com seus orientandos, em reuniões periódicas de estudo e discussão, surgiu uma relação de cumplicidade, essencial para o desenvolvimento da pesquisa. Devo muito a Cláudia Feierabend Baeta Leal, Luli Hata, Ana Raquel Motta de Souza, Gustavo Magalhães Lopes e Eliana Kefalás Oliveira, que me comunicaram novos olhares sobre a cultura popular.

Alguns professores tiveram papel decisivo no encaminhamento dos trabalhos. Tânia Alkmin e Ria Lemaire, em fases anteriores da pesquisa, acompanhadas, já na qualificação, por Mauro Almeida e Marisa Lajolo, apresentaram críticas e sugestões que fizeram com que eu atentasse não só para a pluralidade dos discursos produzidos em torno da figura do Padre Cícero, mas para a necessidade de romper com esquemas interpretativos prévios. Pude contar, ainda, com a leitura atenta de Otávio Velho, que contribuiu em muito para a definição do perfil que a dissertação acabou tomando em sua versão final.

Nas romarias a Juazeiro do Norte, como não poderia deixar de ser, cearenses e nordestinos mostraram-se bastante atenciosos. Muitos foram os gestos de carinho e de incentivo que recebi na terra do padrinho. Dona Maria das Virgens e seu filho Bosco, em

plena agitação da romaria de finados, não se recusaram a falar sobre o poeta João de Cristo Rei, pai de Dona Maria, já falecido. O mesmo pode ser dito do Padre Murilo, que encontrou tempo para falar da fé dos romeiros. Poetas e folheteiros, tais como Abraão Batista, Pedro Bandeira, Expedito Sebastião da Silva e o falecido Manoel Caboclo e Silva concederam entrevistas preciosas. Pesquisadores como Daniel Walker, do Instituto José Marrocos de Pesquisas Sócio-culturais (IPESC), Renato Dantas e Gilmar de Carvalho apresentaram sugestões e referências que se revelaram capitais para o desenvolvimento subsequente do trabalho. Gostaria de agradecer ao primeiro, em especial, pela doação de uma série de folhetos do Padre Cícero, a que eu dificilmente teria acesso em outros arquivos do país.

Não posso deixar de mencionar todas as agências de financiamento que subvencionaram as diferentes fases da pesquisa. Agradeço, em primeiro lugar, à Fapesp, pela concessão da bolsa de mestrado, que possibilitou a finalização do trabalho. O Cnpq, através do programa Pibiq, e o Faep, Fundo de Amparo ao Ensino e à Pesquisa, da Unicamp, garantiram a realização das pesquisas ainda na graduação, em caráter de iniciação científica.

No plano pessoal, Dino, Marília, Rogério, Miriam, Celso e Maria não mediram esforços para ver a pequena Marcela brilhar. O Miguel trouxe a luz que faltava.

A todos, estrelas guias do meu caminho, meu muito obrigada.

(refrão)

Bendita e louvada seja
A luz que mais alumeia
Valei-me meu Padrinho Cícero
E a Mãe de Deus das Candeias

Ó que caminho tão longe,
Cheio de pedra e areias
Percorre o bom peregrino
De mãe de Deus das Candeias

(refrão)

No caminho de Juazeiro,
Nunca ninguém se perdeu
Por causa da luminária
Da Mãe de Deus das Candeias

(refrão)

A luz da fé que nos guia
Aqui nos reanimou
Formamos grandes famílias
De Cristo Nosso Senhor

(refrão)

Ao redor de sua mesa
Com Pai, por Nosso Senhor,
Rezemos todos irmãos
Na fé, na paz, no amor

Bendito de Mãe de Deus das Candeias

Sumário

1. Introdução	15
---------------	----

Capítulo I

2. Romeiros, Juazeiro e seu santo milagreiro	19
--	----

Capítulo II

3.A boca, a orelha, a letra e o barbante de feira	45
---	----

Capítulo III

4. Padre Cícero: versado, rimado e	71
4.1. Os folhetos do início do século e a gênese de um cancionero	72
4.1.1. Mimesis bíblica: perseguição religiosa e imitação de Cristo	74
4.1.2. Os poderes do Padre Cícero	86
4.1.3. As narrativas da Guerra	92
4.1.4. Lampião à sombra do Juazeiro	106
4.2. Evangelho sertanejo	114
4.2.1. Profecias: previsão dos tempos	117
4.2.2. O uso da voz do Padre Cícero	126
4.2.3. As biografias do padrinho	134
4.2.4. A verdade <i>re-afirmada</i> dos milagres	138
4.2.5. Exemplos: o castigo dos que falam mal	141
4.2.6. Defesa poética e luta política em torno da canonização	143
5. Considerações finais	155
6. Bibliografia	159

RESUMO

Padre Cícero: a canonização popular é um estudo sobre a representação do Padre Cícero (1844 – 1934) na Literatura de Folhetos Nordestina. A análise textual de mais de 160 poemas do cancionário do padrinho abarca desde composições bem antigas, produzidas enquanto o santo popular ainda era vivo, até folhetos recém editados, caracterizados pela consolidação de um padrão *canonizante* de representação.

Adotando uma perspectiva diacrônica, o trabalho visa mapear a elaboração e o emprego, pelos poetas, de uma série de fórmulas verbais e narrativas que têm por função mimetizar e *re-afirmar* elementos do imaginário religioso que se formou em torno da figura do Padre Cícero e de Juazeiro do Norte. O conceito de *canonização* surge, nesse contexto, como índice do imbricamento vislumbrado entre produção poética e religiosidade popular. Ao longo do tempo, os poetas dão conta de canonizar o Padre Cícero. Em diálogo constante com o contexto histórico e com os críticos do padrinho, eles *re-produzem* um discurso elogioso e um cânone de representação que funcionam como suportes da memória e da identidade coletivas.

Introdução

O nome do Padre Cícero (1844 – 1934) certamente não deve soar estranho para a maioria dos brasileiros. Volta e meia a figura do santo nordestino reaparece na mídia, em reportagens e documentários que visam retratar elementos da religiosidade popular ligada às romarias de Juazeiro do Norte, Ceará. O que pouca gente sabe é que a personalidade e a trajetória desse santo, canonizado pelos fiéis, à revelia da Igreja, até hoje provoca acaloradas discussões. Para alguns pesquisadores, o padrinho, tendo conquistado grande influência e poderio políticos em vida, não passa de um embusteiro, hábil manipulador da fé de seus romeiros.

Como não poderia deixar de ser, esse personagem polêmico deu muito trabalho, em todos os sentidos, para os poetas populares nordestinos. Em torno dele foi produzida uma infinidade de poemas, que chegam a constituir um cancioneiro à parte em meio à Literatura de Folhetos Nordestina¹. Trata-se de uma produção que, de maneira geral, mimetiza a canonização operada no plano do imaginário religioso, como resposta às próprias exigências do público em ver representado um padrinho santo e milagreiro. Nos folhetos mais recentes, observa-se a predominância de um padrão canônico de representação. Fórmulas verbais e narrativas são *re-produzidas* aos montes para dar conta de construir e *re-afirmar* uma tradição discursiva que, em última análise, *funciona* como elemento estruturante da própria identidade coletiva.

Para chegar até aí, os poetas tiveram que estabelecer um diálogo constante com o contexto histórico e com os discursos críticos, procurando distinguir e *re-afirmar* os valores caros a seu público de devotos. Nos folhetos mais antigos, por exemplo, produzidos enquanto o Padre Cícero ainda era vivo, a despeito das tentativas de elaboração de narrativas destinadas à defesa e ao elogio do santo, é possível identificar uma série de

referências a aspectos polêmicos de sua trajetória, que tendem a se tornar cada vez menos recorrentes na produção posterior.

Pelo que se pode observar, trata-se de um processo contínuo de canonização poética, bastante interessante pela relativa rapidez com que se dá, cerca de noventa anos, e pelo fato de refletir todo um universo de práticas de representação mais amplo. As mil e uma histórias do cancionero do Padre Cícero são reflexo das mil e uma que se ouve da boca dos fiéis durante os períodos tradicionais de romaria. A produção poética e o imaginário religioso estão de tal maneira imbricados na constituição do cancionero de um personagem como o padrinho, que se tornou obrigatória uma análise que não apenas abarcasse os aspectos puramente formais da representação, mas que estabelecesse relações entre a ficcionalização do personagem e os elementos sócio-culturais da comunidade em que surge. Em suma, uma análise globalizante, que entendesse a representação do Padre Cícero no que ela tem de poético e de religioso, enquanto manifestação de um fenômeno de canonização popular, ao longo do tempo.

Nesse sentido, os dois primeiros capítulos foram destinados a apresentar discussões preliminares a respeito da religiosidade popular e da poética dos folhetos, reservando-se para o terceiro a análise propriamente dita dos poemas do padrinho.

O primeiro capítulo, *Romeiros, Juazeiro e seu santo milagreiro*, visa colocar o leitor em contato com a história do Padre Cícero e com elementos do imaginário religioso que sustenta as romarias em torno de Juazeiro do Norte.

No segundo capítulo, *A boca, a orelha, e letra e o barbante de feira*, foram discutidas questões referentes ao papel da oralidade e da escrita na Literatura de Folhetos. Uma série de características contribuem para situá-la como uma produção poética híbrida, a meio caminho entre esferas culturais distintas, o que ajuda a explicar uma série de fenômenos relativos à representação do Padre Cícero, analisados no terceiro capítulo, *Padre Cícero: rimado, versado e canonizado*.

¹ A denominação mais corrente é Literatura de Cordel, atribuída por pesquisadores a partir da analogia estabelecida com uma produção portuguesa iniciada no século XVI. Evito utilizá-la aqui, filiando-me à opção de alguns estudos recentes pelo termo *folheto*, empregado pelos próprios poetas e vendedores.

Adotando uma perspectiva diacrônica, o estudo dos folhetos do Padre Cícero é apresentado de maneira linear, a começar pela análise do corpus de poemas produzidos enquanto o Padre Cícero ainda era vivo, seguida de uma discussão a respeito de seu cancionero póstumo. É aqui, preferencialmente, que vai se tornar possível o estabelecimento de relações entre a religiosidade popular e a poética semi-oral dos folhetos, através da exposição e análise efetivas dos mecanismos formais utilizados na representação canonizante

Capítulo I

Romeiros, Juazeiro e seu santo milagreiro

Poeira, vento, seca, calor. A gente sai do avião e toma uma lufada de ar quente, fervendo de asfalto e sertão. É o desembarque no aeroporto de Juazeiro do Norte, Ceará. Não é necessário disfarçar o estranhamento que todo sulista ou turista sente diante da diferença: outra terra, outro homem e sua luta. Qualquer semelhança com Euclides da Cunha, aqui, não é mera coincidência.

Sou de um tempo em que a *ciência* já não possibilita mais, ou não permite, a máscara de um investigador elíptico. É bom saber, e deixar claro desde cedo, que estou tentando fazer uma tradução de um mundo outro, que os grupos letrados, litorâneos e *civilizados* desse Brasil conhecem pouco. Enquanto turista aprendiz, ou, na melhor das hipóteses, pesquisadora, desembarquei inteira em Juazeiro do Padre Cícero, na tentativa de entender (ou de sentir) um pouco mais de fé e de poesia. Olhos e ouvidos atentos, suor e saliva, fiz uma romaria cognitiva e sinestésica, inevitável quando se trata de documentar uma cultura cujo aprendizado se faz no exercício da memória e do ritual.

Não foi necessário muito estudo para perceber que Juazeiro do Norte e a figura do Padre Cícero constituem-se num dos fenômenos religiosos mais impressionantes do Brasil. As romarias chegam a movimentar, anualmente, cerca de um milhão de devotos, o que faz

da cidade um dos maiores centros de peregrinação hoje no país². O que mais chama a atenção, para além dos dados numéricos, é a própria essência desse movimento, caracterizado por crenças e práticas religiosas que se tornam cada vez mais exóticas e incompreensíveis aos olhos secularizantes da modernidade. Durante uma única romaria, a gente se depara com uma verdadeira miscelânea ritual. No solo sagrado da Nova Jerusalém sertaneja, no tempo divinizado da devoção, toda ação ganha um peso completamente diferente da vivência cotidiana.

Pelas ruas de Juazeiro, abarrotadas de barracas de feirantes, peregrinam milhares de pessoas, algumas delas portando hábitos monacais, à maneira de frades capuchinhos, ou vestindo luto, pela morte de seu padrinho. Encontram-se penitentes dirigindo-se, ajoelhados e contritos, até altares e lugares santos. Acendem-se velas, reza-se, dentro e fora das igrejas. Cultuam-se imagens de santos, desgastadas pelo tempo e pelo toque de milhares de mãos, ansiosas por receber um pouco de luz e de proteção.

Nas casas de milagres, destinadas a abrigar manifestações materiais de agradecimento pelas graças alcançadas, empilham-se ex-votos³. Bilhetes e fotografias forram as paredes. Diante de tais testemunhos, acreditam poetas e fiéis, fica difícil negar ao padrinho seu estatuto de santo. Tantos milagres, a intercessão sobrenatural na vida de milhares de nordestinos, constituem-se num verdadeiro *mistério*⁴, categoria forjada pelos

² As romarias a Juazeiro do Norte ocorrem praticamente o ano todo, mas há datas especiais, como os dias de finados, 1 e 2 de novembro, em que a cidade chega a receber cerca de duzentos mil fiéis. Romarias ditas menores ocorrem, tradicionalmente, nos dias 02 de fevereiro (homenagem a Nossa Senhora das Candeias), 24 de março (data do nascimento do Padre Cícero), 20 de julho (aniversário da morte do Padre Cícero) e 15 de setembro (homenagem a Nossa Senhora das Dores).

³ Segundo o Dicionário Aurélio, a palavra ex-voto refere-se a todo “quadro, imagem, inscrição, ou órgão de cera, madeira, etc., que se oferece e expõe numa igreja ou numa capela em comemoração de voto ou promessa cumpridos”. O termo costuma ser mais utilizado para designar as esculturas que os romeiros confeccionam, ou mesmo compram, representando partes do corpo curadas pela intercessão milagrosa do santo.

⁴ Em entrevista concedida a mim durante a romaria de Nossa Senhora das Candeias de 1996, o poeta Manoel Caboclo, falecido naquele mesmo ano, fala dos *mistérios* e do poder catalisador do Padre Cícero: “Quando ele, o Padre Cícero, opera um milagre na nossa vida, pra nós ele é um santo (...) Eu tenho muita fé no Padre Cícero, porque aconteceu coisas importantes (...) Portanto, uma prova que nós temos da vida do Padre Cícero e dos seus mistérios é uma pessoa vir de tão distante pagar uma promessa aqui. Pessoas que vêm de pés (...) Subir o Horto de joelhos por aquela estrada velha. Pessoas que sobem de joelho até chegar lá. A gente pergunta e a pessoa conta o mistério. Pessoas maravilhosas, que vêm, que nem você, que vêm distante. Vêm

próprios devotos para dar conta de fenômenos que fogem a uma compreensão mais racional do funcionamento do cosmo.

Cada um dos elementos da rica topografia mística da cidade é investido de um conjunto de práticas específico, que os mais novos vão aprendendo através da observação e da vivência ritual com os mais velhos⁵. A Matriz de Nossa Senhora da Dores, que abriga de quatro a cinco missas diárias nesse período, é palco de devoção à *Mãe de Deus*, a mãe das dores de todos os nordestinos. A designação “...das Dores”, segundo a visão de Padre Murilo, o pároco de Juazeiro, é representativa da própria realidade sofrida do romeiro, o que garantiria a intensa devoção e a afinidade estabelecida com a santa⁶.

Uma outra igreja, a do Perpétuo Socorro, abriga o túmulo do Padre Cícero, em torno do qual os fiéis se aglomeram procurando depositar objetos (imagens, fitinhas, pôsteres e utensílios em geral) para que sejam abençoados, o que consiste em colocá-los, por alguns instantes, sobre a lápide. Em frente à capela, localiza-se um oratório que comporta uma estátua do Padre Cícero, esculpida em gesso, que também se constitui numa parada obrigatória para o peregrino. Ao seu lado encontra-se a chamada Casa dos Milagres, um dos muitos lugares destinados a receber fotografias, bilhetes e ex-votos.

Bem perto dali está o Memorial Padre Cícero, uma espécie de museu, inaugurado pelo poder público em 1988, comportando um anfiteatro e uma biblioteca especializada, além de uma exposição permanente de fotografias e objetos de uso pessoal do Padre Cícero. Recentemente incorporado ao périplo dos peregrinos pela cidade, a despeito de seu ar formal e de sua arquitetura arrojada, o Memorial lembra um pouco o Museu Padre Cícero, criado na casa em que o padrinho viveu os últimos anos de sua vida.

Trata-se de um casarão de vários cômodos, todos eles pobremente decorados, restando pelos cantos alguns armários com roupas, utensílios e objetos exóticos que pertenceram ao padre. Lá o fiel pode descansar de sua peregrinação, beber um pouco da água fresca de gigantescas moringas, constantemente reabastecidas. A grande atração fica

falando no nome do Padre Cícero, porque vêm esperando receber uma notícia, de qualquer maneira, ou boa ou ruim, conforme o que a pessoa quer”.

⁵ A diferença, aqui, não é necessariamente etária, embora coincida na maioria das vezes com a idade dos romeiros, iniciados desde pequeninos nas práticas de devoção de sua família.

⁶ Essa idéia de uma homologia entre as dores dos nordestinos e sua Nossa Senhora foi expressa por Padre Murilo numa entrevista, durante a romaria de finados de 1998.

por conta da cama do padrinho, sobre a qual, à semelhança do túmulo, os fiéis depositam objetos. A tentação de deitar e se fazer abençoar por inteiro é contida por grades e pelo olhar de um vigia, sempre postado à sua cabeceira.

Ainda no âmbito da cidade, um pouco distante do centro, encontra-se a Igreja de São Francisco, onde são rezadas missas diárias. No pátio interno há uma fonte de água considerada milagrosa. Os devotos esperam em fila, as mãos repletas de recipientes, para recolher um pouco do líquido. Circundando o pátio externo encontra-se o Passeio das Almas, uma espécie de passarela em forma de semicírculo construída sobre colunas, ao pé das quais os romeiros gravam os nomes das pessoas falecidas, como forma de garantir encaminhamento e um pouco de alívio a suas almas.

Bem próxima à cidade, divisa-se a Serra do Horto, cujo antigo nome era Serra do Catolé. Trata-se de um lugar repleto de história e de significados, representativo da relação tensa estabelecida entre o movimento dos romeiros e os poderes institucionais da Igreja e do Estado. O topo da serra abriga, entre outros, a antiga casa de retiro do Padre Cícero, as torres de TV da cidade e a imponente estátua do padrinho, inaugurada em 1969⁷. Em estudo sobre as reações dos fiéis a várias representações iconográficas do padre, T. S. Guimarães constatou existir uma certa resistência por parte dos habitantes da cidade, sobretudo os mais velhos, em reconhecer no monumento um ícone digno de autenticidade, digno, enfim, de crédito e de fé⁸. Com efeito, o Padre Cícero monumental, feito de concreto, é fruto de uma ação das elites juazeirenses, encabeçada pelas administrações sucessivas de Humberto Bezerra e de Mauro Sampaio na prefeitura, cujo discurso centrava-se nos milagres da tecnologia, da modernização e do progresso. Nesse ímpeto modernizador, acabou-se por

⁷ Os juazeirenses orgulham-se de afirmar que o monumento, totalizando vinte e seis metros de altura, coloca-se entre os três maiores do gênero, no mundo, só perdendo para o Cristo Redentor e para a Estátua da Liberdade.

⁸ No dizer da autora, os adultos e idosos, habitantes de Juazeiro, “...consideram que a estátua de 26 metros representa um Padre Cícero desfigurado pela mão dos homens. O monumento é imenso, mas a sua grandiosidade material, *orgulhosa*, não simboliza em nada a real grandeza do Padre que eles conheceram. Um velho chega a afirmar que o monumento transgride a vontade do próprio Padre Cícero. Com efeito, ele queria ver erguer-se nesse lugar um Santuário consagrado ao Sagrado Coração de Jesus. Assim, a estátua de 26 metros desumaniza o Padre Cícero, retira dele o que há de mais precioso na lembrança popular dos adultos e velhos de Juazeiro: sua presença *imane*nte, afetuosa de Padrinho”. GUIMARÃES, T. S. *Etude Psychologique*

destruir alguns dos símbolos da fé popular na Serra do Catolé: um gigantesco pé de Timbaúba, o famoso Pé de Tambor; e as ruínas da imensa igreja que o Padre Cícero tencionara construir anos antes, cujas obras haviam sido interditadas pelo Bispo do Ceará no início do século. No seu lugar, surgiram construções imponentes, obras da mais moderna tecnologia, representativas da pujança econômica da cidade: uma imensa estátua e algumas torres de retransmissão⁹.

Entre os romeiros, a recusa à estátua é menos acentuada¹⁰. Eles continuam a passar por ali, o que não é tarefa das mais fáceis. Ir visitar a antiga casa de retiro do padrinho e sua estátua exige o esforço de subir a pé (os ônibus, precários, estão sempre superlotados), sob um sol escaldante, pelo Caminho do Calvário, a estrada sinuosa que leva até o Horto, em que é possível avistar imagens representativas das Doze Estações da Paixão de Cristo. Quem tem mais disposição acaba indo visitar o Santo Sepulcro, um local *misterioso*, que fica a uns seis quilômetros da estátua, ao qual se chega seguindo por uma trilha. O relevo característico, cheio de pedras, transforma-se em provação para os devotos: os pecadores, segundo a tradição, ficariam retidos por entre as frestas da Pedra dos Pecados. Muitos deles, antes de se arriscar por aí, procuram pelos poderes redentores da Pedra da Salvação. As capelinhas ali construídas, uma delas servindo de túmulo ao beato Manoel João, o próprio Santo Sepulcro, contribuem para ampliar o forte clima místico reinante.

de la Fonction d'un Saint dans le Catholicisme Populaire - Padre Cícero et la Religion du Nordeste (Brésil), Tese de Doutorado, Universidade Católica de Louvain, Bélgica, 1983, pág. 266. Tradução minha.

⁹ Gilmar de Carvalho tem algumas formulações bastante interessantes a respeito desse processo: "O corte do pé de tambor acabava de vez com os ajuntamentos de peregrinos, algo muito incômodo para uma cidade que pretendia foros de urbanidade e de civilização. Juntamente com a velha timbaúba (*Stryphnodendron guianense*) seriam destruídos a capelinha do beato Elias, os vestígios da igreja inacabada, do cruzeiro do Horto e da muralha, como forma de desarticular o roteiro da movimentação dos romeiros pelos sítios que eles consideravam sagrados (...) A torre de televisão faria a (re)ligação de Juazeiro, não com o céu, mas com outras dimensões do real (...) A idéia do monumento sepultava de vez qualquer lamúria em relação à timbaúba cortada. Tratava-se de um novo símbolo que cristalizava um sentimento difuso, porque não verbalizado, e dava forma à fé de todo um povo. Na fala popular que o cordel registra e difunde, como suporte impresso de uma oralidade tradicional, as raízes do pé de tambor se metamorfosearam nas fundações do Padre Cícero em concreto". CARVALHO, F. G. C. *Madeira Matriz - Cultura e Memória*, Tese de Doutorado, São Paulo, PUC, 1998, pp. 10 - 15.

¹⁰ De seu estudo, T. S. Guimarães depreende que, para os romeiros, a estátua ganha uma significação completamente diferente daquela apresentada entre os habitantes mais velhos de Juazeiro: "A maneira com que os peregrinos se exprimem é bastante reveladora: Padre Cícero está *na* estátua, ele está *na* sua torre. O monumento, mais do que revelar, parece esconder uma presença. Os peregrinos, em busca de um encontro íntimo com o velho sacerdote, pegam no cimento frio da estátua, contemplam as dimensões gigantes do

Durante a visita dos romeiros, as cenas de devoção impressionam pelo seu fervor e pela sua sinceridade. Cumprindo rituais vitais no seu relacionamento com a esfera do sagrado, os fiéis surpreendem pelo ar compenetrado e pela seriedade. Nesse sentido, seu comportamento devoto parece entrar em contradição com uma outra faceta da romaria, justamente seu caráter festivo e comercial. Mas a contradição existe apenas aos nossos olhos laicizantes. Na cultura popular, como bem o demonstra Brandão no seu *Sacerdotes da Viola*, não existe separação rígida entre os domínios do sagrado e do profano, podendo o culto aos santos numa determinada festa popular realizar-se através da dança e da música, gerando, em determinados momentos, situações de bailado, propícias ao galanteio¹¹. As romarias a Juazeiro do Norte constituem-se, assim, no momento propício para não só cuidar dos assuntos referentes à fé, mas também para passear, festejar, fazer compras e confraternizar.

Nesse sentido, a romaria é também uma gigantesca feira, palco de uma diversidade colorida de atrativos e de atrações, de deixar qualquer pessoa atordoada. Durante o auge da festa fica difícil caminhar pelas ruas centrais da cidade. Visitantes em circulação disputam o apertado espaço deixado pelos feirantes. Impossível se furtar aos desejos consumistas diante de tão ostensiva oferta. Roupas, redes, quinquilharias *made in Paraguai*, artigos religiosos, folhetos, fitas e CDs piratas, utensílios de cozinha, mantimentos (sobretudo a rapadura, alimento básico da maioria), tudo isso é vendido aos montes, o que se comprova pela visão dos paus-de-arara¹² quando partem, abarrotados¹³. O barulho dos pregões

monumento e procuram encontrar, *apesar* de tudo, o Padre Cícero, escondido nessa torre”. GUIMARÃES, Op. Cit., pág. 268. Tradução minha.

¹¹ BRANDÃO, C. R. *Sacerdotes da Viola*, Petrópolis, Vozes, 1981, pp. 148 - 159. Segundo o autor, os limites entre os campos do religioso e do profano para o povo são diferentes daqueles estabelecidos pelo clero: “Destarte, aos olhos canônicos da Igreja, a religião popular produz uma espécie de profanação do religioso. Mas na prática de camponeses e de migrantes, uma profanação necessária porque transforma um sagrado descontextualizado em um sagrado devocional, ou seja, capaz de ser, simbolicamente, da religião e da sociedade local” (pág. 158).

¹² Caminhões que têm a caçamba adaptada para o transporte de passageiros.

¹³ Segundo dados de uma reportagem publicada pela revista *Os Caminhos da Terra* em novembro de 1997, cada romaria chegaria a movimentar entre 25 e 37,5 milhões de reais. Cf.: COLOMBINI, L. “Uma História de Miséria, Suor, Poeira e Fé”, in: *Os Caminhos da Terra*, Editora Azul, ano 6, nº 11.

mistura-se ao som alto das fitas cassete dos feirantes, que trazem a gravação de poemas e de benditos¹⁴ do Padre Cícero, feita por cantadores e violeiros de sucesso.

As atrações especiais ficam por conta dos artistas populares que se apresentam nas praças. São malabaristas, engolidores de fogo, emboladores de côco, sanfoneiros cegos e músicos, os quais tocam desde forró até as músicas sertanejas do *hit parade*, de acordo com os pedidos de seu público. Manifestações coletivas de devoção, como as Folias de Reis e a Dança de São Gonçalo também marcam presença¹⁵.

As romarias, é importante que fique claro, vão além da reunião festiva de algumas centenas de pessoas. Embora comporte tal dimensão, o deslocamento periódico de milhares de nordestinos para a cidade do Padre Cícero se faz, sobretudo, em nome de uma fé comum, um imaginário coletivamente construído, que confere uma identidade e a sensação de pertencimento e de missão a cada um dos participantes, membros de uma gigantesca família¹⁶. Todos estão ligados à figura patriarcal do padrinho, tido como uma espécie de guia espiritual protetor, uma entidade sobrenatural a que o devoto se liga por afinidade identitária, com um fim último utilitário:

Padre Cícero é, portanto, para cada um, um Padrinho e aqui se toca no laço o mais estreito, o mais individual, o menos coletivo, que liga pessoalmente cada afilhado a seu Padrinho. Ele é o conselheiro certo, o protetor que vai ajudar seu afilhado a vencer na vida, a pagar suas dívidas, a encontrar um emprego. É aquele junto a quem a gente tem o direito de recorrer: ele é um 'paizinho', um 'padrinho'..., a gente é da família¹⁷.

¹⁴ Canções rituais entoadas pelos romeiros durante a viagem e a romaria.

¹⁵ CARVALHO, Op. Cit., pág. 83.

¹⁶ Gilmar de Carvalho criou uma imagem bastante oportuna, da romaria enquanto reunião e ponto de convergência do que chamou de Diáspora Nordestina. Já T. S. Guimarães faz uma formulação bastante significativa dessa motivação dos afilhados de "meu padrinho Cícero": "Um homem de 54 anos nos dizia: - Ele pensa em Deus e em Nossa Senhora..., para nos proteger a todos, para que nós possamos voltar todo ano para dar a nossa esmola e comprar uma vela por ele..." Há, portanto, na iniciativa do peregrino, ao fazer sua visita ao Padrinho-Protetor, uma dimensão de colaboração com sua obra implantada no meio do Sertão. Sua visita anual dá continuidade à história santa nordestina da qual ele é um ator vivo. Juazeiro é a Nova Jerusalém". GUIMARÃES, Op. Cit., pág. 287. Tradução minha..

¹⁷ GUIMARÃES, Op. Cit., pág. 283. Tradução minha.

Trata-se de uma relação transcendente de apadrinhamento que se estende, do plano individual para o coletivo, tendendo a reproduzir um tipo de laço social característico das populações sertanejas nordestinas. Segundo T. S. Guimarães, “... o apadrinhamento nessas regiões é uma séria ligação de parentesco espiritual e social. Assim, tem-se vários ‘padrinhos’: na ocasião do batismo, da primeira comunhão, do casamento e mesmo de determinadas festas populares como a de São João. Trata-se de uma forma de adoção que vários autores assinalaram como uma das características da religiosidade popular latino-americana”¹⁸.

Assim na terra como no céu, a figura genérica do padrinho tem por função garantir a proteção e o encaminhamento, tanto no plano material, quanto no espiritual. No imaginário religioso popular, os santos, assim como uma série de entidades sobrenaturais, entre elas almas e anjos, vão fazer as vezes de padrinhos celestes, com os quais os devotos estabelecem, muitas vezes, uma relação de devoção vitalícia, que “...uma vez estabelecida (pela consagração no batismo, por voto ou por tradição familiar, geralmente), não deve mais ser rompida. O fiel é devoto de um determinado santo e pode ter nele um ponto de apoio: o santo desempenha o papel de um ‘padrinho celeste’, com todas as obrigações mútuas de padrinho-afilhado. O devoto deve prestar o culto ao seu santo de devoção de modo regular”¹⁹. É assim que, irmanados por um laço de parentesco, os afilhados do padrinho Cícero não deixam de visitá-lo, ao menos uma vez por ano²⁰. Para eles, pouco importa o estatuto que o Padre Cícero tem frente à Igreja Católica. Canonizado ou não, Cícero é o *seu* santo, “...o santo do Brasil, um dos mais importantes, senão o mais importante do mundo”²¹, exercendo um papel funcional de protetor dentro de um quadro de devoção ritual utilitária: “Ele é tudo, para o nordestino que lhe é devoto: santo, patriarca, padrinho, profeta, padre, político, conselheiro, pai, amigo, médico, modelo, mediador, intercessor, chefe, homem de oração e de ação, promessa, nostalgia do passado, esperança

¹⁸ Idem, *ibidem*.

¹⁹ RIBEIRO DE OLIVEIRA, “O Catolicismo do Povo”, in: *A Religião do Povo*, São Paulo, Paulinas, 1978, pág. 78.

²⁰ Nas entrevistas com romeiros, fica patente a preocupação com a periodicidade das visitas. A maioria deles faz questão de mencionar, além do número de romarias já realizadas, o fato de raramente deixarem de comparecer por mais de um ano consecutivo.

²¹ GUIMARÃES, Op. Cit, pág. 24. Tradução minha.

de um futuro melhor, o ancestral, enfim, suas próprias raízes”²². Segundo Luitgarde O. C. Barros, “no imaginário popular o Padre Cícero é um santo singular. Enquanto sertanejo ele é tratado com intimidade pelos mais humildes que o consideram quase um seu advogado junto a Deus. Suas apregoadas virtudes distinguem-no dos homens comuns, mas não o separam deles. Ele é visto como alguém capaz de entender melhor do que qualquer outro o drama do romeiro, por mais ínfimo que este seja. Na crença popular, esse padrinho íntimo - com quem se fala no português mais regional, é um protetor fortíssimo junto a Nossa Senhora das Dores de quem é filho dileto. ‘Abaixo de Nosso Senhor Jesus Cristo, é meu padrinho o que mais valia tem nos pés de Nossa Senhora das Dores!!!! (Zé Neco - romeiro de Alagoas em entrevista colhida em setembro de 1975...)’”²³.

Nordestino e santo, ou santo nordestino, o Padre Cícero (1844 - 1934) estaria dando continuidade, já num plano sobrenatural, à sua missão de proteger as populações pobres do Nordeste, a ele conferida pelo próprio Jesus Cristo num sonho. Recebida logo no início de sua carreira eclesiástica, essa visão teria sido norteadora de toda a sua atuação enquanto sacerdote e, mais tarde, líder político. Essa vocação para a liderança, somada ao ideário apocalíptico bastante difundido pelos sertões²⁴, contribuíram para que o sacerdote, assim como todo o movimento religioso constituído em torno de sua figura, acabassem recebendo um enquadramento dentro de uma tradição de estudos sobre fenômenos messiânicos. Na visão de uma pesquisadora como Maria Isaura Pereira de Queiroz, o Padre Cícero reunia uma série de características que o aproximavam da figura de um Messias²⁵. Entre outras

²² Idem, pág. 287. Tradução minha.

²³ BARROS, L. O. C. “Do Ceará, Três Santos do Nordeste”, In: Antropologia, São Paulo, Pontifícia Universidade Católica, 1980, pág. 52.

²⁴ Atribui-se às famosas Missões Populares, que percorreram o Nordeste entre fins do século XVII e o início do século XIX, a disseminação de um ideário apocalíptico-penitencial que criou raízes profundas no imaginário religioso nordestino: “Os pregadores franciscanos e dominicanos fizeram das suas missões verdadeiros processos penitenciais. A sua pregação era essencialmente moral e ascética. Anunciavam o fim do mundo e os castigos. Denunciavam os vícios, o luxo, a vida de diversão. Apresentavam a confissão dos pecados e a conversão como o remédio que aplaca a ira de Deus”. COMBLIN, Pe. J. “Para uma Tipologia do Catolicismo no Brasil”, in: Revista Eclesiástica Brasileira, vol. 28, fasc. I, março de 1968.

²⁵ M. I. P. Queiroz pauta-se pelas definições que Max Weber e Paul Alphandéry fazem da figura do messias: “O messias é alguém enviado por uma divindade para trazer a vitória do Bem sobre o Mal, ou para corrigir a imperfeição do mundo, permitindo o advento do Paraíso Terrestre, tratando-se pois de um líder religioso e social. O líder tem tal *status* não porque possui uma posição dentro da ordem estabelecida, e sim porque suas qualidades pessoais extraordinárias, provadas por meio de faculdades mágicas ou estáticas, lhe dão

coisas, Cícero encarnava a figura de um líder cujo carisma lhe garantia um domínio sobre a vida material e espiritual de sua comunidade. Daí seu caráter híbrido, sintetizado pelas figuras do patriarca e do padrinho, do político e do santo, que sempre foi motivo de debates acalorados entre pesquisadores, a quem incomodava a existência dessa liderança político-religiosa, dessa espécie de teocracia sertaneja, vergonhosa e atrasada para alguns, subversiva e perigosa para outros²⁶. A visão que tais pesquisadores formularam a respeito de Cícero está diretamente relacionada com a incompatibilidade ética prévia estabelecida entre política e religião²⁷. Daí advém rótulos tais que o de Coronel dos Coronéis, formulado no bojo de uma análise de cunho marxista, que acabou vendo no sacerdote um manipulador das massas sertanejas, “..um autêntico conciliador de interesses antagônicos, amortecedor de choques de classes, em favor do latifúndio”²⁸. O problema desse tipo de análise é ignorar

autoridade; trata-se, pois, de um líder essencialmente carismático. Assim, age graças ao seu dom pessoal apenas, colocando-se fora ou acima da hierarquia eclesiástica ou civil existente, desautorizando-a ou subvertendo-a, a ruptura da ordem estabelecida podendo ser breve ou de longa duração.” (QUEIROZ, M. I. P. *O Messianismo no Brasil e no Mundo*, São Paulo, Alfa e Ômega, 1977, 2ª ed, pág. 27). Alguns autores discordam de concepções como a de Maria Isaura Pereira de Queiroz quanto ao caráter messiânico do movimento de Juazeiro, entre eles Alba Zaluar Guimarães e Ralph Della Cava. Eles apontam para as especificidades do movimento de Juazeiro, cuja extensão temporal e os desdobramentos políticos divergem do caráter *revolucionário* dos movimentos que Queiroz estuda. Guimarães aponta alguns problemas na tentativa de formulação de uma *teoria geral do messianismo*. Segundo ela, além de transplantar para o solo brasileiro categorias forjadas em torno da realidade européia, essa linha de estudos peca por proceder a generalizações que obscurecem a análise de particularidades. Cf. GUIMARÃES, A. Z. “Os Movimentos ‘Messianicos’ brasileiros: uma leitura”, in: Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, (6), 1979; DELLA CAVA, R. *Milagre em Juazeiro*, Paz e Terra, 1977, pp. 18 - 19.

²⁶ Para uma resenha dos principais autores que lidaram com a questão do Padre Cícero e de Juazeiro, conferir SILVEIRA, I. “Estado Atual da Pesquisa sobre o Padre Cícero”, in: Revista Eclesiástica Brasileira, março de 1976; e CAMURÇA, M. *Marretas, Molambudos e Rabelistas. A revolta de 1914 no Juazeiro*. São Paulo, Maltese, 1994.

²⁷ Essa distinção, na visão de M. I. P. Queiroz, é típica das sociedades que passaram por um processo de laicização, a partir do qual a religião já não desempenha mais uma função globalizante, a que estão ligados os demais setores da vida social: “Por laicização estamos entendendo uma separação cada vez mais nítida do setor religioso, que se distingue pouco a pouco do setor econômico, do político, do doméstico e do educativo, a fim de formar um setor específico, empenhado quase que exclusivamente nas relações com o sobrenatural; neste processo de laicização as demais atividades perdem a conotação religiosa de que estavam embebidas. (...) Uma vez instalada a especialização, não houve mais um denominador comum que trouxesse uma unidade de visão para os indivíduos; colocados cada qual num setor de atividade, só podem chegar à visão do conjunto por um esforço especial de reflexão e de organização do pensamento, que apreenda mentalmente as relações de interdependência entre as diferentes partes do conjunto social, que não estão sempre aparentes. Esta síntese mental, repetimos, é desnecessária nas sociedades tradicionais; a interpretação das diferentes atividades sociais, seu revestimento religioso, faz com que sejam sempre percebidas, amalgamadas umas com as outras, formando um todo; e a religião, que permeia todas elas, aí está para fornecer a representação da totalidade, todas as vezes que esta pareça menos compreensível” (QUEIROZ, M. I. P. Op. Cit., pág. 411).

²⁸ FACÓ, R. *Cangaceiros e Fanáticos*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1963, pág. 174. Utilizando-se do instrumental de análise marxista, Facó vê no movimento religioso juazeirense um foco primitivo de luta

o fato de que as ditas massas sertanejas são poderosas manipuladoras de símbolos que lhes garantem a coesão social. Nesse sentido, vale a pena empreender uma mudança de enfoque, procurando resgatar um pouco do imaginário coletivo a partir do qual o Padre Cícero se constrói e é construído, enquanto símbolo, ao mesmo tempo, de conformismo e de resistência. No dizer de T. S. Guimarães:

O movimento popular em direção a Juazeiro é uma das expressões mais originais da religião no Nordeste brasileiro. Ele está relacionado ao passado, ao presente e ao futuro de um povo ainda jovem. Não seria surpreendente se nós descobríssemos aí o fundo mítico sobre o qual essa história se desdobra até nós. Muito menos surpreendente ainda seria se essa história se projetasse num porvir escatológico, que ela desembocasse à porta do céu. Mas essa história não se desenrola fora do mundo, nem do concreto de um combate diário contra a miséria, a fome, a sede. Trata-se da aventura de um povo mítico por natureza e cultura, que luta com as armas de suas crenças.

O movimento de Juazeiro não possui nada de um movimento desencarnado. As salvação material e espiritual se conjugam numa só esperança: 'viver'. Nós descobrimos o quanto o homem nordestino liga o pão e a lei, o trabalho e a oração, a dignidade e a obediência. Nós não podemos dizer que o movimento de Juazeiro seja utópico, alienante, mesmo que haja aí expressões alienantes e utópicas.

*Não se trata muito menos de um movimento revolucionário, embora aí se esconda um 'não-conformismo' diante de uma situação de miséria e de marginalização: 'Um dia, as coisas vão mudar, nós estaremos por cima; a própria Igreja reconhecerá que nós tínhamos razão..., que Padre Cícero é um santo'. Estas reflexões e muitas outras, nós as escutamos à saciedade, durante os anos passados em Juazeiro*²⁹.

dos sertanejos contra os latifundiários, que obedece tipicamente ao mecanismo classe dominante X classe dominada. O papel do Padre Cícero, nesse contexto, seria justamente o de arrefecer o potencial revolucionário de seus seguidores oferecendo-lhes o ópio da religião: "Em primeiro lugar, tratou sempre de fazer crer, nem que fosse pelo silêncio, na sua capacidade de obrar milagres. Os míseros que se aglomeravam em Juazeiro deviam, portanto, esperar de fenômenos extraterrenos sua salvação. Era o primeiro passo para quebrar-lhes o ânimo de luta, sabido embora que Juazeiro foi durante muitos anos, um foco permanente de agitações, de conflitos, de atritos, de brigas, em que as armas estavam à mostra e algumas vezes entravam em ação, nas mãos de gente decidida. Em segundo lugar, o Padre entregava, de pés e mãos atados, à saciedade dos latifundiários do Cariri aqueles homens que buscavam mais do que trabalho: buscavam, ainda que inconscientemente, a libertação social. Como já vimos, muitos milhares de sertanejos foram distribuídos como gado entre os coronéis do Cariri, dispersando-se e indo trabalhar quase de graça nos sítios locais, inclusive do próprio Padre Cícero. Em terceiro lugar, o Padre Cícero agia como advogado dos grandes proprietários territoriais, exculpando-os pelas violências e arbítrios, que em condições normais provocariam choques" (pp. 174 - 175).

²⁹ GUIMARÃES, Op. Cit., pp. 245 - 246. Tradução minha.

No compasso de *espera* pelo reconhecimento oficial de uma canonização que, diga-se de passagem, já realizam na prática de uma vivência simbólica e ritual cotidiana³⁰, os devotos do padrinho Cícero encontram na fé não só uma chave interpretativa para a realidade, mas um poderoso elemento formador de sua própria identidade social. Ao reafirmar a crença na salvação e nos poderes sobrenaturais do Padre Cícero, através da promessa e da penitência, do canto, da reza e da romaria à Terra Santa, o fiel *re-afirma* seu próprio lugar no mundo dos homens e das forças da natureza. Nesse sentido, a esfera do sagrado jamais vai estar desvinculada dos diversos níveis concernentes à existência cotidiana. Segundo Brandão, para as camadas populares, o imaginário religioso funciona como elemento explicativo essencial para questões individuais e coletivas:

*A religião dá nomes a todas as coisas e torna, até mesmo o incrível, possível e legítimo. Para os efeitos da vida, ela pretende sempre envolver o repertório mais abrangente das questões e fazer as respostas mais essenciais, de acordo com os interesses políticos, mas também de acordo com os medos e as esperanças das mais diversas categorias de pessoas. No caso dos sujeitos de quem falo aqui com mais empenho, a religião é o explicador mais usual e, muitas vezes, o mais acreditado. Qualquer pesquisador das formas populares de cultura e dos modos subalternos de vida sabe que ali quase não há esferas de uma e de outros que não estejam envolvidas e significadas pelos valores do sagrado*³¹.

Não é de estranhar, portanto, que à religiosidade popular tenha sido atribuído, amiúde, um papel orgânico, do ponto de vista político-social. Tornou-se lugar comum encará-la como manifestação ideológica de classe, carregada de um potencial político de resistência e transformação. O segredo para entender essa politização da religião reside no

³⁰ A religiosidade popular está toda calcada numa re-atualização ritual, corpórea até, de símbolos e mitos coletivamente constituídos. Tal processo não se limita à esfera puramente mental, uma vez que "...a compreensão de um símbolo não consiste em se captar a sua significação de modo racional, mas em vivenciá-lo existencialmente, na intenção simbólica, como a única referência a alguma coisa transcendente" (VELHO, O. *Besta-fera - Recriação do Mundo*, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1995, pág. 65). Daí a necessidade da dança, da música, de imagens, de construções verbais específicas, enfim, de ritos que dêem suporte a todo um corpo de crenças constituidoras da identidade grupal.

³¹ BRANDÃO, C. R. *Os Deuses do Povo*, São Paulo, Brasiliense, 1980, pp. 16 – 17.

fato de que, embora estruturada em torno de um discurso transcendente, ela apresenta respostas concretas às questões inerentes ao convívio e à organização social. Viver como irmãos, filhos de um Pai Celestial, que a todos educa e castiga, certamente não deixa de se constituir numa conduta coletiva que *re-afirma* a opção por um sistema de parentesco.

Exemplos representativos emblemáticos disso podem ser encontrados em movimentos de cunho apocalíptico-messiânico. Não é por acaso que fenômenos como Canudos e Contestado, essencialmente *conservadores* e *tradicionalistas*, tenham sido reconhecidos como alternativas sociais concretas, revolucionárias até, à desintegração por que vinha passando, naquele momento, o modo de vida camponês³². Calcados numa mitologia judaico-cristã de teor apocalíptico-messiânico, esses *movimentos*, pelo seu próprio caráter dinâmico, surgem, na visão de M. I. P. Queiroz, como reação a uma anomia social provocada pelo choque entre o sistema de parentesco camponês e o sistema econômico capitalista³³.

No caso de Juazeiro, fica difícil imaginar os romeiros travestidos em militantes, ou qualquer coisa que o valha, engajados numa luta política de libertação contra seus presumíveis opressores - Igreja, Estado, Patronato. Trata-se de uma concepção estereotipada, por muito tempo cara aos representantes de grupos de esquerda. A atitude

³² Vale a pena citar M. I. P. Queiroz: "Falsamente conservador, o movimento messiânico é verdadeiramente revolucionário, se definirmos revolução como o ataque à ordem social existente com o fito de transformá-la. Sua função, quanto à estrutura, era nitidamente subversiva: promovia uma reviravolta e guindava ao nível superior aqueles que ocupavam os níveis inferiores, invertendo a hierarquia social existente; e quanto à organização dos padrões era inovadora, pois compunha em bases novas os comportamentos sociais. A qualidade revolucionária dos objetivos é disfarçada pela proclamação de que seguem um modelo que foram buscar no passado, o que era forçoso, dadas as fontes de valor da sociedade" (QUEIROZ, M. I. P. Op. Cit., pág. 136).

³³ É M. I. P. Queiroz quem apresenta a hipótese de que os movimentos messiânicos surjam como resultado de uma anomia na organização social camponesa, resultante de uma desestruturação de seu sistema de parentesco pela implantação progressiva do sistema econômico. Transcrevo a seguir um trecho em que a autora procura estabelecer as características de cada um desses sistemas: "A civilização ocidental hoje em dia se apóia numa estrutura primordialmente regida por um sistema econômico, coadjuvado por vários outros, mas em que é o principal distribuidor, em níveis diferentes, de indivíduos e grupos pelo espaço social. Tem por fundamento também intenso processo de divisão do trabalho, que a tornou extremamente complexa, e engloba estruturas correspondentes aos diferentes setores sócio-culturais, integrados pela interdependência, mas sendo, no entanto, bem distintos entre si.

As sociedades primitivas com que lidamos até agora (pois só algumas foram objeto de nossas observações), se apóiam numa estrutura primordialmente regida pelo sistema de parentesco. Rudimentares do ponto de vista da divisão do trabalho, apresentam os setores sócio-culturais emaranhados uns nos outros, com esboços de estruturas e integrados pela interpenetração recíproca, de modo que é difícil destacar-lhes os limites" (QUEIROZ, M. I. P. Op. Cit., pág. 146).

dos fiéis caminha muito mais no sentido de *re-afirmar* e de *re-atualizar* a vivência das relações fraternas entre afilhados de padrinho Cícero, entre filhos de Deus e de Nossa Senhora das Dores, desenvolvendo uma postura de resistência frente às investidas do poder. Sua relação com a Igreja, por exemplo, oscila entre o não-conformismo e a aceitação de determinados códigos devocionais, até porque não deixa de existir, de sua parte, um respeito muito grande pela instituição e seus sacramentos. No dizer de Antoine Vergote, “...assim como foi durante muito tempo tradição na Igreja, o Pe. Cícero foi canonizado inoficialmente pelo povo. O que particulariza o caso de Juazeiro é que o povo canoniza um padre marcado por uma condenação da Igreja e que ficou muito tempo suspeito aos olhos de certas autoridades eclesiais do Brasil. Penso poder dizer que o povo de Juazeiro não canonizou o Pe. Cícero em oposição às autoridades da Igreja, mas apesar da condenação da Igreja oficial. Canonizando-o, apesar da oposição das autoridades, o povo de Juazeiro agiu como o próprio Pe. Cícero: com grande independência, obedecendo a sua consciência mas querendo sempre permanecer fiel à Igreja”³⁴.

Nesse sentido, ao mesmo tempo em que canonizam o Padre Cícero, sem contar com o referendo oficial, os romeiros se submetem a uma série práticas e de eventos que visam adaptar sua fé na santidade à liturgia católica. Durante a romaria, por exemplo, eles rezam missas e novenas em louvor à alma do finado padre, lembrado, dessa maneira, como um ente querido, não como santo. Padre Murilo, o pároco de Juazeiro, quando invoca o nome de Cícero, não se refere a um santo, mas a um homem digno de nota pelas suas virtudes cristãs. O sentimento que move toda aquela gente, justamente sua crença na santidade e no caráter transcendente de seu padrinho, só aparece nas entrelinhas do discurso, através da menção apelativa ao amor e à reverência dos romeiros, sintoma de que Igreja e fiéis entabulam uma constante negociação em torno dos símbolos e dos rituais que lhes são caros. Trata-se de um jogo *político*, que reflete, num determinado sentido, a própria postura desenvolvida pelo Padre Cícero ao longo de sua vida. Enquanto chefe político e religioso, ele sempre evitou a ruptura com os poderes instituídos. Sua atuação, pelo contrário, esteve

³⁴ VERGOTE, A. “O Padre Cícero sob o olhar da psicologia religiosa”, in: Memorial – Revista Documentária Comemorativa dos 150 Anos de Nascimento do Padre Cícero Romão Batista, Lions Club, Juazeiro do Norte, 1994, pág. 12.

voltada para o acúmulo de poder, o que contribuiu não só para garantir a sobrevivência de seu reduto religioso, como para fazer dele um importante centro econômico.

Para entender um pouco dessa relação torna-se imprescindível um passeio prévio pela História. Falar em Juazeiro do Norte significa falar, necessariamente, em Padre Cícero, personagem a quem a cidade deve a sua constituição e a atual pujança. Em pouquíssimos anos, graças ao fenômeno Padre Cícero, Juazeiro deixou de ser um mero distrito subordinado à cidade vizinha, Crato, para tornar-se um dos municípios mais desenvolvidos do Ceará, uma metrópole regional que só perde em número de habitantes para a capital, Fortaleza³⁵. Os moradores, quase todos descendentes de ex-romeiros estabelecidos na terra graças à intervenção e orientação do Padre, e, mais especificamente as elites dirigentes, orgulham-se das marcas de modernidade e riqueza que a cidade ostenta, a ponto de enumerá-las com minúcia: aeroporto, shopping, estádio de futebol “Romeirão” com capacidade para trinta mil pessoas, Ginásio Poliesportivo, Memorial Padre Cícero, oito agências bancárias, seis jornais com edições periódicas, etc³⁶.

Na visão de alguns, o próprio crescimento econômico vertiginoso da cidade teria se constituído no maior milagre do Padre Cícero. É o que afirma o senhor Zeca Marques, comerciante tradicional: “Esse aqui é o primeiro milagre que ele fez. O primeiro milagre não é milagre que ele fez não, viu, é o progresso que Juazeiro teve depois que ele chegou pra cá. A gente considera milagre, viu”³⁷. O mais interessante é que esse *milagre econômico* sempre esteve diretamente ligado a manifestações coletivas de fé, as romarias, sustentadas por um conjunto de fiéis que acredita em milagres e na vocação redentora daquele território sagrado. Juazeiro é identificada como sendo a própria Terra Santa, o que não acontece por acaso. A cidade fica num verdadeiro oásis, o Vale do Cariri, terra de promessa alimentada pelas águas da Chapada do Araripe, no extremo sul do Ceará. Ao redor dessa região, sempre verde, resta a aridez de uma paisagem castigada pelas secas, um

³⁵ Juazeiro do Norte conta hoje em torno de 190 mil habitantes. Cf.: COLOMBINI, L. Op. Cit.

³⁶ Dados apresentados num panfleto distribuído pelo seu próprio autor durante a romaria de finados de 1998. COIMBRA, Dário Maia, Juazeiro do Norte - Capital da Fé e do Trabalho (Retrato Escrito da Terra Ciceropolitana), Juazeiro do Norte, Lions Club.

³⁷ Entrevista concedida à pesquisadora durante a romaria de finados de 1998.

deserto que os peregrinos os estados fronteiriços cruzam periodicamente, fazendo lembrar o êxodo dos hebreus, conduzidos por Moisés na sua busca pela Terra Prometida³⁸.

Juazeiro portanto cresceu graças à crença de milhares de pessoas nos poderes sobrenaturais e nos dotes taumatúrgicos de um patriarca, que, enquanto chefe político e espiritual, soube canalizar a fé popular no sentido de garantir o desenvolvimento de sua terra: “Em Juazeiro, por exemplo, o Padre Cícero fora o motor que transformara um lugarejo perdido, de poucas casas, em cidade grande e movimentada, o maior centro econômico de sua região; procurara incrementar não apenas a agricultura, mas transformá-la de agricultura de subsistência em agricultura mercantil. Reconhecendo a importância das estradas para o progresso, promovera sua abertura, procurando ligar Juazeiro à capital do Estado, isto é, ao litoral; e estas estradas, ao invés de aniquilarem a comunidade messiânica, tinham possibilitado a chegada de um número maior de romeiros. Padre Cícero não foi um simples catalisador inconsciente do progresso; procurou voluntária e intencionalmente estimulá-lo, tentando dotar sua cidade de todos os melhoramentos que, na sua idéia, eram indispensáveis ao grande centro urbano com que sonhava”³⁹.

Asfalto e sertão, desenvolvimento econômico e fé religiosa. Símbolos do progresso em contraste com marcas de um suposto atraso convivem lado a lado na história de Juazeiro: “De onde considerar Raimundo Girão que Juazeiro era formada ‘de duas cidades

³⁸ A identificação de Juazeiro com a Terra Santa acompanha toda uma série de empréstimos simbólicos à Bíblia e ao cristianismo. Otávio Velho promove uma discussão bastante interessante a respeito do que ele chama de cultura bíblica, que forneceria a chave interpretativa para categorias tais que Besta-fera e cativo, comumente encontradas na religião popular, e que foram entendidas por outros pesquisadores como metáforas da dominação político-econômica sofrida pelas classes subalternas. Na visão deles, o cativo seria uma tradução de noções tais que capitalismo, autoritarismo, expropriação, proletarianização, enquanto que a Besta-fera do Apocalipse representaria o Estado, as classes dominantes e a economia mercantil (bancos, dinheiro, etc). Encarando esse tipo de analogia como reducionista, Velho propõe que a manipulação dessas categorias pelo povo se faça tendo por base uma referência contínua ao texto da Bíblia, e, num âmbito maior, à própria “cultura bíblica” de que se revestiria o seu cotidiano: “Portanto, parece razoável supor que também em relação à referência bíblica esteja em jogo, do ponto de vista dos informantes, mais do que uma simples construção analógica, bem como uma concepção de tempo diversa daquela a que estamos acostumados. Em outras palavras, que a ‘cultura bíblica’ em questão o seja num sentido *forte*, que vai além do mero recurso instrumental a termos e expressões, e atinge o nível das crenças e atitudes profundas. E isso de um modo menos perceptível para um observador que se coloque exclusivamente de um ponto de vista externo, a buscar os significados *reduzindo-os* a outros níveis de realidade e tomando-os mais como sinais de algo supostamente conhecido (como capitalismo, autoritarismo, etc.) do que como simbologia plena de eficácia...” (VELHO, Op. Cit., pp. 16-17).

superpostas uma à outra: a Cidade Santa, dos romeiros e das preces, e a Cidade Econômica, da indústria e do comércio...’ No entanto, a descrição que efetuamos mostra que não se pode falar em superposição, mas sim em coincidência; a cidade do comércio e dos negócios também fora criada e orientada pelo Padrinho, uma vez que ele incitara os antigos agricultores a desenvolver outras atividades que dessem independência econômica ao seu burgo e, mais tarde, a seu município, tornando-o também o fornecedor dos vizinhos em mantimentos e artigos fabricados”⁴⁰.

A própria trajetória do Padre Cícero, que culmina no movimento de romarias, festas híbridas, de caráter ao mesmo tempo religioso e econômico, vai ser emblemática desse imbricamento.

Na década de 40 do século XIX, mais precisamente a 24 de março de 1844, nascia na cidade do Crato, na época a mais desenvolvida do Vale do Cariri, o menino Cícero Romão Batista, filho de Joaquina Vicência Romana e de Joaquim Romão Batista, um pequeno comerciante. Desde muito jovem, o garoto revelava forte inclinação para a vida religiosa, a ponto de, ainda com doze anos, ter feito voto de castidade.

A muito custo pôde realizar seus estudos e ordenar-se padre pelo Seminário da Prainha, de Fortaleza. Graças ao auxílio de seu padrinho, Antônio Luis Alves Pequeno, um influente coronel cratense que lhe ajudou quando da morte de Joaquim Romão, em 1865, Cícero retornou ordenado à sua cidade natal em 1871, dedicando-se ao ensino de latim, ao mesmo tempo em que celebrava missas nas capelas da região.

Em dezembro desse mesmo ano, foi convidado por um dos moradores de Juazeiro, na época um pequeno vilarejo subordinado ao Crato, para rezar a Missa do Galo na Capela de Nossa Senhora da Dores. É aí que tem início a quase indissolúvel relação entre sua biografia pessoal e a história desse lugar. Em 1872, após rezar várias missas domingueiras no vilarejo, Cícero decidiu mudar-se para ali, juntamente com sua mãe e irmãs. O religioso, então com vinte e oito anos, cumpria com uma ordem que lhe teria sido atribuída por Jesus num sonho, cuidar dos pobres e desvalidos sertanejos. Essa é uma imagem que vale a pena

³⁹ QUEIROZ, Op. Cit., Pág. 344.

⁴⁰ Idem, pág. 260.

apresentar na íntegra, pelo que ela revela do imaginário religioso sertanejo e de sua relação com o que Otávio Velho chama de cultura bíblica, entendida enquanto um elemento norteador das próprias ações coletivas e/ou individuais.

Numa tarde sertaneja, quente e poeirenta, o Padre Cícero retira-se para uma das salas da pequena escola em que administrava a confissão, procurando descansar. Ele dorme, recebendo, no seu sonho, uma visão (e uma incumbência):

13 homens em vestes bíblicas entraram na escola e sentaram-se envolta da mesa do professor, numa disposição que lembrava a “Última Ceia” de Leonardo da Vinci. O padre sonhou então que acordava e levantava-se para espiar os visitantes sagrados, sem que estes o vissem. Nesse momento, os 12 apóstolos viraram para olhar o Mestre (...) No momento em que o Cristo imaginário levantava-se para dirigir a palavra a seus Apóstolos, um bando de camponeses miseráveis entrou, de repente, na escola. Carregando seus parcos pertences em pequenas trouxas sobre os ombros, estavam os homens e as mulheres vestidos de farrapos, e as crianças nem isso tinham. Davam a impressão de virem de muito longe, de todos os recantos dos sertões nordestinos. Cristo, então, virou-se para eles e falou, lamentando a ruindade do mundo e as inumeráveis ofensas da humanidade ao Sacratíssimo Coração. Prometeu fazer um último esforço “para salvar o mundo” mas, caso os homens não se arrependessem depressa, Ele poria fim ao mundo que Ele mesmo havia criado. Naquele momento, Ele apontou para os pobres e voltando-se, inesperadamente para o jovem sacerdote estarrecido, ordenou: “E você, Padre Cícero, tome conta deles”.

“Com essa ordem”, contou o padre a um amigo anos depois, “acordei e não vi mais nada; mas pensei um pouco e decidi, mesmo errado, a obedecer”⁴¹

Juazeiro do Norte, portanto, nasce a partir “...de um sonho místico, encarado com seriedade por um jovem sacerdote”⁴². Uma vez instalado no pequeno vilarejo, enquanto pároco, empreendeu uma ação moralizadora, proibindo danças como o samba, considerado lascivo, fazendo com que os homens parassem de beber, promovendo a confissão pública das prostitutas.

⁴¹ DELLA CAVA, R. Op. Cit. pág. 24.

⁴² GUIMARÃES, Op. Cit., pág. 43.

Merece atenção também a boa reputação de que gozava entre os sertanejos, devido à fama de homem pobre e sem apego aos bens materiais. Segundo Della Cava, o padre raramente cobrava ao ministrar os sacramentos, o que era raro entre o clero nessa época, a ponto de sua família viver à beira da miséria, tendo que, vez por outra, pedir esmolas aos habitantes de Juazeiro: “...sua mãe precisava mandar alguém, de porta em porta, mendigar a comida para mantê-los”⁴³.

O padre dava mostras, portanto, de que cumpria à risca a ordem divina, apresentando uma conduta religiosa muito ligada aos preceitos do catolicismo popular que já se encontravam muito arraigados no sertão, traduzidos por uma “mentalidade penitencial e fraternal”⁴⁴. No dizer de Régis Lopes, “trata-se de uma tradição que claramente defende a existência da sociabilidade fraternal, baseada no amor entre ‘filhos de Deus’, e, ao mesmo tempo coloca o sofrimento (in)voluntário como uma privilegiada via de acesso ao paraíso eterno”⁴⁵. Na sua gênese, estão as práticas dos missionários europeus que percorriam os sertões nordestinos entre fins do século XVII e o início do século XIX. Além de toda uma pregação apocalíptica em torno da necessidade da purgação espiritual, da penitência, vista como o único meio de se obter a salvação da alma, os missionários levavam uma vida humilde e sem qualquer tipo de conforto, tornando-se muito queridos pelo povo nordestino. Câmara Cascudo faz uma síntese bem interessante desse processo: “As sandálias, a barba longa, o hábito rústico, a coragem diária, o hábito das missões sem conforto e sem fim deram aos capuchinhos, em trezentos anos de campanha, a glória dessa tradição...no coração do povo”⁴⁶.

Mas o Padre Cícero deve sua incorporação “à glória dessa tradição” não só às influências do modelo missionário. Segundo Luitgarde Barros⁴⁷, foi determinante sobre ele a ação de um outro religioso, o Padre Mestre Ibiapina, que, desde a década de cinquenta do século XIX, desenvolvera uma prática religiosa totalmente voltada para as populações sertanejas miseráveis. Por cerca de trinta anos, Ibiapina percorreu o sertão nordestino, à

⁴³ DELLA CAVA, R. Op. Cit. pág. 42.

⁴⁴ LOPES, F. R. “A Irmandade dos Penitentes”. In: Programa da Exposição “A Religiosidade no Ceará”, Fortaleza, Museu do Ceará, s/d.

⁴⁵ Idem, pág. 22.

⁴⁶ Câmara Cascudo. Apud LOPES, Op. Cit., pág. 21.

⁴⁷ BARROS, L. O. C. *A Terra da Mãe de Deus*, Rio de Janeiro: Francisco Alves; Brasília: INL, 1988.

maneira dos missionários, fazendo pregações que inflamaram o povo sertanejo, e que, ao mesmo tempo, perturbaram a cúpula da Igreja Católica. Sua ação, entretanto, não se limitou ao campo espiritual, dirigindo-se no sentido de promover melhorias materiais para as populações sertanejas, sempre desassistidas pela Igreja e pelo Estado. Nesse sentido, Ibiapina incentivou a prática de mutirões, construiu açudes e casas de caridade, o que também acabou fazendo o Padre Cícero, atraindo para si a fama de caridoso e de protetor, e, por extensão, de santo: “Pelo sertão do Piauí a Pernambuco, no interior da Bahia, nos Cariris Novos, o povo vislumbrou em Ibiapina, Conselheiro e Padre Cícero a preocupação com o nordestino, a ligação com seu sofrimento, a comunhão com sua desgraça e suas esperanças, a prática de vida aconselhada pelo Evangelho e os distinguiu entre todos os homens. Deu-lhes a grandeza, o poder, a força e a bondade do mito. Viu-os irradiando luz e sabedoria, bondade e amor - Viu-os Santos!! Não aquela santidade determinada pelos teólogos especialistas do Vaticano: mas aquela santidade construída no cotidiano de amargura, trabalho e esperança de homens destituídos de poder, direitos e cidadania”⁴⁸.

Em pouco tempo, a fama do Padre Cícero se espalhou pelo sertão, atraindo para Juazeiro um número considerável de fiéis, transformando-se a vila num aglomerado de centenas de habitações. Ao Padre Cícero coube o gerenciamento dessa explosão demográfica. Ele deu início a um plano econômico que incluía a diversidade de culturas

⁴⁸ BARROS, L. O. C. (1980) Op. Cit., pág. 52. Segundo Barros, a categoria de santidade no catolicismo popular se define pela própria vivência de uma práxis do Evangelho: “O trabalho, o respeito ao homem, a proteção aos que sofrem, a igualdade, a ausência da fome, desprendimento de dinheiro, respeito às donzelas, boa convivência, humildade, equilíbrio de conduta, são essas as características da santidade. A prática dessa ética, isto é, uma vida nessas práticas, eis a decodificação da categoria santo. Em contraposição, o pecado será a fome, ambição, desigualdade, arrogância, violência, exploração, preguiça, concupiscência, desregramentos sexuais, desarmonia.” BARROS, L. O. C., (1988) Op. Cit, pág. 188. Logo, ser santo, nesse contexto, mais do que apresentar dotes taumatúrgicos ou poderes sobrenaturais, é “...ser bom. Eu digo no me folheto *A Carta Aberta ao Papa*, ser santo é ser humilde, é ser...é ser beneficente, é ser tolerante, é ser paciente, é ser prudente, é ser cavalheiro, é dividir, é dividir o pranto, a lágrima, o sacrifício, o pão. Ser santo é ser bom e isso o Padre Cícero era, porque Padre Cícero recebia uma coisa...um presente com a mão direita e entregava com a mão esquerda, ou recebia com a esquerda, entregava com a

agrícolas, o plantio de mandioca em larga escala, a ocupação das terras devolutas do Cariri, além da formação de mão-de-obra especializada na cidade, que passou a contar com artesãos que se encarregavam dos mais variados ofícios.

Em 1889, acontecimentos extraordinários envolvendo sua figura vieram a selar, definitivamente, a fama de santo que já lhe era atribuída devido a suas virtudes religiosas. Na madrugada de primeira sexta-feira de março daquele ano, a hóstia dada pelo padre à beata⁴⁹ Maria de Araújo transformou-se em sangue. O fenômeno repetiu-se por várias vezes, acompanhado por algumas outras manifestações materiais do que seria a presença do Senhor, como conversas da beata com Jesus, êxtases e sangramento de crucifixos, o que foi imediatamente interpretado como um milagre pelos sertanejos, e, mais do que isso, como um prenúncio do final dos tempos. Era o sangue de Cristo sendo vertido num sinal de alerta aos pecadores, que deveriam converter-se à fé para ganhar a morada divina no dia do Juízo.

Em pouco tempo, Juazeiro tornou-se um centro de romarias, tido como a Nova Jerusalém, e a sua geografia foi tomando contornos místicos. O Rio Salgadinho, que corre no centro da cidade, foi apelidado de Rio Jordão. A Serra do Horto, onde atualmente se encontra a estátua do padrinho, era o Jardim das Oliveiras. Lá se encontravam a Capelinha do Santo Sepulcro e a Fonte de Santa Ana, cujas águas, na concepção dos fiéis, detinham poderes milagrosos. A estrada que levava até o alto era próprio caminho do Calvário.

Segundo Della Cava, foram as beatas de Juazeiro que “deram asas à religião popular que nascia”⁵⁰. Espécies de freiras que se vestiam com hábitos e se dedicavam à devoção religiosa, congregadas numa organização religiosa mais ampla fundada, anos antes, pelo Padre Mestre Ibiapina, as beatas começaram a propagar a idéia de que a transformação da hóstia em sangue, aliada à queda recente da monarquia e à instituição do casamento civil obrigatório, que retirava do matrimônio religioso todo e qualquer caráter oficial, seriam indícios seguros de que o fim dos tempos estaria próximo. Do ponto de vista teológico, o

direita” (Trecho de entrevista concedida a mim pelo poeta João Bandeira durante a romaria de Nossa Senhora da Candeias de 1996).

⁴⁹ As “beatitas” constituíram-se em elementos centrais na formação do movimento de Juazeiro. Espécies de freiras, ligadas a uma congregação oficiosa fundada anos antes pelo Padre Mestre Ibiapina, estas mulheres acabaram incentivando a fé popular, mantendo viva a crença nos milagres.

reconhecimento do milagre representaria uma ameaça ao ensinamento doutrinário católico, segundo o qual não poderia haver uma segunda redenção. A “chance” de salvamento da humanidade só teria sido dada por Deus à humanidade uma vez. Criou-se um impasse doutrinário que levou a Igreja Católica oficial, em pleno processo de romanização⁵¹, a procurar reprimir o movimento religioso que fermentava em Juazeiro, inaugurando a chamada Questão Religiosa. Tendo recebido a notícia dos milagres por outras fontes que não a própria comunicação de seu subordinado, o bispo acusou-o de desobediência à sua autoridade, instalando um processo de investigação que culminou com a suspensão das ordens religiosas do sacerdote. Este chegou a empreender uma viagem a Roma, em 1898, no intuito de reavê-las e de defender a validade dos milagres, mas não obteve sucesso.

A repressão contra os milagres abrangeu, ainda, o movimento como um todo, visto como um perigoso gérmen de fanatismo a ser erradicado. Ordenou-se o fim das romarias, a nulidade e o caráter supersticioso das promessas dos romeiros, a recolha e queima de escritos destinados à defesa do Padre Cícero, cujos autores deveriam receber penas tais que a suspensão de ordens, no caso de padres, ou a interdição aos sacramentos, no caso de leigos.

Em 1897, com o estouro da campanha oficial contra a Canudos de Antônio Conselheiro, na Bahia, o Padre Cícero passou a ser comparado ao líder dos *fanáticos* e Juazeiro, tida como um possível foco de desordem contra o Estado. Entretanto, segundo Barros⁵², só não teve o mesmo fim porque o Padre Cícero soube articular uma estratégia de sobrevivência política, que consistiu na divulgação de atestados de sua boa conduta moral,

⁵⁰ DELLA CAVA, R. Op. Cit., pág. 79.

⁵¹ O processo de *romanização* foi implantado pela Igreja, na segunda metade do século XIX, com o fito de exercer um maior controle sobre as práticas religiosas dos fiéis. O objetivo do clero era impor sua autoridade através da observância à ortodoxia Católica Apostólica Romana, baseada nos sacramentos, o que retiraria do elemento leigo o papel central que até então exercera na vida religiosa colonial, o de agente de práticas devocionais. Nesse sentido, inúmeras estratégias de desvalorização do catolicismo dos leigos foram tomadas, tais como a substituição das devoções aos santos tradicionais por devoções européias; a subordinação de associações e confrarias, antes coordenadas por leigos, a sacerdotes; o controle de santuários e locais de romaria, que passaram a ser administradas por ordens religiosas estrangeiras; a substituição das festas religiosas, que passaram a ter no padre a figura do principal *festeiro*. Cf.: RIBEIRO DE OLIVEIRA, P. A. “Catolicismo Popular e Romanização do Catolicismo Brasileiro”, in: Revista Eclesiástica Brasileira, vol. 36, março/76; FIGUEIREDO LUSTOSA, O. “Presença da Igreja no Brasil (Colônia e Império) Perspectivas e Problemas”, in: *A Religião do Povo*, São Paulo, Paulinas, 1978.

⁵² BARROS (1988), Op. Cit.

cívica e religiosa, cuja função era afastar as suspeitas que sobre ele recaíam, e, dessa maneira, neutralizar a tentativa da hierarquia religiosa em transformá-lo, aos olhos do governo, em desordeiro e agitador das massas sertanejas.

Uma outra postura defensiva do Padre Cícero nesse período caracterizou-se por uma guinada paulatina em busca de poder político e econômico, além da tentativa de conquistar a simpatia de ordens religiosas estrangeiras. Tais atitudes, na opinião de Barros, contribuíram para salvaguardar Juazeiro dos ataques da Igreja, que “...não serão mais desfechados contra um pobre e humilde pároco suspenso de ordens, mas contra um poderoso senhor de terras e de dinheiro. O Juazeiro não será apenas um reduto de fanáticos, fácil presa dos choques de ambição; será um lugar símbolo de um extenso universo de crenças, a capital de um país cultural incluso na sociedade mais ampla”⁵³.

É a partir desse momento que começa a despontar uma das facetas mais polêmicas do Padre Cícero, de político e de homem de ação que detém em mãos não só o domínio espiritual de seu reduto religioso, mas também o poder temporal sobre ele. Uma série de autores atribui essa mudança às influências de Floro Bartholomeu da Costa, um ambicioso médico que, estabelecido em Juazeiro em 1908, logo conquistou as graças do sacerdote, tornando-se, por mais de quinze anos, seu braço direito e principal articulador político. Segundo Della Cava, “...até sua morte em 1926, foi ele a figura a mais importante da história de Juazeiro, sobrepujada apenas pela do Padre Cícero”⁵⁴.

Em 1911, após apoiar o movimento em prol da autonomia de Juazeiro em relação ao município do Crato, de que Floro foi um dos principais defensores, Cícero tornou-se seu primeiro prefeito, concentrando em suas mãos todo o aparelho de governo. Nessa época, ele exclamava “...orgulhoso a alguém que o visitava: ‘- Meu amigo, aqui o prefeito, a Câmara, o juiz, o delegado, o comandante, a polícia, o carcereiro, - sou eu!’ E era-o realmente, na medida em que essas autoridades, agora existentes, se viam obrigadas a obedecer-lhe em tudo. (...) Na autoridade religiosa do Padre Cícero se baseavam chefia econômica, civil, política...”⁵⁵.

⁵³ Idem, pág. 78.

⁵⁴ DELLA CAVA, Op. Cit. pág. 145.

⁵⁵ QUEIROZ, Op. Cit., pág. 264.

No plano político estadual, Cícero aliou-se às forças conservadoras da oligarquia Acioli, destituída do poder em 1912 pelo movimento das *Salvações* no Nordeste⁵⁶. O governador salvacionista, Franco Rabelo, procurando neutralizar o último grande foco de resistência aciologista no estado, mandou tropas ao Crato e substituiu o telegrafista e o delegado de Juazeiro. Em fins de 1913, a situação caminhava para um conflito armado, deflagrado no início do ano seguinte, após uma tentativa frustrada de golpe arquitetada por Floro Bartholomeu, que tinha o apoio do governo federal. Sem saída, diante da perspectiva de um ataque iminente do inimigo, que concentrava suas tropas na cidade do Crato, Cícero, que vinha mantendo uma atitude contemporizadora, viu-se obrigado a lançar seus romeiros numa guerra sangrenta, que ficou conhecida como a Sedição do Juazeiro e que culminou com a deposição de Franco Rabelo⁵⁷. Em poucas horas, a população de Juazeiro construiu trincheiras ao redor da cidade, resistindo por mais de um mês ao ataque das forças rabelistas. Quando a carência de alimentos decorrente do cerco tornou-se insuportável, os combatentes ciceristas, comandados por Floro Bartholomeu, passaram da defensiva ao ataque, que foi fulminante. Em menos de um mês, conquistaram as cidades de Crato e Barbalha, dirigindo-se à capital. Em Fortaleza, engrossadas pelas tropas federais, as forças anti-rabelistas acabaram por derrubar o *salvador*, passando a ocupar o poder, enquanto interventor nomeado, o general Setembrino de Carvalho.

⁵⁶ O movimento das *Salvações*, no Nordeste, foi um reflexo das disputas políticas que ocorriam a nível nacional. A *Campanha Civilista* de 1910, encabeçada por Rui Barbosa, então candidato à presidência, pôs em evidência o descontentamento das camadas médias da população urbana para com a política da elite agrária. A vitória do General Hermes da Fonseca nas eleições daquele ano contribuiu para que o exército se transformasse na força política dominante. Em pouco tempo, instalou-se uma dissidência, causada, em boa parte, segundo Della Cava, pela "...reafirmação das simpatias e das origens do exército vinculadas essencialmente à classe média". Uma série de oficiais colocaram-se como opositores dos regimes oligárquicos, "...o que levou à derrubada das máquinas oligárquicas no Pará, na Bahia e em Pernambuco. Essas vitórias foram deliberadamente aclamadas como 'salvações' e os novos governadores militares acolhidos como 'salvadores'" (DELLA CAVA, Op. Cit. pág. 176).

⁵⁷ A respeito da participação de Cícero no conflito, Della Cava afirma que o sacerdote teria sido um "...cúmplice atônito e indeciso" de Floro Bartholomeu, do Coronel Antônio Luis Alves Pequeno, chefe político do Crato e dos aciologistas. O autor fia-se na autodefesa do padre, registrada em seu testamento, em que ele afirma que "não fez a revolução (que se seguiu) nela não tomou parte, nem para ela concorreu, nem teve (ele)...direta ou indiretamente a menor parcela de responsabilidade nos fatos ocorridos". Apesar dessa afirmação, Della Cava indica que o padre se viu obrigado a tomar atitudes em defesa da

Após a Sedição, consolidou-se o poderio político do Padre Cícero. Ainda em 1914, ele foi eleito vice-governador, chegando a deputado federal em 1926. Nesse mesmo ano, Juazeiro recebeu a controvertida visita de Lampião e de seu bando. O cangaceiro, convidado por Floro Bartholomeu a ajudar no combate à Coluna Prestes, que passava pelo Ceará naquele período, teria se dirigido à cidade do padrinho para receber a sua bênção e a famosa patente de capitão da Guarda Nacional, que, mais tarde, descobriu não ter nenhuma validade legal.

Paralelamente à sua atuação política, nota-se um esforço contínuo de Cícero no sentido de afastar de Juazeiro as manifestações mais exacerbadas do *fanatismo* popular⁵⁸. Guiava-se por um desejo que se perpetuou até o fim de sua vida, o da reintegração de suas ordens, que não se concretizou apesar de toda a sua obediência à hierarquia católica, manifestada após a já mencionada Questão Religiosa.

Nesse ano, aos vinte de julho, santificado pelos seus fiéis, mas totalmente banido do mundo ortodoxo da igreja oficial, o Padre Cícero morreu. A data ainda hoje é lembrada pelos seus romeiros, que se vestem de preto, em sinal de luto, quando de suas visitas a Juazeiro.

cidade, mandando, por exemplo, que os romeiros cavassem trincheiras, os chamados “valados”, ao redor da cidade. DELLA CAVA, Op. Cit. págs. 225, 229.

⁵⁸ Nesse sentido, vale a pena mencionar o episódio do Boi Mansinho, protagonizado por Floro Bartholomeu. Procurando reprimir as manifestações consideradas mais exaltadas da fé popular, Floro mandou matar o boi, que pertencera ao Padre Cícero e que era tido, pelos fiéis, como portador de poderes sobrenaturais. Tratado com regalias, o animal estava sob os cuidados de um beato, a quem o médico obrigou que comesse um pouco da carne, depois do abate.

Capítulo II

A boca, a orelha, a letra e o barbante de feira

O luto que alguns portam, durante a peregrinação, é parte constituinte da paisagem policrômica que toma conta do espaço. Diante dos olhos, o preto da devoção e o colorido da festa misturam-se, numa metáfora da própria condição híbrida, entre o sagrado e o profano, da romaria.

Também a audição, já que estamos falando da dimensão sinestésica da festa, é testemunha desse hibridismo. O tempo da romaria é marcado, todo ele, pela sonoridade de benditos e de pregões, que contrastam, por sua vez, com o silêncio da devoção individual e dos templos em descanso. O burburinho de cem, duzentas ou quinhentas mil pessoas toma conta da cidade. Junto com ele, o barulho do que se grita, a música do que se louva, o cantar do que se trova. A inversão dos termos dessa equação já não faz a menor diferença: há o cantar do que se grita, o barulho do que se louva, a música do que se trova.

Música e poesia funcionam como elementos essenciais nas práticas de devoção, porque se apresentam como suportes mnemônicos de todo um imaginário coletivo, difundido e perpetuado sobretudo de maneira oral. Não é à toa que os benditos cantados nas igrejas e procissões, apresentando características formais e melódicas padronizadas, propícias à memorização, ganhem o estatuto de lembranças de meu padrinho Cícero quando registrados nas fitas cassete que os romeiros levam aos montes para suas terras⁵⁹. Para além de meros souvenirs de turista, essas fitas funcionam como lembranças, no sentido forte do termo⁶⁰, na medida em que se apresentam como suportes de toda uma

⁵⁹ *Entre os títulos inscritos nas fitas cassete encontram-se* Lembrança do Pe. Cícero, Uma Lembrança Viva e Eterna: os santos benditos do Pe. Cícero, Benditos dos Romeiros, Padre Cícero: no coração do povo e A vida do Padre Cícero.

⁶⁰ *Vale a pena fazer referência, aqui, ao conceito de lembrança, ou melhor, de memória, para os gregos, estudado por Marcel Détienné em seu Os Mestres da Verdade na Grécia Arcaica. Segundo esse autor, a palavra usada, nos primórdios da civilização grega, para significar aquilo que chamamos de memória era alêtheia, um significante usado também para dar a idéia de verdade, composto do radical lêthe, que significa*

simbologia que, ao se reiterar, esconjura a morte e o esquecimento, conferindo sentido à própria existência, individual e coletiva. Isso porque, num ambiente como o nordestino, marcado por traços bastante fortes de oralidade, o ato de lembrar, recorrendo a técnicas orais ou semi-orais de comunicação conservada⁶¹, significa a recuperação dos valores constitutivos da própria identidade grupal. Quem leva para casa o registro em versos de uma profecia atribuída ao padrinho, a gravação de um bendito ou mesmo de uma cantoria, está diante de um poderoso meio, capaz não só de provocar o resgate e a fixação, na memória, dos símbolos de uma religiosidade coletivamente construída, como também de reavivar a sensação de pertencimento dada pelo domínio desse código de devoção coletiva.

Os folhetos do Padre Cícero, na medida em que guardam um parentesco muito grande com o imaginário e com as técnicas de conservação orais da cantoria ou dos benditos, também se constituem como poderosos elementos difusores da fé popular no padrinho. Mais do que qualquer outro meio ou suporte, talvez até pela sua própria materialidade de impressos, seu caráter de matrizes impressas do oral⁶², os folhetos foram apontados amiúde, pelos pesquisadores do fenômeno Padre Cícero, como uma espécie de repositório máximo de todo um corpo mítico formulado em torno da figura do padrinho, das romarias e da cidade de Juazeiro. No dizer de T. S. Guimarães, “o estudo da Literatura

morte ou esquecimento, mais o sufixo de negação a. Nesse contexto, depreende-se que, para os gregos da fase anterior à escrita, a memória cumpria uma função vital de preservação dos valores tradicionais. Aos ditos Mestres da Verdade, dentre eles os poetas, cabia um trabalho de conservação das verdades articuladoras da identidade grupal.

⁶¹ O conceito de técnica de comunicação conservada é usado por Havelock para se referir às estratégias utilizadas pelas várias civilizações e culturas na perpetuação da memória social coletiva. Enquanto as civilizações ocidentais, em sua maioria, dispõem da escrita como técnica eficaz de conservação, as sociedades ágrafas criaram estratégias eminentemente orais: “Numa sociedade pré-alfabetizada, como se conservava esse enunciado? A resposta inevitável é: na memória viva das pessoas, quando jovens, e depois quando envelhecem e morrem. (...) A única tecnologia verbal possível e disponível que garantisse a conservação e fixidez da transmissão era a da fala rítmica, habilmente organizada em padrões verbais e rítmicos, singulares o bastante para preservar sua forma. É esta a gênese histórica, a fons e origo, a causa motora daquele fenômeno que chamaremos de poesia”. Cf. HAVELOCK, E. Prefácio a Platão, Campinas, Papirus, 1996, pág. 59.

⁶² A idéia de que os folhetos de Cordel se constituam enquanto matrizes impressas do oral partiu do Núcleo de Poéticas da Oralidade da PUC de São Paulo, coordenado pela professora Jerusa Pires Ferreira, num projeto que se propõe a “... mostrar como certos textos orais e populares organizam-se a partir de duas matrizes: aquela que se constrói a partir dos assentamentos de uma memória ancestral e a que está diretamente ligada a um texto impresso ou ao repertório de textos impressos mais imediatamente acessíveis”.

de Cordel nos faz mergulhar no mundo mítico do homem nordestino. Os poetas populares, num estilo que lhes é próprio, cantam as maravilhas da vida do Padre Cícero e da realidade encantada de Juazeiro, escondidas sob aparências cotidianas e banais”⁶³. Gilmar de Carvalho, por sua vez, relativiza um pouco a importância do folheto na construção desse corpo mítico. Ele cogita a existência de um grande texto, resultado de uma imensa tessitura de narrativas, “...tão rico e imprevisível (...) pode se aproximar ou não da História Oficial, com a qual tem compromissos tênues, constituindo um outro cânone, que parte da oralidade e da tradição, para se perfazer em outros suportes e em várias linguagens, de que a literatura de folhetos seria apenas uma delas, de leitura e compilação facilitadas pelas características da escrita e da edição”⁶⁴.

Enquanto suportes e veículos desse “outro cânone”, os folhetos distinguem-se pela visibilidade dos versos impressos, subtraídos ao fluxo oral contínuo da performance dos cantadores e do *bouche-à-oreille*⁶⁵ da tradição. Por isso mesmo, eles funcionaram sempre como subsídio documental privilegiado, como ponte interpretativa para aqueles que, letrados de fora (ou mesmo de dentro), arriscavam-se a entender um pouco da religiosidade sertaneja.

A literatura de folhetos funciona como ponte justamente pelo seu caráter de produção ficcional híbrida, entre a escrita e a oralidade. Entender algumas das implicações desse hibridismo vai ser essencial para analisar não só a articulação entre os folhetos e a fé popular, entre poesia e religiosidade, mas também para buscar uma compreensão dos diversos elementos de que os poetas lançaram mão, ao longo do tempo, na representação do Padre Cícero. Vão estar em jogo na construção das várias facetas do padrinho, objeto de estudo do próximo capítulo, marcas de diferentes tradições literárias e culturais: a da letra e a da voz.

FERREIRA, J. P. “Os Desafios da Voz Viva”, In: Os Desafios Contemporâneos da História Oral, Campinas, Centro de Memória, Unicamp, 1997, pág. 66.

⁶³ GUIMARÃES, Op. Cit, pág. 30. Tradução minha.

⁶⁴ CARVALHO, Op. Cit. pág. 37.

⁶⁵ A expressão francesa, equivalente ao boca-a-boca brasileiro, recupera com mais precisão os papéis da voz e da audição nesse tipo de transmissão, da boca para a orelha, sem intermediação da escrita.

Dos pontos de vista formal e temático, a produção de folhetos apresenta características que a aproximam da poética oral dos repentistas e cantadores. Uma delas refere-se ao emprego de fórmulas⁶⁶, um dos elementos centrais no papel de conservação exercido pela poesia oral em geral. Os poetas de bancada, ou de gabinete, assim chamados por se dedicarem, supostamente, à composição escrita dos versos dos folhetos, utilizam-se de padrões temáticos, métricos e rítmicos pertencentes a um patrimônio poético oralmente constituído e difundido, dominado tanto por poetas orais como pelo público em geral⁶⁷.

O universo dos folhetos detém, da poesia oral, elementos que vão desde o predomínio da utilização da sextilha, eleita entre dezenas de tipos de estrofes de uso corriqueiro entre cantadores e repentistas, até a opção pela economia e linearidade de representação na construção de enredos e de personagens. Tipos sociais, definidos por alguns poucos traços já consolidados na construção de suas imagens, como o da princesa, necessariamente bela e virtuosa, ou o do dono da fazenda, pai tirano e mau patrão, envolvem-se em enredos previsíveis, geralmente maniqueístas, apresentando trajetórias coerentes com suas personalidades. Nem é necessário dizer que as histórias terminam com a vitória do princípio do bem sobre o do mal.

Nesse ambiente, pelo que se pode perceber, delineiam-se regras de composição bem definidas. A poética dos folhetos conta inclusive com conceitos que lhe são peculiares, como os de métrica, rima e oração, que funcionam, a um só tempo, como critérios de julgamento estético e como balizas para o aprendizado e o domínio do ofício. Dizer da composição de um poeta que foi feita dentro da “métrica, rima e oração” significa sancionar-lhe o direito de pertencer ao rol dos bons poemas, apreciados por colegas de profissão e pelo público em geral justamente pelo fato de terem sido “bem orados, bem rimados e bem versados”.

⁶⁶ É assim que Walter Ong define o conceito de fórmula: “...tomarei ‘fórmula’ e ‘formular’ aqui como referentes, de modo inteiramente genérico, a frases ou expressões (tais como provérbios) prontas, repetidas de modo mais ou menos exato em verso ou prosa, as quais, como veremos, realmente possuem uma função na cultura oral mais crucial e difusa do que ela possa ter em uma cultura escrita, eletrônica ou de impressão”. In: Ong, W. Oralidade e Cultura Escrita, Campinas, Papyrus, 1996, pág. 35.

⁶⁷ É preferível afirmar que o que distingue os poetas de gabinete dos poetas orais é o fato de os primeiros comporem poemas a serem impressos. É muito difícil, nesse caso, delimitar até que ponto eles estão realizando uma composição escrita, tendo-se em vista, aqui, o sentido normalmente atribuído pela tradição

Os conceitos de métrica e de rima não divergem em muito do que a tradição literária ocidental convencionou rotular dessa mesma maneira. Em linhas gerais, referem-se à exploração de recursos sonoros e rítmicos, a partir do emprego de rimas e de padrões versificatórios. A diferença básica reside no fato de que, nos folhetos, a padronização chega a extremos, a ponto dos poetas recorrerem preferencialmente às sextilhas setessilábicas, com rimas localizadas no final dos versos pares.

O conceito de oração refere-se, basicamente, à coerência textual e temática. A obediência a este quesito implica numa adequação da composição aos vários tipos de temas já consolidados no âmbito da produção de folhetos. Histórias de amor ou de valentia, por exemplo, não podem divergir dos esquemas narrativos que lhes são próprios. Nesse caso, uma eventual variação no enredo, provocada por um ímpeto de originalidade, ao invés de incentivada, deve ser suprimida, em obediência ao princípio da oração.

Esse tipo de exigência faz revelar, na produção dos folhetos, a existência de um procedimento vital, o abandono da variação em prol da fixação mnemônica dos poemas pelo público. A própria recepção é marcada pelo recurso à oralidade. Tornou-se prática comum no Nordeste, sobretudo no auge da produção, entre as décadas de 40 e 60, a leitura grupal e oralizada de folhetos, protagonizada, muitas vezes, pela figura do folheteiro, o vendedor de folhetos. Como forma de atrair a freguesia, os folheteiros liam, ou fingiam ler⁶⁸, em voz alta, trechos dos poemas que vendiam⁶⁹. Na sua estratégia comercial,

letrada para o ato de escrever poesia. É muito mais provável que seu processo de criação esteja ligado a procedimentos orais de composição e que se utilizem da escrita como forma de registro.

⁶⁸ O fato de não saberem ler não impedia que alguns folheteiros declamassem os poemas que estavam em vias de vender. Eles decoravam os textos e fingiam ler para a platéia de compradores. Orígenes Lessa, entrevistando o poeta Manuel Camilo em 1954, colhe o seguinte depoimento, a respeito de um vendedor: "Não viu aquele analfabeto que esteve aqui? Canta muito bem. Dá gosto. O pessoal até pensa que ele sabe ler, porque ele canta olhando a página do folheto aberto". Cf.: LESSA, O. A Voz dos Poetas, Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1984, pág. 57.

⁶⁹ Há inúmeros relatos de casos de alfabetização informal através do Cordel, mais um testemunho de seu caráter híbrido. O aprendizado da leitura se processava mais ou menos da seguinte maneira: as pessoas memorizavam o conteúdo das histórias, a partir da repetida escuta de leituras oralizadas, feitas por folheteiros, parentes ou amigos, o que não se revelava uma tarefa das mais difíceis, dadas as características orais e mnemônicas embutidas na própria forma do Cordel. Quando defrontados com o impresso correspondente à narrativa decorada, os aprendizes acabavam por inferir a lógica do código alfabético aí presente.

acabavam retomando alguns dos elementos performáticos⁷⁰ comuns às apresentações dos cantadores e repentistas, além de, numa certa medida, devolverem ao ambiente sonoro uma poesia que, mesmo fixada pela escrita, estivera sendo construída dentro dos cânones de uma poética oral coletiva.

A relação quase circular entre poesia oral, folheto (enquanto suporte e registro escrito) e leitura oralizada acaba por tornar tentadora a afirmação do caráter oral da literatura de folhetos nordestina. A questão, entretanto, é um pouco mais complexa. Não se devem perder de vista os papéis da escrita e da impressão nesse processo, determinantes de algumas características peculiares à produção de folhetos, tais como o papel quase que de *intelectuais* dos poetas e a preocupação com o comércio e com a propriedade, que tornam muito mais agudos, por exemplo, os problemas relativos a autoria e direitos autorais.

Nesse sentido, é necessário lembrar que a literatura de folhetos constituiu-se, ao longo de seus mais de cem anos de existência⁷¹, num fenômeno editorial surpreendente. Contrariando todas as leis deterministas e pré-conceitos do mundo letrado, editores e poetas populares semi-alfabetizados, de origem camponesa, *compuseram* e editaram narrativas em verso, consumidas por um largo público. Príncipes e princesas medievais misturaram-se com cangaceiros, coronéis, santos e profetas sertanejos, povoando as páginas dos folhetos, que alcançaram tiragens jamais igualadas pela grande indústria editorial. No auge da

⁷⁰ O papel central da performance numa poética oral é definido por Zumthor, nos seguintes termos: "Interrogando-me (...) sobre a natureza da forma poética oral, sugeri que nela a performance pode ser considerada, ao mesmo tempo, um elemento e o principal fator constitutivo. Instância de realização plena, a performance determina todos os outros elementos formais que, com relação a ela, são pouco mais que virtualidades. Cantoras africanas de lamentação são incapazes de reproduzir seus poemas fora de funerais autênticos. Implicando um tipo singular de conhecimento, a performance poética só é compreensível e analisável do ponto de vista de uma fenomenologia da recepção.

As convenções, regras e normas que regem a poesia oral abrangem, de um lado e de outro do texto, sua circunstância, seu público, a pessoa que o transmite, seu objetivo a curto prazo. Claro, isto pode seer dito também, de uma certa forma, da poesia escrita; mas tratando-se de oralidade, o conjunto desses termos refere-se a uma função global, que não se saberia decompor em finalidades diversas, concorrentes e sucesivas. No uso popular do Nordeste brasileiro, a mesma palavra cantoria designa a atividade poética em geral, as regras que ela se impõe e a performance. ZUMTHOR, P. Introdução à Poesia Oral, São Paulo, Hucitec, 1997, pág. 156. (Tradução de Jerusa Pires Ferreira).

⁷¹ A publicação do primeiro folheto de que se tem notícia data de 1893. Cf. TERRA, R. B. L. Memória de Lutas: Literatura de Folhetos do Nordeste (1893 - 1930), São Paulo, Global Editora, 1983.

produção, uma única edição de um *folheto de época*⁷² chegava a atingir a casa dos duzentos mil exemplares⁷³. A Tipografia São José, de Juazeiro, que permaneceu por muito tempo como o principal centro produtor e distribuidor, imprimia, na década de 40, cerca de 12000 folhetos por dia⁷⁴. Levando-se em conta a perspectiva da realização de leituras oralizadas na recepção de cada um dos exemplares vendidos, é possível inferir que o alcance dessa produção acabasse multiplicado.

A Literatura de Cordel, assim batizada por pesquisadores⁷⁵, acabou por se revelar uma verdadeira indústria cultural, com características intermediárias entre uma cultura marcada pela oralidade, por um lado, e uma cultura de massas, por outro. Nesse sentido, o conceito de *pequena indústria cultural*, cunhado por Mauro Almeida⁷⁶, é bastante pertinente porque expressa com propriedade o caráter comercial dessa produção, que faz do folheto um bem simbólico material cujos versos passam a ter a fixidez do documento (do

⁷² *Espécie de folheto jornalístico, de cunho informativo ou crítico, voltado para a representação de aspectos da vida cotidiana.*

⁷³ *Os dados referentes às tiragens de folhetos são surpreendentes. Segundo Marlyse Meyer, folhetos de época sobre a renúncia de Jânio Quadros ou a morte de Getúlio Vargas chegaram a vender, respectivamente, 70000 e 200000 exemplares. Num estudo sobre a Editora Luzeiro, de São Paulo, Ana Raquel Motta de Souza afirma que, no auge da editora, entre 1979 e 1987, chegou-se a vender mais de um milhão de exemplares, em média, anualmente. Cf MEYER, M. Autores de Cordel, São Paulo, Abril Educação, 1980 e SOUZA, A. R. M., Editora Luzeiro: um estudo de caso, in: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/ensaios/raquel.html>.*

⁷⁴ *A localização geográfica da Tipografia São Francisco certamente não é obra do acaso. O fato de ter se desenvolvido na terra do Padre Cícero, reinando absoluta por mais de trinta anos, pode ser encarado como mais um resultado do milagre econômico operado pelo padrinho. É razoável supor que, numa espécie de tributo ao patriarca, uma série de edições da São Francisco tenham efetivamente contribuído para a disseminação e a consolidação da imagem do santo popular.*

⁷⁵ O termo Cordel, atribuído por pesquisadores, refere-se ao parentesco vislumbrado entre a produção nordestina e uma produção portuguesa iniciada no século XVI, que, segundo consta, era vendida em barbantes, os ditos cordéis. Apenas recentemente essa concepção tem sido questionada, não só porque a denominação Literatura de Cordel era desconhecida dos produtores e consumidores de folhetos no Brasil, como também porque se comprovou que as duas produções guardam características formais diversas, sendo tênues os pontos de contato, que se restringem, justamente, ao padrão editorial (folhetos com formato pequeno, impressos em papel barato) e às adaptações de algumas narrativas empreendidas pelos autores dos folhetos no Brasil. A esse respeito, conferir dois textos de Márcia Abreu: *Cordel Português / Folhetos Nordestinos: confrontos*. Tese de Doutorado, UNICAMP, 1993; e *História de Cordéis e Folhetos*, Campinas, Associação de Leitura do Brasil / Mercado das Letras, 1999.

⁷⁶ ALMEIDA, M. W. B. *Op. Cit.*

texto-monumento) e a propriedade do dono, além de se submeterem, do ponto de vista temático e formal, ao crivo do consumidor.

Quando, em fins do século XIX, Leandro Gomes de Barros começou a publicar folhetos de sua autoria, inaugurando aquilo que mais tarde viria a se consolidar como uma verdadeira máquina editorial, estabeleceu-se quase que de imediato uma preocupação comercial com a propriedade dos folhetos. Com vistas a inibir a produção de edições-pirata de seus poemas, Barros tomou algumas medidas significativas. Além de inserir o acróstico LEANDRO na última estrofe dos poemas, ele imprimiu fotografias suas nos folhetos, muitas vezes acompanhadas de avisos explícitos:

*Aos meus caros leitores do Brasil - Ceará, Maranhão, Pará e Amazonas - aviso que desta data em diante todos os meus folhetos completos trarão o meu retrato. Faço este aviso a fim de prevenir aos incautos que têm sido enganados na sua boa fé por vendedores de folhetos menos sérios que têm alterado e publicado os meus livros, cometendo assim um crime vergonhoso*⁷⁷

Ao longo do tempo, os autores e editores foram revelando atitudes à primeira vista contraditórias no que tange à propriedade de folhetos. Enquanto alguns autores, responsáveis pela edição de seus próprios textos, procuravam inibir a reprodução e o comércio, por terceiros, de obras consideradas suas, os editores acabaram, por vezes, omitindo o nome de autores em folhetos cujos direitos autorais haviam adquirido. Este último procedimento, empreendido por mais de um editor, foi alvo de ácidas críticas, veiculadas por pesquisadores que se preocupavam em estabelecer a verdadeira autoria de uma série de folhetos, notadamente os de Leandro Gomes de Barros⁷⁸.

⁷⁷ BARROS, L. G. Antônio Silvino – o rei dos cangaceiros, s/l, s/d.

⁷⁸ Cf. BATISTA, S. N. “Restituição da Autoria de Folhetos do Catálogo, Tomo I, da Literatura Popular em Verso”, in: Literatura Popular em Verso, Estudos. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura / Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973, tomo I.

Quando comprou os direitos sobre a edição da obra de Leandro, em 1921, o poeta e editor João Martins de Athaíde suprimiu acrósticos de identificação e passou a publicar, nas capas dos folhetos antes *pertencentes* ao pioneiro, o seu próprio nome, que aí aparecia sem qualquer distinção quanto a seu próprio papel na produção do folheto⁷⁹. Nesse contexto, não era possível saber se se tratava do autor ou do editor. Anos mais tarde, por volta de 1940, quando José Bernardo da Silva adquiriu o material de Athaíde, muitos desses títulos, quando não submetidos ao mesmo tipo de procedimento pelo comprador, acabaram por ter a autoria atribuída ao vendedor, que, vale ressaltar, além de editor, era também poeta. Disso resulta que uma parte das obras por muito tempo atribuídas a Athaíde *pertence*, na realidade, a Leandro Gomes de Barros.

Essa história só faz revelar o quanto os critérios de propriedade e de autoria, nesse universo dos folhetos, são diferentes da grande indústria cultural e do mundo letrado. O que parece estar em jogo não é tanto a propriedade intelectual, reivindicada para o autor, no mundo letrado, pelo seu papel criador e pela sua originalidade. O autor e o editor dessa produção híbrida, muito mais próximos de uma cultura oral originária, e portanto da apropriação e da criação teoricamente *anônimas* a partir de um patrimônio poético coletivo⁸⁰, parecem pouco preocupados em garantir a autoria pelo que ela tem de valor simbólico, de status e de poder.

Um outro elemento que vem a reforçar essa suposição é o fato de que o público não costuma relacionar as histórias de sua preferência a um determinado autor. Segundo Ruth Terra, "...os poemas de Leandro Gomes de Barros continuaram a ser procurados quando

⁷⁹ Ruth Terra, com base na análise dos folhetos da Coleção Mário de Andrade (IEB - USP), descreve com precisão o processo de eliminação do nome de Leandro: "Ao adquirir a obra de Leandro Gomes de Barros, Athayde imprimia na capa dos folhetos o nome de Leandro, seguido do seu nome como proprietário. Logo depois consta apenas o nome de Athayde, Ed. proprietário. Finalmente é estampado o nome de Athayde, sem especificação". TERRA, R. B. L., *Op. Cit.*, pág. 149.

⁸⁰ A poética oral dos repentistas e cantadores não pode ser definida, em hipótese alguma pelo anonimato. É o que fica claro quando da análise da performance de um poeta oral, elemento central, chave interpretativa essencial dessa poética. Um performer, diante de seu público, não é nunca um anônimo. Pelo contrário, ele se encontra presente em toda a sua corporeidade, tornando-se autor de seus versos e de sua música. É bem verdade que essa sua autoria, se levadas em conta as idéias de originalidade e propriedade agregadas ao conceito no mundo letrado, é relativa, uma vez que o poeta estaria se apropriando de um patrimônio poético coletivo. O que ele faz, entretanto, não é mero plágio ou pura repetição da tradição, porque cada performance implica, necessariamente, numa re-criação individual a partir do cânone coletivo, sem jamais perder de vista a adequação às exigências do público, que está diante do bardo e que, por vezes, chega a interferir diretamente no andamento da narrativa.

impressos com o nome de João Martins de Athayde. O clássico *Romance do pavão misterioso*, por exemplo, é publicado com o nome de José Camelo de Melo Rezende ou de João Melchíades ou mesmo sem indicação do autor. Tem-se assim uma literatura na qual a autoria das obras é reivindicada por aqueles que a escrevem (mesmo quando mais de um poeta versificou um mesmo tema, pois a tradição e o cotidiano são fonte comum para todos) e um público para o qual não importa o autor”⁸¹.

A grande preocupação, nessa pequena indústria cultural, parece ser a garantia da propriedade não tanto da composição em si, mas dos versos enquanto uma mercadoria. Por esse prisma, fica um pouco mais fácil entender a ação dos primeiros editores, tida muitas vezes como inescrupulosa. Uma vez adquirida a obra, o novo dono se via no direito suprimir o nome do antigo proprietário:

*O poeta popular sempre vende os direitos autorais dos folhetos que escreve a uma folhetaria, sendo passado recibo e escritura, perdendo até o direito do seu nome sair como autor do folheto se o editor assim o desejar*⁸²

Apenas recentemente e, ao que parece, por influência dos pesquisadores, o respeito à autoria enquanto propriedade intelectual veio se impondo aos produtores de folhetos⁸³. É o que se verifica, por exemplo, no comportamento do poeta e editor Manuel Camilo dos Santos ou em alguns aspectos da política editorial da Editora Luzeiro, de São Paulo.

⁸¹ TERRA, R. B. L., *Op. Cit.*, pp. 37-38.

⁸² CAMPOS, R. C. *A Ideologia dos Poetas Populares do Nordeste*. Recife, Centro Regional de Pesquisas Educacionais, INEP, 1959, pág. 25.

⁸³ Uma formulação de Ariano Suassuna vem referendar essa idéia: “A intromissão dos eruditos e a noção individualista de posse de direitos autorais realmente têm acentuado, nos últimos tempos, aquilo que primitivamente era apenas esporádico, esboçado ou inexistente na Literatura de Cordel. (...) em nossa Literatura Popular, o conceito de autoria individual era inexistente, quase inexistente, ou, pelo menos, muito diferente daquele que se tornou normal com o aparecimento do individualismo moderno. (...) a imitação e a compra de originais era prática corrente, e na grande maioria dos casos o Mestre, Poeta ou Impressor-chefe julgava-se moral e economicamente quite com o autor-colaborador pelo fato de ter pago o original - por sua vez quase sempre criado a partir da imitação ou da reinvenção”. SUASSUNA, A. “Introdução”, in: “Introdução à Obra de Leandro Gomes de Barros”, In: *Literatura Popular em Verso - Antologia - Tomo III - Leandro Gomes de Barros 2*, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura / Fundação Casa de Rui Barbosa / Universidade Federal da Paraíba, 1977, pp. 3-4.

Na relação das obras editadas por Manuel Camilo, por exemplo, por ele enviada ao pesquisador Sebastião Nunes Batista e intitulada “Relação dos livros de poesias populares, de autoria e propriedade do poeta Manuel Camilo dos Santos”, apresentam-se mais de cem títulos, divididos em dois grupos. Em primeiro lugar são elencados os folhetos de autoria do poeta, totalizando 42 obras. A seguir, Camilo arrola os poemas adquiridos de terceiros, ditos “de minha propriedade isto é, os que me pertencem por compras e escrituras legais...”, explicitando os nomes de seus autores, cerca de dez, bem como o processo de aquisição que legitima a sua propriedade. A título de exemplo, vale a pena citar o caso de João Melquíades Ferreira da Silva, cujas histórias, no dizer do autor, “...me pertencem por compra que fiz aos herdeiros daquele autor, dentre eles a viúva, os filhos e o genro, que é o Major Ascendino Clementino de Araújo, da Polícia Paraibana. Cujas firmas foram reconhecidas em cartórios e, a escritura lavrada no Palácio de Justiça de João Pessoa; de cujo negócio acha-se ciente a Biblioteca Nacional, de quem tenho documentos comprobatórios”⁸⁴.

O comportamento de Manuel Camilo, ainda que possivelmente motivado por uma demanda explícita do pesquisador, interessado em resgatar a autoria de folhetos, revela não só uma preocupação muito grande em defender, com unhas e dentes, a propriedade comercial dos títulos, fenômeno comum entre os editores na história da Literatura de Folhetos⁸⁵, mas também um cuidado com a distinção entre propriedade intelectual e propriedade comercial, antes pouco observada.

A política editorial da Luzeiro, por sua vez, marca uma certa institucionalização da figura do autor. Na década de 80, a editora paulistana passa a incluir nos seus folhetos, materialmente bastante diferentes do padrão nordestino, uma ficha catalográfica contendo, entre outros, dados bio-bibliográficos a respeito do autor, tais como data e local de nascimento, além de títulos de obras publicadas. Assinadas pelo Prof. Dr. José Rodrigues Seabra Filho e pelo poeta Hélio Cavenaghi, as fichas continham, ainda, explicações

⁸⁴ BATISTA, S. N. *Op. Cit.*, pág. 416.

⁸⁵ Com vistas a inibir a ação de piratas, além de inserir avisos ameaçadores nos folhetos que imprimiam, os editores passaram, após o surgimento do Código de Defesa Civil, a registrar suas obras na Biblioteca Nacional.

acadêmicas a respeito da chamada Literatura de Cordel, procurando dar conta de sua suposta origem ibérica, bem como de seus padrões de composição.

O autor e sua criação pareciam salvos, enfim, de um suposto desrespeito e do anonimato, graças às características da própria Luzeiro, uma grande editora urbana de livros ditos populares, que chegou a ocupar, segundo um levantamento do sindicato nacional dos editores, o vigésimo lugar, entre as editoras do país, em número de publicações⁸⁶. Mas a Luzeiro, além de se dedicar a edições ditas de massa, estava *com o pé* no Nordeste, ou vice-versa, e, como não podia deixar de ser, algumas das características daquela *pequena indústria cultural* de folhetos iriam nortear a seleção, a produção e a distribuição na grande editora. Relações de compadrio e contratos verbais, por exemplo, estavam na base da relação do dono da editora com os poetas, considerados *compadres de fogueira*. A distribuição das publicações obedecia a regras de funcionamento bastante peculiares. Os agentes, revendedores tradicionalmente instalados nas principais cidades nordestinas, detinham a exclusividade sobre a distribuição local, recebendo, pelo correio, tanto remessas quanto catálogos. Estes últimos continham apenas sugestões de preços, abrindo a possibilidade para barganhas entre o editor e seus agentes, com os quais, muitas vezes, o primeiro mantinha um vínculo pessoal, mais do que puramente comercial.

Por muitos anos, a figura-chave da produção de folhetos da Luzeiro foi o poeta sergipano Manoel D'Almeida Filho, falecido em 1995, responsável pela seleção dos originais a serem adquiridos e editados. De acordo com a pesquisadora Ana Raquel Motta de Souza, baseada em depoimentos do então editor Arlindo Pinto de Souza⁸⁷ e de poetas e folheteiros nordestinos, Manoel D'Almeida chegava a reelaborar os textos, procurando adequá-los aos padrões temáticos e formais da produção e ao gosto do público. Em alguns casos, “de acordo com alguns depoimentos, o que Manoel fazia não era reelaboração de textos e sim escrita propriamente dita, chegando a não conservar sequer uma estrofe inteira de alguns originais”⁸⁸.

⁸⁶ SOUZA, A. R. M. *Op. Cit.*

⁸⁷ Em 1995, Arlindo vendeu a editora a Gregório Nicoló, que, segundo a pesquisadora, nutria uma relação apenas comercial com a literatura de cordel, pretendendo implementar mudanças no sentido de tornar mais profissionais os laços com o Nordeste.

⁸⁸ SOUZA, A. R. M. *Op. Cit.*

Esta atitude, típica de um agente uniformizador da cultura de massas, pode ser lida, sob um outro prisma, como um resquício tênue do fenômeno de apropriação de uma poética coletiva, empreendida pelo *performer*. É evidente que, nesse contexto, em que a própria Editora Luzeiro, enquanto corporação, procura demonstrar um certo zelo, que eu chamaria de *erudito*, para com a questão da autoria, o procedimento de reelaboração soa, no mínimo, contraditório. É o que fica claro no estudo de Motta de Souza, quando analisa o discurso de Hélio Cavenaghi a respeito da política editorial de Arlindo Pinto de Souza:

Arlindo conta o caso de um poeta que não admitia reestruturação em seus textos (...) O próprio folheto de Arlindo, Grande Debate de Camões com um Sábio, foi, segundo o poeta João Firmino Cabral, reestruturado por Manoel. O poeta em questão, que não admitia que mexessem em seus textos, era Hélio Cavenaghi que, como já mencionei, trabalhou como revisor e classificador de textos na Luzeiro. Um fato curioso é que a ficha bibliográfica de um folheto de autoria de Arlindo (o já citado Grande Debate de Camões com um Sábio) foi feita por Hélio Cavenaghi. Na parte final da biografia do autor, onde o texto exalta os valorosos serviços que Arlindo tem prestado à poesia popular, é dito que todo trabalho editorial de Arlindo é feito sempre "com total respeito pelos originais". Sim, total respeito, desde que eles fossem reelaborados por Manoel D'Almeida Filho, do que Hélio Cavenaghi sabia muito bem.⁸⁹

Esse tipo de procedimento poderia ser alvo de condenação por parte de um observador que veja como necessário o respeito ao texto do autor enquanto monumento. Mas a atitude da editora, como um todo, pode ser entendida em termos de uma política de apropriação de leis de funcionamento e de estratégias editoriais pertencentes a diferentes universos culturais. Enquanto Manoel D'Almeida arruma o texto com vistas a adequá-lo à poética dos folhetos, tornando-o mais vendável, Cavenaghi procura investi-lo,

minimamente, de um outro status e de novos valores, buscando, presumivelmente, adequá-lo ao padrão de funcionamento da grande indústria editorial. Dizer que o trabalho editorial é feito sempre “com total respeito pelos originais” deve impressionar folcloristas e leitores eruditos, em geral. Na distribuição dos poemas, Arlindo recorria a toda uma teia de relações um tanto quanto informais com os agentes, o que garantia uma penetração mais eficaz, uma vez que seguia um *modus operandi* há muito tempo consolidado no Nordeste, com o qual as técnicas de distribuição das grandes editoras, mais ágeis e impessoais, não se harmonizariam. Nesse sentido, a Editora Luzeiro torna ainda mais aguda a problemática do cruzamento entre diferentes esferas culturais, presente já na produção de folhetos tipicamente nordestina. A editora paulistana elaborou um padrão de funcionamento extremamente eficaz a partir da incorporação, aos seus moldes de grande editora, de características intrínsecas àquela pequena indústria cultural, sem as quais, provavelmente, não conseguiria manter-se como o principal pólo produtor, já a partir da década de 80, época da decadência das folhetarias nordestinas.

Pelo que se pode observar, a questão da autoria na literatura de folhetos é bastante complexa, na medida em que uma série de concepções diferentes a respeito da figura do autor estiveram, progressivamente, em jogo. A começar pelos *grandes* poetas de bancada - que, ao que tudo indica, passaram a ser reconhecidos no meio muito mais como hábeis editores e donos de folhetos célebres do que como criadores inspirados - , a noção de autoria parece vinculada ao impresso e a sua comercialização, e não tanto à idéia de elaboração poética. Os cuidados *eruditos*, de um Manoel Camilo ou de uma Editora Luzeiro, em *preservar* a propriedade intelectual, aparecem bem depois. Tudo leva a crer que a autoria foi se impondo, ainda difusa nos primórdios da produção dos folhetos, enquanto uma necessidade editorial externa, que tem seu parâmetro no funcionamento da indústria de livros, de tradição letrada. Categorias como autor, editor ou editor-proprietário eram quase intercambiáveis no tempo de um Leandro Gomes de Barros, de um João Martins de Athaide ou mesmo de um José Bernardo da Silva, que, embora estabelecesse,

⁸⁹ *Idem.*

por vezes, a distinção entre propriedade intelectual e propriedade comercial⁹⁰, acabou suprimindo, muitas vezes, o nome de poetas quando da compra de seus originais. Muitos dos folhetos impressos sob nome de José Bernardo da Silva, que havia comprado os direitos sobre a obra e edições de João Martins de Athaíde, acabaram por ter sua autoria atribuída, pelos estudiosos, a este último.

Entre a tradição letrada e o mundo da oralidade estabelecem-se, no universo dos folhetos, zonas de contato que não nos permitem fazer uma análise purista do que se poderia chamar de *literatura popular*. Essa *pequena indústria cultural* carrega consigo uma série de marcas de empréstimos a diferentes ambientes culturais. Através, por exemplo, de adaptações, que têm um duplo objetivo, comercial e estético, essa produção vai beber em fontes distintas, desde que haja pontos em comum com o padrão dos folhetos.

A título de exemplo, são comuns as adaptações dos enredos de novelas televisivas e de romances românticos, que se ajustam bem ao clima maniqueísta das histórias de amor dos folhetos. Elementos da chamada cultura de massa e do mais alto cânone da literatura brasileira e universal são chamados a fazer parte desse universo, pelo que eles têm de valores e de estruturas narrativas que possam estar de acordo com os padrões estéticos, formais e temáticos da literatura de folhetos⁹¹.

Nesse sentido, cabe ao poeta, e na maioria das vezes ao editor-poeta, empreender a tradução entre linguagens e mundos tão diferentes e, ao mesmo tempo, tão próximos. Segundo Ruth Terra, o poeta se constitui como o mediador, por excelência, entre o oral e o

⁹⁰ José Bernardo da Silva, num dos famosos avisos que os poetas e editores costumavam imprimir nos folhetos, traça bem os limites entre autoria e propriedade comercial: "Exponho ao conhecimento dos interessados reprodutores dos livros escritos da Folhetaria Silva, que, todos os livros que tiverem a propaganda desta casa pertencem exclusivamente a mim, quer sejam ou não de minha autoria. Esta advertência que faço, não é por ambição, é sim porque todos os autores me concederam o direito, uns por compras outros por permutas; com especialidade Luís da C. Pinheiro, e, se o meu nome não está gravado nesses livros, mas está a propaganda de minha casa, são meus. Eu por ser muito benquistado ainda não usei fazer greve nenhuma sobre isto com o fim de privar estas reproduções, esperando somente, para ver as intenções destes interessados. Advirto somente que: "Quem não quer questão com o jacaré, tira o covo d'água." SILVA, J. B. História de João de Calais, Juazeiro do Norte, 1941.

⁹¹ Vale a pena citar, além de roteiros de filmes e de novelas televisivas, o caso de textos célebres do cânone literário, tais como El Cid, Decameron, Amor de Perdição, Iracema, A Escrava Isaura, Romeu e Julieta, O Corcunda de Notre Dame, A Dama das Camélias, O Conde de Monte-Cristo, A Viuvinha, etc. Cf.: ABREU, M. A. "Pobres Leitores", in: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/literaturapopular/index.html>.

escrito: “Em termos de ‘cultura letrada’, estes poetas são privilegiados frente ao seu público, embora compartilhem com ele da mesma cultura de tradição oral e do mesmo sistema de crenças e de valores. Como homens do povo, através de sua poesia fizeram-se mediadores entre o rural e o urbano, o litoral e o sertão, a cultura de tradição oral e a cultura escrita”⁹². São eles que dominam a leitura de textos das mais variadas tradições, tais como jornais, almanaques, compêndios de astrologia, História e Geografia, a Bíblia e romances populares, sendo capazes de vertê-los não só para os padrões da literatura de folhetos, mas também para o imaginário de seu público, um coletivo do qual também fazem parte, enquanto verdadeiros *intelectuais*.

Nesse sentido, o esforço dos poetas sempre se dirigiu para a aquisição de uma certa cultura letrada, sem entretanto perder o elo de ligação com o gosto e o imaginário de seu público.

O gosto pelas letras muitas vezes fez deles verdadeiros obsessivos pela correção ortográfica e gramatical, índice de domínio do português padrão, e de toda uma cultura por ele representada. Não são raras, nesse sentido, as ocorrências de hipercorreção gramatical nos poemas, contrastando diretamente com os casos em que o poeta se via obrigado, por razões formais e pela rima, condicionadas pela leitura oralizada, a manter a grafia dita incorreta⁹³.

Na maioria das vezes, entretanto, a condenação ao *erro gramatical* era implacável. Há poemas inteiros de sátira ao matuto, o sertanejo do interior, calcados quase exclusivamente no seu modo de falar. Nesses folhetos, os poetas *capricham* nos supostos problemas lingüísticos de seus conterrâneos, traçando um perfil, na maioria das vezes, caricatural.

⁹² TERRA, R. B. L., *Op. Cit.*, pág. 38.

⁹³ Um caso comum de hipercorreção é o uso do infinitivo do verbo ao invés da primeira ou da terceira pessoas do singular do presente do indicativo, como em “Zezinho ver Mariquinha”. O poeta parece tentar corrigir uma das tendências do português coloquial, de suprimir o *erre* final na pronúncia do infinitivo dos verbos, como em “a gente vai ver”, normalmente pronunciado da seguinte maneira: “a gente vai vê”. Um outro exemplo pode ser verificado na seguinte estrofe do poema A Guerra do Juazeiro em 1914: “João Batista soluçando/ quase sem consolação/ ouviu a voz consciente/ do Pe. Cícero Romão/ dizendo quem não morrer/ aqui em Juazeiro ver/ o sangue ensopar o chão”. Cf.: BATISTA, A. A Guerra do Juazeiro em 1914, Juazeiro, s/ed, s/d. In: Literatura Popular em Versos – Antologia – tomo I, Rio de Janeiro, MEC, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1964, pág. 347.

A consciência de um lugar social distinto é tão forte no poeta de gabinete que pode eventualmente levá-lo a ações políticas efetivas, como a candidatura a cargos no governo local⁹⁴, a formação de associações corporativas e o engajamento em campanhas, como a da alfabetização de adultos, empreendida pelo governo brasileiro na década de 70, através do Mobral, que foi amplamente apoiada pelos poetas. Nesse período foram publicados uma série de folhetos sobre o tema, sempre enaltecendo o papel da leitura enquanto necessariamente positivo e libertador⁹⁵.

Pelo que se pode perceber, o movimento do poeta popular se faz no sentido de um relativo afastamento em relação ao seu *povo*. Entretanto, ele está sempre ligado, por razões comerciais, às exigências estéticas de seu grupo, mesmo que seu próprio gosto tenha sido, eventualmente, modificado. É o que fica claro numa declaração do poeta Rodolfo Coelho Cavalcante, que surpreende pelo distanciamento tomado em relação ao seu próprio fazer poético. Para Rodolfo Cavalcante, alguns dos elementos da temática dos folhetos, vistos enquanto *mensagem folclórica*, “...muitas vezes é até uma coisa que a gente não aceita aquilo...mas o povo aceita...”⁹⁶. Responsável pela inscrição do *folk* - coisa do povo, transformado num *outro* - na literatura de folhetos, o poeta *popular* acaba criando um certo distanciamento, resolvido com habilidade ímpar através da circulação desenvolvida entre suas várias identidades: “Analogamente, contudo, mesmo nessa mensagem ‘folclórica’ (para usar o termo do poeta) há um sentido verdadeiro. O poeta é capaz assim de reconciliar várias ordens de noções: o dom de ver, espontâneo e inculto; a lógica de vender para um mercado soberano; a função cultural e pedagógica do poeta e intelectual”⁹⁷.

Com efeito, o poeta de bancada cumpre sempre um papel *funcional* em meio à coletividade da qual faz parte, na medida em que porta, ainda, uma *voz* poderosa,

⁹⁴ Há casos de poetas que se transformaram em vereadores ou secretários. Manoel Camilo dos Santos, por exemplo, já foi candidato a vereador. Dois famosos poetas de Juazeiro do Norte, Pedro Bandeira e Abraão Batista, chegaram a ocupar, respectivamente, os cargos de vereador e de secretário da cultura.

⁹⁵ Entre os títulos publicados nesse período podem-se citar O Caminho para o Mobral ou O Crime de quem não sabe ler. Manoel Caboclo e Silva publicava, neste período, na quarta capa de alguns de seus folhetos, a seguinte exortação: “Com livro e amor se constrói a vida. A Literatura de Cordel é a voz do pobre, é o carro alegórico que leva o analfabeto ao MOBREAL; é a escada de luz. Não seja um analfabeto”. Apud: HATA, L. “Representações de Leitura nas Capas de Folhetos de Cordel”, in: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/ensaios/luli.html>.

⁹⁶ ALMEIDA, M. W. B., Op. Cit, pág. 134.

⁹⁷ Idem, pág. 135.

condicionada pelas exigências de seu público e repleta de valores considerados vitais para a organização, a coesão e a identidade coletivas. Um certo trânsito pela tradição letrada, assim como a lida com alguns dos aspectos da escrita, leitura e impressão de textos, embora os torne diferentes, em certa medida, dos poetas orais, não os coloca distanciados de seu público, uma vez que eles se mostram extremamente obedientes ao cânone dos folhetos, realizando a seleção e a tradução de elementos exteriores, que passam a *funcionar* dentro do padrão formal e do imaginário concernentes a essa produção.

Um exemplo bastante emblemático desse tipo de atuação refere-se à adaptação de notícias de jornal pelos poetas. Nos chamados folhetos de época é comum encontrar versões *rimadas e versadas* de fatos verídicos de grande repercussão. Eles são tão apreciados pelo público que chegam a substituir os jornais como meio de que o povo se vale para se inteirar das novidades.

A esse respeito existem inúmeros depoimentos de poetas e de pesquisadores indicativos de que o público popular prefere os versos dos poetas às notícias impressas nos jornais ou veiculadas pelas rádios. Segundo o poeta Rodolfo Coelho Cavalcante, em entrevista dada a Orígenes Lessa, a preferência pelos folhetos dá-se pela descrença popular na autenticidade das novas veiculadas pelos meios de comunicação:

*O sertanejo sabe pelo rádio ou por ouvir dizer os acontecimentos importantes, mas só acredita quando sai no folheto... Se o folheto confirma, aconteceu...*⁹⁸

Já Manoel de Almeida Filho, também poeta popular, aponta para a existência de razões formais para a preferência do povo, que, segundo ele, já está acostumado com a literatura em versos: “Então o livro em prosa mesmo ele (o consumidor) não gosta. (...) e nem gosta do jornal, a notícia do jornal. Ele não entende. (...) Porque está acostumado a ler rimado, a ler versado. (...) Aquela notícia não é boa para ele, o folheto sim, porque o folheto

⁹⁸LESSA, O. *Getúlio Vargas na Literatura de Cordel*. Rio de Janeiro, Documentário, 1973, pág. 56.

ele lê cantando”⁹⁹. Uma carta de Ariano Suassuna, enviada a Idelette Muzart Fonseca, ajuda a entender melhor as razões dessa preferência, que ele atribui ao prazer estético experimentado pelo povo na leitura da notícia versada:

Creio que, até agora, as pessoas que escrevem sobre isso põem toda a ênfase no folheto como meio de comunicação, esquecendo a importância literária dele, a importância do folheto como forma poética de que o povo gosta literariamente mesmo e não apenas como informação. A respeito disso, conto-lhe uma história: no dia da morte do Presidente Getúlio Vargas, um ‘folhetista nordestino’, ao ouvir, pelo rádio, e ler, pelos jornais, a notícia do fato, começou a escrever um folheto intitulado A Lamentável Morte do Presidente Vargas. Desse folheto venderam-se 70000 exemplares em 48 horas. Agora eu indago: se o interesse era o da notícia, por que o povo não se contentou com o rádio e os jornais? Um jornal é mais barato do que um folheto e além disso, naquele dia, as edições especiais saíram antes do folheto. Então, se o interesse do povo se limitasse à notícia, era melhor comprar o jornal, mais barato e saído primeiro. Se o povo comprou o folheto dessa maneira, era porque estava desejoso de ver contado, nos termos literários e poéticos que a ele correspondem, aquele acontecimento que tanto o emocionara.¹⁰⁰

Transparece nos depoimentos a idéia de que há motivos de natureza formal para a preferência dos leitores e de que se estabeleceria uma afinidade entre eles e a produção em versos. Os folhetos, e não os jornais, é que se mostram compatíveis com o seu público, “nos termos literários e poéticos que a ele correspondem”. Por traz de tais idéias estão implícitas características peculiares à produção e recepção da literatura de folhetos, como a já referida ascendência de toda uma tradição poética oral, anterior à veiculação de versos impressos. Tal como nas composições dos cantadores, percebe-se nos folhetos dos poetas de bancada o uso de recursos padronizados, tanto formais como temáticos, atendendo às necessidades mnemônicas de um público que, muito mais do que ler, ouve em grupo a leitura dos folhetos.

⁹⁹ALMEIDA, M. W. B. Op. Cit.

¹⁰⁰SANTOS, I.M.F. "Novas Perspectivas para Análise das Composições Populares". In: Literatura Popular em Versos - Antologia - Leandro Gomes de Barros 2, Rio de Janeiro, MEC, Fundação Casa de Rui Barbosa, Paraíba, Universidade Federal da Paraíba, 1977, tomo III., pág. 13.

Sob esse aspecto, retomando-se o depoimento de Rodolfo Coelho Cavalcante, é natural que os poucos leitores alfabetizados, já familiarizados com a forma da Literatura de Folhetos, leiam sem dificuldades um folheto noticioso, enfrentando problemas em decodificar a prosa do jornal, que, além de não fazer parte de seu universo fortemente oral, não tem características poéticas.

A *função* do poeta, um membro dessa comunidade oral capaz de dialogar com a notícia de jornal, é não só a de torná-la inteligível, mas também de, traduzindo-a para os códigos da produção dos folhetos, torná-la um objeto, além de informativo, estético e lúdico.

Paul Zumthor, no seu estudo sobre os traços de oralidade na poesia medieval, também caracterizada, segundo ele, pela existência de uma tradição oral compartilhada coletivamente, afirma que as tradições orais “...aderem muito mais à existência coletiva que elas não cessam de glosar, revelando-a a si mesma”. Nesse sentido, o papel do poeta numa coletividade ainda muito impregnada por uma forte tradição oral como a nordestina é de assimilá-la e de representá-la. Para Zumthor, esse revelamento da realidade coletiva pela poesia só se dá através da ficção: “discurso social diversificado, homogêneo e coerente em suas profundezas, a poesia engloba e representa todas as práticas simbólicas do grupo humano; nessa medida mesma, só pela ficção ela pode ser relacionada a algum assunto”¹⁰¹.

Quando o assunto é Padre Cícero ou a religiosidade popular, o papel funcional do poeta fica totalmente em evidência. Um mosaico de inúmeras narrativas em verso mantém vivo e atuante um conjunto de símbolos e crenças, que *funciona* como articulador da própria realidade, nos planos individual e coletivo. Devotos ou não, os poetas populares veiculam uma certa imagem do Padre Cícero - de santo, profeta e milagreiro - que o seu público criou e quer re-conhecer na sua poesia. Dois deles, poetas de Juazeiro, Manoel Caboclo e Silva e João de Cristo Rei, já falecidos, merecem um destaque especial pela

¹⁰¹ZUMTHOR, P. A Letra e a Voz. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

profunda religiosidade e devoção que demonstram alimentar em relação ao padrinho, patente nos seus depoimentos e poemas¹⁰².

Ambos têm em comum, além da defesa e propaganda da santidade do Padre Cícero, elementos biográficos que os aproximam. Eles iniciam sua trajetória trabalhando no campo, desde meninos. Aprendem a ler e a escrever de maneira autodidática, em meio ao duro trabalho do eito. Mas o que é mais interessante, ambos têm o início de seu ofício de poetas diretamente ligado ao incentivo do Padre Cícero, que eles chegam a conhecer em vida. Manoel Caboclo e Silva recebe do sacerdote o dinheiro necessário para comprar uma carta de ABC, pelo que demonstra uma profunda gratidão:

Pra mim ele é tudo. Porque, eu era pequeno e minha ... eu fui com minha mãe aonde estava Padre Cícero. Aí Padre Cícero - ela dizendo que eu estudasse, tudo - aí Padre Cícero disse:

- Ele vai aprender.

Aí minha mãe disse:

- Mas, meu padrinho, nós não temos escola lá no sítio, não temos nada. Nós mora num sítio.

- Mas ele aprende.

Pegou na minha mão, segurou, meteu a mão na batina e tirou assim um dinheirinho. (...) Aí eu, eu não quis nem pegar porque eu não tinha pedido. Fiquei com cerimônia de pegar o dinheiro. A beata viu e disse: Padre Cícero, o senhor está dando tudo a uma pessoa só! Aí ele disse:

- A quem eu dou, a quem Deus promete não falta. (...) E aí então eu achei que aquilo era um mistério. Ele disse: ele vai estudar e aprender. Estudei, sou autodidata (...) Agradeço a Deus e ao Padre Cícero por ter aprendido a assinar meu nome¹⁰³.

João de Cristo Rei, por sua vez, publica seu primeiro folheto e dá continuidade a esse trabalho graças ao aval do padrinho:

¹⁰² *Dentre os poemas de Manoel Caboclo e Silva (1916 – 1996) podem-se citar O Padre Cícero em Roma, O Sermão de Meu Padrinho sobre o Fim do Mundo, A Visita dos Romeiros como era Antigamente e O Sonho de Frei Damião com Meu Padrinho Cícero do Juazeiro do Norte e os Tremores de Terra. Já João de Cristo Rei (1900 – 1983) compôs, entre outros História da Guerra de Juazeiro, História de 3 Sonhos de um Padre sobre o Céu, o Purgatório e o Inferno, O Nascimento Misterioso de Padrinho Cícero, Profecia, Aviso e Morte de Padrinho Cícero Romão e Um Sonho Misterioso de Padre Cícero Romão.*

¹⁰³ *Trecho de entrevista concedida a mim, em fevereiro de 1996, meses antes de seu falecimento.*

...eu vim a Juazeiro, onde encontrei uma novidade, lá onde eu estava arranchado me contaram uma novidade de um caso que estava se dando de uma moça contando história de outro mundo...Eu achei interessante, eu digo, eu entendi de fazer um versinho, então tirei de minha mentalidade umas rimas. Fiz um versinho. Um tanto errado e coisa e tal, mas que saiu de gosto. Cheguei aqui, fui ler pro meu Padrinho Cico, ele achou muito bonito e disse:

- Você de ora em diante vai ser poeta. Vai ser poeta.

- Meu Padrinho, eu não tenho nada o que escrever, porque sou um tanto ignorante e não tenho assunto nenhum. O Sr. me dê aí um assunto...

- Faça o que você quiser e fizer, que tudo quanto você quiser e fizer eu dou por bem-feito.

Pronto, daí por diante eu comecei a escrever. Deixei aquela vida do pesado e foi o tempo que me casei também, em 1931, e fui construir família com essa profissão. Meus filhos foram educados aqui em Juazeiro, no colégio... Até o momento ainda estou vivendo disto.¹⁰⁴

Envolvidos pelo carisma, poder e mistérios do Padre Cícero, os dois poetas afirmam ter recebido do sacerdote encaminhamentos decisivos para o desenrolar de suas vidas. Na sua transferência do campo para a cidade, intervém o padrinho, o Patriarca de Juazeiro, desempenhando sempre, no gerenciamento de sua comunidade, seu duplo papel de líder religioso e secular.

A ligação destes dois poetas com o Padre Cícero e sua “Nova Jerusalém” é profunda. Ambos demonstram participar, quase sem distanciamento, de todo um universo de crenças que faz deles homens profundamente religiosos, devotos de seu padrinho Padre Cícero.

Enquanto Manoel Caboclo e Silva conta com detalhes uma graça recebida do “santo”¹⁰⁵, enaltecendo o caráter caridoso do sacerdote, definido como “...uma pessoa de

¹⁰⁴ Entrevista cedida em 1977 ao Projeto Literatura de Cordel. Apud LOPES, R. João de Cristo Rei - O Profeta de Juazeiro, Fortaleza, Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 1994, pp. 16-17.

¹⁰⁵ Na entrevista, Manoel mencionou ter necessitado da ajuda sobrenatural, dos mistérios, na sua linguagem, do Padre Cícero. Segundo conta, havia sido incumbido por um amigo de mandar fazer uma limpeza em três anéis que ficariam guardados consigo até a volta do proprietário. Tudo transcorreu muito bem até o dia em que o amigo retornou para avisar que, após a visita que tencionava fazer ao Horto, voltaria para apanhar os anéis. Ele se foi e Manoel não encontrou os anéis no lugar onde tinha guardado. Revirou a casa, e nada. Desesperado, pediu a intercessão do padrinho Cícero: “vala-me meu Padre Cícero, vala-me!”. No mesmo instante, uma moça que trabalhava em sua casa, e que naquele momento varria o chão, puxou os anéis com a

Deus. Um homem de Deus, que Deus estava com ele todos os momentos que ele precisasse”¹⁰⁶, João de Cristo Rei define-se a si mesmo como “...religioso de toda a minha alma”, alguém que “graças a Deus, tinha a minha religião santa gravada no meu coração”¹⁰⁷, a ponto de ter desejado ardentemente seguir a carreira sacerdotal, um anseio frustrado pela falta de recursos. João, cujo nome de batismo é na realidade João Quinto Sobrinho, acabou por se casar, tendo quatro filhos, aos quais, sugestivamente, deu nomes de santos: Francisco de Assis, João Bosco, José Maria e Maria das Virgens. Quanto à mudança em seu próprio nome, deveu-se a uma “promessa com Cristo Rei”, por motivo de saúde, de que o poeta costumava dar notícia em seus folhetos, através do seguinte aviso: “Achando-me gravemente enfermo sem esperança de cura, recorri a Cristo Redentor, no sentido de curar-me com promessa de mudar meu nome. Acho-me hoje são, pelo que, em sinal de gratidão, meu nome é hoje João de Cristo Rei, em vez de João Quinto Sobrinho”¹⁰⁸.

Mais do que poeta, João constituiu-se num profeta, um verdadeiro *Profeta de Juazeiro*, conforme expressão de Régis Lopes. Seus folhetos - a maioria deles tributário da tradição apocalíptica do imaginário religioso do sertão, a que ele agregava os conhecimentos astrológicos oriundos da leitura de um famoso almanaque, o *Lunário Perpétuo*¹⁰⁹ -, circulavam pelo sertão através da sua própria atividade de folheteiro. João viajava fazendo as principais feiras nordestinas, levando consigo a mensagem redentora do Padre Cícero frente à iminência do fim dos tempos. Nesse sentido, segundo Lopes, “falar em João de Cristo Rei é, de certa forma, falar sobre o ‘Movimento Religioso de Juazeiro’”. Por intermédio de vários cordéis, esse talentoso poeta popular assumiu, em certo sentido, o papel de “porta-voz” das idéias e dos ideais que circula(va)m no imaginário dos fiéis devotos do Pe. Cícero. Dessa forma, estudar sua vida, sua poesia, significa, inevitavelmente, penetrar numa complexa rede de crenças do imaginário popular do Sertão.

vassoura. Manoel descreve emocionado a cena final, porque, segundo ele, era a maior vergonha que iria passar em sua vida. Sua voz alterada pelo choro contido é mais um dos índices de sua profunda religiosidade e devoção.

¹⁰⁶ Trecho de entrevista cedida a mim, em fevereiro de 1996, meses antes de seu falecimento

¹⁰⁷ Entrevista cedida em 1977 ao Projeto Literatura de Cordel. Apud LOPES, R, Op. Cit, pág 15.

¹⁰⁸ Idem, pág. 18.

Há um sabor de coletividade quando falamos em João de Cristo Rei. O seu “perfil” confunde-se com o rosto dos peregrinos”¹¹⁰.

Cristo Rei pertence, indiscutivelmente, à coletividade de devotos do Padre Cícero. Para os folhetos, ele transfere um imaginário que *é nosso (meu e de meu público, meu e de meus irmãos)*, uma *verdade* profunda porque articuladora da indentidade grupal. A consciência de uma unidade faz-se clara quando é necessário contrapor argumentos à acusação, comum, de fanatismo:

Dizem que nós somos fanáticos, mas fanáticos por que? Que é que nós temos de fanatismo? (...) Mas se nós somos fãs pelo Juazeiro, pelo Padrinho Cícero, é porque ele merece. Porque nós vemos nele um homem imitador de Nosso Senhor Jesus Cristo, um homem paciente, humilde, milagroso, santo, de ciência e virtude, paciência...Uma paciência só comparável com a de Nosso senhor Jesus Cristo. Castidade e virgindade. (...) Um homem santo, um homem de verdade, um homem consolador, que dava consolação a todos nós, curava todos os males, tanto da alma quanto do corpo, dava satisfação, fazia seus milagres. Eu vejo o homem, dou valor a esse homem - quer dizer que eu sou fanático? Fanático não senhor, não sou fanático, eu sou um homem de luz que viu a verdade. Constato a verdade e vivo com ela e morro com ela.

*...Eu vou dizer o que é fanatismo. Bem, aconteceu agora há pouco que um jogador de futebol chamado Tostão deu uma pancada no olho e veio a um médico do Brasil, no momento não me lembro qual foi a cidade. E veio fazer uma revisão no olho. E no lugar que esse homem se achava para fazer essa revisão, afluiu uma massa de gente de alta categoria, de tal maneira que foi preciso a polícia intervir, quando não, seria invadido aquele ambiente. Eu digo, isso é que é fanatismo. Não o meu, porque vi meu Padrinho Cícero, porque vi as suas verdades, porque constato as suas verdades, sua santidade, sua pureza, sua imitação com Nosso Senhor. Então se eu vi a verdade, falo a verdade. Esse negócio aí, esse é que é fanatismo.*¹¹¹

Fã do Padre Cícero, e no afã de preservá-lo enquanto ícone de uma religiosidade coletiva resistente ao olhar externo, Cristo Rei compôs e imprimiu uma infinidade de

¹⁰⁹ A informação a respeito da leitura do almanaque foi dada por Maria das Virgens e por José Bosco Dias Bezerra, respectivamente, filha e neto do poeta.

¹¹⁰ LOPES, R. *Op. Cit.*, pág. 11.

¹¹¹ *Idem*, pág. 20.

narrativas e de benditos. Seu neto, José Bosco Dias Bezerra, conhecido simplesmente como Bosco dos Benditos, vive do comércio de gravações em cassete dessas histórias e canções, muitas delas consideradas verdadeiros clássicos entre os romeiros. Desde menino, assim como vários membros de sua família, Bosco trabalhou com seu avô na venda de folhetos. Juntos, viram seu negócio entrar em decadência. Os meios de comunicação, as crises econômicas e o alto preço do papel, razões normalmente apontadas pelos pesquisadores como responsáveis pela iminência da *morte* da produção de folhetos, deviam estar contribuindo para solapar a sua pequena indústria¹¹². Juntos, tiveram a idéia do registro em fitas cassete, que o neto pôs em prática, com grande sucesso, há cerca de três anos.

Contrariando todas as expectativas dos que anunciam a morte, Bosco segue uma tendência geral no que tange à circulação do cancionero do Padre Cícero, a da gravação em fitas cassete, numa espécie de retorno à oralidade. O advento do novo suporte, eliminando a necessidade de decodificação da escrita imposta pelo folheto, promete pôr em evidência a presença de uma voz poética, ainda que desvinculada do ambiente de uma performance e, portanto, de uma experiência de produção-recepção direta, simultânea e corpórea. De posse

¹¹² Na década de 70, numa espécie de surto nacionalista, a academia voltou seus olhos para a produção de folhetos nordestina. Além de estudá-la, era necessário salvá-la da influência nefasta dos meios de comunicação de massa que, aliada às freqüentes crises econômicas, estava pondo em risco a existência de uma manifestação popular autêntica. As idéias de morte e de decadência passaram a rondar os textos dos estudiosos, e não é por acaso. Em seu artigo, "A Beleza do Morto", Certeau aponta para o fato curioso de que a maioria dos estudos folclóricos se constitui a partir de uma produção em vias de extinção. Uma vez desaparecidos, suspeita-se que metodologicamente assassinados), as manifestações da cultura popular e seus elementos perturbadores, procede-se à análise. Segundo ele, até mesmo as perspectivas de análise simpáticas ao povo (de inspiração marxista, por exemplo) padecem desse problema, uma vez que ele se inscreve nos próprios procedimentos científicos forjados ao longo dos anos: "O que está, portanto, em causa, não são ideologias nem opções, mas relações que um objeto e os métodos científicos mantêm com a sociedade que os permite. E se os seus procedimentos científicos não são inocentes, se seus objetivos dependem de uma organização política, o próprio discurso da ciência deve admitir uma função que lhe é concedida por uma sociedade: ocultar o que ele pretende mostrar. Isso quer dizer que um aperfeiçoamento dos métodos ou uma inversão das convicções não mudará o que uma operação científica faz da cultura popular. É preciso uma ação política". CERTEAU, M. "A Beleza do Morto". In: A Cultura no Plural, Campinas, Papirus, 1995, pág. 58. Mauro Almeida, em sua dissertação de mestrado, analisa a atuação dos intelectuais e do governo, supostamente preservacionista, como prejudicial, uma vez que punha em risco a autonomia formal do Cordel enquanto sistema de produção: "A existência de relativa autonomia no sistema nordestino de produção de folhetos em verso, durante mais de meio século, trouxe um resultado muito peculiar e importante: ele gerou, durante um período da história, uma literatura vinculada historicamente aos atores pobres das mudanças que ocorreram. Essa literatura, como vimos, não é simplesmente a 'tradição' impressa, mas produto novo, criado por um conjunto de intelectuais saídos do campo, camponeses e assalariados que aprenderam na profissão. (...) o que os anos recentes indicam é que está em jogo não a 'sobrevivência' do folheto, mas sim

de uma *lembrança* do padrinho, um romeiro se vê diante da possibilidade de ouvir repetidas vezes, quantas desejar, uma mesma e única execução de um poema, realizada, presumivelmente, numa situação especialmente criada para o registro, sem a presença e a influência direta do público. Entretanto, a voz do poeta ali gravada, embora represente uma parcela empobrecida do potencial movimentado por ele numa performance ao vivo, constitui-se num elemento suficientemente poderoso para retomar o elo oral de circulação entre produção e recepção, o que, no caso dos folhetos, era conseguido a partir de uma leitura oralizada. As fitas cassete, portanto, são um exemplo claro de que a poesia e a cultura populares *vivem* se transformando. Não há, portanto, com o que se preocupar.

Para aqueles, entretanto, que só se sentem confortáveis diante de um documento impresso, letras e Literatura, há uma boa nova, reconfortante. Bosco confessou seu desejo de voltar a publicar folhetos, tamanha a demanda dos romeiros por eles¹¹³. Entre os mais citados, além dos clássicos da produção de folhetos, como a *Donzela Teodora*, estão histórias do seu avô: *A Batalha de Dois Amantes: Liberato e Juliana*, *História da Guerra de 14* e *Os Três Sonhos de um Padre*.

certa autonomia formal da produção cultural por parte de grupos sociais determinados: camponeses e 'pobres' de um lado, e Estado e indústria cultural do outro". CF.: ALMEIDA, M. W. B. Op. Cit. pág. 101.

¹¹³ Questionado a respeito da lucratividade do negócio, ele aponta para a sua viabilidade, dado o baixo custo da impressão. Segundo ele, cada folheto, vendido a R\$ 1,00, tem um custo de produção de R\$ 0,20

Capítulo III

Padre Cícero: versado, rimado e canonizado

Grande parte dos folhetos contemporâneos sobre o Padre Cícero reflete o domínio de um extenso corpo tradicional de crenças, constituindo-se numa produção emblemática de um determinado tipo de representação, nos folhetos, aqui entendida como *canonizante*. Trata-se de um conjunto de fórmulas *canônicas* de representação, consolidado ao longo dos anos, que acaba por dar vazão ao próprio desejo de *canonização* religiosa do “Santo do Juazeiro”, presente no plano do imaginário popular.

Em seu duplo viés, poético e religioso, o processo de *canonização* do padrinho nos folhetos tem início já nos primórdios da produção¹¹⁴, culminando no estabelecimento de um corpus homogêneo de poemas¹¹⁵, em que se vislumbra a existência de uma tipologia narrativa, bem como o emprego recorrente de fórmulas verbais bem definidas.

Trata-se, portanto, de um processo ativo de busca de um padrão funcional de representação, que está ligado ao caráter semi-oral da produção de folhetos. Em benefício da memória e da perpetuação de uma tradição, torna-se necessário abandonar a variação (formal e temática), como forma de garantir as características mnemônicas e estéticas que possibilitam, ao mesmo tempo, a *re-produção* dos textos e o *re-conhecimento* do público na matéria ficcional.

¹¹⁴ Vale mencionar que os folhetos mais antigos do Padre Cícero de que disponho datam do início do século XX. O início da produção de folhetos tem seu marco em 1893, data da publicação do primeiro folheto de que se tem notícia.

¹¹⁵ Tem-se em vista, aqui, um universo de cerca de 160 títulos, recolhidos em acervos como os da Fundação Casa de Rui Barbosa, dos Fundos Villa-Lobos (IEB – USP), do Arquivo Edgard Leuenroth (IFCH –

4.1. Os folhetos do início do século e a gênese de um cancioneiro

A compreensão efetiva de como os poetas chegam, nos folhetos mais recentes, a um padrão homogêneo de representação só pode ser obtida através de um contraponto com os poemas mais antigos, produzidos enquanto o Padre Cícero ainda era vivo¹¹⁶. Vez por outra, nessa produção inicial, era possível observar a presença de elementos contextuais que poderiam comprometer a imagem de santo, profeta e milagreiro que, já naquele momento, circulava pelos sertões e era mister representar. Embora demonstrassem um esforço em traduzi-la, esboçado na criação de narrativas e de fórmulas que vão se tornar *canônicas* nos folhetos posteriores, os poetas populares defrontavam-se, nesse período, com o desafio de transpor para a sua produção, bastante codificada, um personagem histórico dos mais polêmicos. Eles estavam diante de um impasse: como representar, dentro de um universo maniqueísta, um personagem que, apesar de santificado pelos seus fiéis, recebia críticas pela sua atuação política e religiosa; e, o pior de tudo, continuava vivo, podendo contradizer toda e qualquer defesa ou representação elogiosa que dele pudesse ser feita?

UNICAMP), do Centro de Documentação Alexandre Eulálio (IEL – UNICAMP), do Instituto José Marrocos de Pesquisas e Estudos Sócio-culturais (URCA) e da biblioteca do Memorial Padre Cícero.

¹¹⁶ O ano de 1934, data da morte do Padre Cícero, corresponde a um divisor de águas na análise que busquei empreender. Do ponto de vista metodológico, os folhetos foram divididos em “mais antigos” e “mais recentes”, conforme sua data de produção tenha sido fixada, respectivamente, como anterior ou posterior à morte do padrinho. A preocupação em precisar o período de produção dos poemas estudados encontrou, logo de início, alguns entraves, ocasionados pela falta de referências precisas, em grande parte dos impressos, ao local e à data de produção. Nesse caso, além de levar em conta uma série de características materiais que poderiam fornecer indícios espaço-temporais (anúncios, patrocínio, endereços), procurei observar até que ponto as próprias características textuais e as referências ao contexto poderiam contribuir para datar os textos. Na recolha dos poemas “mais antigos”, segui as pistas deixadas por Ruth Terra nos seus dois estudos a respeito da produção de folhetos anterior a 1930. (Cf. TERRA, R. B. L. (1983) Op. Cit. e TERRA, R. B. L. *A Literatura de Folhetos dos Fundos Villa-Lobos*, São Paulo, IEB – USP, 1981). Os folhetos “mais recentes”, em maior número, foram recolhidos em acervos de Campinas e de Juazeiro do Norte, quando não adquiridos dos próprios poetas e folheteiros. Na tentativa de precisar a data de sua publicação, ou mesmo de sua composição, nem sempre coincidente com a primeira, no caso de re-edições, tornou-se necessário recorrer ao *Dicionário Bio-bibliográfico de Repentistas e Poetas de Bancada*, procurando indícios que pudessem servir de balizas temporais, tais como referências ao período de vida dos autores ou mesmo ao momento em que começam a compor e a publicar folhetos. A menção de um título no Dicionário, publicado em 1978, é suficiente para situar sua produção como anterior a essa data. De posse de mais uma informação, como, por exemplo, a data ou o período de estréia do poeta, torna-se possível delimitar em que décadas o texto pode ter sido composto ou publicado. Cf. ALMEIDA, A. A. F. *Dicionário Bio-bibliográfico de Repentistas e Poetas de Bancada*, João Pessoa, Ed. Universitária, 1978, 2 vol.

Ao sabor das contingências históricas, nas três primeiras décadas do século XX, os poetas buscaram lidar com a vida e com os fatos em que se envolveu o Padre Cícero, sem, contudo, ignorar a fé popular. Sua postura, naquele momento, revelava-se um pouco distanciada, se comparada ao comportamento nitidamente devoto de poetas contemporâneos, como um Manoel Caboclo ou um João de Cristo Rei. Os antigos procuravam traduzir, discutir e investigar fatos do cotidiano, ao invés de *re-produzir* elementos de uma tradição já construída, até porque estavam em vias de construir uma tradição, ou melhor, de criar uma série de mecanismos verbais capazes de funcionar na representação de um Padre Cícero que se adequasse, ao mesmo tempo, aos padrões da Literatura de Folhetos e às exigências impostas pelo imaginário religioso popular.

Ora deixando entrever a voz dos *perseguidores*¹¹⁷, - os críticos do padre - , ora criando narrativas exemplares de seu caráter de santo e de milagreiro, os poetas desse período inicial trabalhavam, simultaneamente, na polemização de fatos cotidianos e na tradução de elementos referentes à religiosidade de seu público.

Em linhas gerais, é possível vislumbrar, em meio a esse corpus de folhetos, a existência de uma tipologia mais ou menos definida de poemas, estabelecida de acordo com o predomínio da notícia ou do testemunho.

Há um conjunto de poemas, que poderia facilmente ser elencado dentro da categoria mais geral dos *folhetos de época*¹¹⁸, cujo foco está centrado na narração ou na discussão de episódios pontuais envolvendo a figura do Padre Cícero. Esse é o caso, por exemplo, de dois poemas sobre a visita de Lampião a Juazeiro, ocorrida em 1926¹¹⁹, e de uma série de folhetos que tematizam a Guerra de 1914, a maioria deles de autoria de Leandro Gomes de Barros¹²⁰.

¹¹⁷ Termo forjado, sintomaticamente, no interior da própria produção. A idéia de perseguição surge, por inúmeras vezes, ligada à analogia estabelecida entre as figuras de Cícero e Cristo.

¹¹⁸ Espécie de folheto *jornalístico*, de cunho informativo ou crítico, voltado para a representação de aspectos do cotidiano.

¹¹⁹ Cf.: ATHAYDE, J.M.de. *Entrada de Lampeão acompanhado de 50 Cangaceiros na Cidade do Pe. Cícero*. Recife, 12/03/1926 e BATISTA, F.C. *Conselhos do Padre Cícero a Lampeão*. Paraíba, s/d

¹²⁰ BARROS, L. G. *Lamentações do Joazeiro*. Edição do autor, Recife, s/d; BARROS, L.G. *O Joazeiro do Padre Cícero*. Recife, Edição do autor; BARROS, L. G. *Festas do Juazeiro no Vencimento da Guerra*. Edição do autor, Recife, s/d; BARROS, L. G. *O Princípio das Cousas*, Edição do autor, Recife, s/d;

4.1.1. Mímesis bíblica: perseguição religiosa e imitação de Cristo

Num outro grupo de folhetos predominam as opiniões e o testemunho dos poetas a respeito do Padre Cícero e do movimento de romeiros. No intuito de traçar um perfil do padrinho, apresentando elementos de sua personalidade e de sua trajetória, os autores desses poemas tecem suas próprias considerações, utilizando-se, algumas vezes, de trechos narrativos que põem em ação um Padre Cícero bom, caridoso e conselheiro, sacerdote desinteressado e obediente, verdadeiro “imitador” de Cristo, “perseguido” pelos seus inimigos, entre eles os próprios padres da Igreja. As referências à perseguição e à calúnia sofridas, apesar de recorrentes, dificilmente aparecem acompanhadas de informações contextuais explícitas ou das acusações a que o Padre Cícero estaria sendo exposto. As poucas críticas que escapam ao vigilante esforço defensivo dos poetas referem-se à atuação política do padrinho, bem como ao seu envolvimento com bandidos e cangaceiros.

De maneira geral, o que prevalece nesses poemas é a representação da faceta religiosa do Padre Cícero, acompanhada de referências um tanto esporádicas ao seu poder temporal e ao seu papel de líder político. A percepção dessa liderança dificilmente aparece desprovida de uma conotação espiritual e transcendente, toda calcada em elementos da tradição bíblica. Investido de uma missão redentora, Cícero é pastor de ovelhas¹²¹, “Guiador do povo crente/ qual Moysés do povo hebreu”¹²², comparado a Noé na sua obstinação em construir uma obra capaz de garantir a salvação da humanidade:

Chama-se “Egreja do horto”
Do padre Cicero Rumão
Alli a de ser o porto
De todo fiel christão

Manifestação ao Padre Cicero na Matriz do Juazeiro. s/ autor, s/ed, s/d; BATISTA, A. *A Guerra do Juazeiro em 1914*, Juazeiro, s/ed, s/d. In: *Literatura Popular em Versos – Antologia – tomo I*, Rio de Janeiro, MEC, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1964. Leandro Gomes de Barros (1865 - 1918) é um dos mais famosos autores de folheto, considerado como o pioneiro da produção. Sua obra é estimada em cerca de mil poemas.

¹²¹ BARROS, L. G. *Lamentações do Joazeiro*. Edição do autor, Recife, s/d. Folheto analisado por Ruth Terra. Suas características textuais permitem situar a data de sua produção como paralela ao momento em que começa a se delinear uma vitória cicerista na Sedição de Juazeiro, no início de 1914.

¹²² *Manifestação ao Padre Cicero na Matriz do Juazeiro.* s/ autor, s/ed, s/d.

Quando elle findar seu templo
É de deixar por exemplo
Atê a consumação.

No Joazeiro vi muito
Fallando do sacerdote
Dizer que aquella egreja
Para rumeiro era a morte
Da pobreza a sepultura
Eu acho uma loucura
O fraco lutar contra o forte.

Assim como Noé
Gastou na barca cem annos
Como diz a prophecia
Para salvar os humanos
Muitos não acreditavam
E de Noé criticavam
Viviam cheios de enganos.

Uns dizem que padre Cícero
É um segundo Noè,
Eu por nada conheci
Não vou dizer que não é
Diz outro é um mensageiro
Que veio para o Jozeiro
Mandado por santa Sé.¹²³

Criticado em seu empreendimento, o Padre Cícero vai receber uma defesa condizente com a lógica do imaginário apocalíptico sertanejo. Travestido em Noé, visionário incompreendido por seus contemporâneos, o padrinho teria recebido a missão de construir um porto de salvação, o próprio refúgio para os náufragos do Juízo Final. A justificativa para seus atos, nesse sentido, é bastante eficaz, até porque não se pode vislumbrar, com clareza, a partir da leitura, qual seria o teor das críticas levantadas, naquele momento, contra a construção da Igreja. A acusação de terceiros de que “...aquella egreja/ Para rumeiro era a morte” faz pensar numa possível referência aos custos exagerados da obra. Enquanto líder temporal e espiritual, o Padre Cícero estaria sacrificando sua

¹²³ ROMANO ELIAS. *A Convivência do Joazeiro e a Formalidade do Padre Cicero*. Tip. Liv. Pedro Batista, Guarabira, 1923, págs. 11, 12. Nas transcrições de folhetos, opto por manter a grafia original.

comunidade na construção de um templo que, segundo relatos históricos, deveria atingir proporções descomuns¹²⁴.

Num outro plano, entretanto, é possível vislumbrar, nas críticas, ecos da própria postura da hierarquia católica em relação à obra, que nunca chegou a ser concluída justamente devido aos inúmeros obstáculos impostos pela Igreja. Em 1903, ainda na esteira dos acontecimentos relativos à Questão Religiosa, a construção foi interditada pelo Bispo D. Joaquim. O mesmo religioso que, anos antes, suspendera as ordens do Padre Cícero, continuava preocupado em suprimir elementos de uma prática e de um poder religiosos que escapavam ao seu controle. Para os romeiros, pelo que se pôde depreender da leitura do folheto, a Igreja do Horto representava muito mais do que um simples templo. Tal como Juazeiro, ela se constituiria no epicentro da redenção da humanidade, uma obra, no dizer de um outro poeta, “pia e santa”, cujo “trabalho foi suspenso,/ Mas logo se desencanta!”¹²⁵. Nesse contexto, não é difícil de imaginar que o Padre Cícero, encarregado da construção, tenha sido transformado em vítima da incompreensão, perseguido, tal como Noé, em pleno cumprimento de seu dever:

Que crime á de cometer
Um pobre velho pastor?
Que apenas cumpre o dever
Da ordem superior
Porque é tão perseguido?
Vive hoje coagido
Como o mais vil quadrilheiro?
Seu crime foi um exemplo
Quando deu comesso a um templo
Que existe no Joazeiro¹²⁶

¹²⁴ DELLA CAVA, R. Op. Cit.

¹²⁵ OLIVEIRA, J. M. *Trabalhos do Padre Cícero*, In: MOTA, L. *Cantadores (Poesia e Linguagem do Sertão Cearense)*. Rio de Janeiro, Livraria Castilho, 1921, pág. 194. O poeta juazeirense João Mendes de Oliveira (1890 - 1918) cognominava-se “O Cantador de Juazeiro”. Foi na sua casa que, em 1926, Lampião e seu grupo ficaram hospedados. O poema *O Padre do Juazeiro*, de Leandro Gomes de Barros, contém uma passagem que confirma essa expectativa redentora em relação à construção da igreja. Segundo o poeta, o Padre Cícero estaria “... trabalhando em um templo/ Que faz chamar atenção/ Como quem está esperamdo/ Por uma consumação/ Ninguém conheceu ainda/ Qual a sua inspiração”. Cf. *O Padre do Juazeiro*, s/a, s/ed, s/d., pág. 03.

¹²⁶ BARROS, L. G. *Lamentações do Joazeiro*. Edição do autor, Recife, s/d, págs 03 e 04. Folheto analisado por Ruth Terra. Suas características textuais permitem situar a data de sua produção como paralela ao momento em que começa a se delinear uma vitória cicerista na Sedição de Juazeiro, no início de 1914.

A imagem do Padre Cícero oscila entre o crime e o castigo. Ele, “um pobre velho pastor”, sofre uma perseguição digna do “mais vil quadrilheiro”. Como um chefe de quadrilha, o religioso responde à acusação de se contrapor à ordem, embora, de acordo com a argumentação do poeta, não tenha se atrevido a fazer nada além do que lhe teria sido designado por uma “ordem superior”.

Qualquer semelhança com a imagem de Cristo, aqui, não é mera coincidência. A própria noção de perseguição, que perpassa inúmeros folhetos, ligada à atitude condenatória de certos inimigos e “profanadores”, vai estar associada, muitas vezes, à analogia que se estabelece entre essas duas figuras. Esse é o caso, por exemplo, do folheto *Detesto da Verdade*, de Manoel Rodrigues Tenório. Segundo o poeta:

“Padrinho Cicero em Joazeiro
As trevas tem lhe cercado
Por grandes personagens
Tem sido calumniado
Porem mais soffreu Jesus
Prezo carregando a cruz
E nella foi crucificado¹²⁷

Tal como Jesus, Cícero também enfrenta o sofrimento e a perseguição no cumprimento de sua missão redentora. Encarregado de encaminhar os pecadores diretamente para a luz da salvação, nestes tempos de consumação, o padrinho tem de aplacar as críticas dos que se fazem cegos, recusando-se a enxergar seu brilho e a se tornar herdeiros dessa claridade:

Padrinho C. mostra exemplo
Facil de se conhecer
Porem quem não acredita
Quando ver faz que não ver
E aquelle que anda fora
Quando sabe da historia

¹²⁷ TENÓRIO, M. R. *Detesto da Verdade*, Juazeiro do Norte, s/d, pág. 04. Na página 12, o poeta, que não é mencionado pelo Dicionário Bio-bibliográfico, diz-se “Residente no Joazeiro/ Na rua Santa Izabel”.

Faz que não ouve não crer

Aqui mesmo no Ceará
E em diversos estados
Seus crueis persiguidores
Por muito tem propalado
Dizendo tudo ao contrario
São estes os que do claro
Ainda estão desherdados

Padrinho è uma estrella
Que resplandece no centro
Só não ver quem já é cêgo
Da luz do entendimento
É um espirito espiritual
Para quem quizer olhar
Pois está chegado o tempo¹²⁸

Em alguns folhetos, ao mesmo tempo em que imita Jesus na sua missão redentora, Cícero contabiliza a animosidade dos próprios membros da Igreja:

“No sertão do Ceará
Appareceu um pastor
Que veio quasi imitando
Christo nosso salvador
Há quem diga que elle é
Enviado do Senhor

É um pastor exemplar
O padre do Juazeiro
Pede esmola e dá esmola
E não é interesseiro
Tudo que faz é graça
Não aprecia dinheiro

A uns quinze dias passados
Disse-me um velho romeiro
Que está suspenso de ordem
Por não ser interesseiro
Os padres detestam delle
Por não gostar de dinheiro

¹²⁸ Idem, págs 02, 03.

Está suspenso de ordem
Não faz mais um baptizado
Não casa mais, nem confessa
Esta quasi inutilizado
Porem com toda injustiça
Não diz nada do bispado.¹²⁹

A humildade e o desinteresse do “imitador” de Cristo têm como contraponto a rivalidade e a injustiça do “bispado”, traduzidas na suspensão das ordens eclesiásticas do “pastor exemplar”.

A referência contextual, comum a alguns outros textos¹³⁰, permite vislumbrar o quanto os eventos relativos à Questão Religiosa estiveram presentes nas preocupações dos poetas desse período. Isso fica ainda mais evidente quando se analisa a própria cautela de alguns deles em proclamar os dotes taumatúrgicos do Padre Cícero, a que se soma o total silenciamento em relação ao Milagre da Hóstia, justamente o responsável por toda a notoriedade do padrinho e o subsequente crescimento da cidade de Juazeiro. Esse tipo de atitude dificilmente poderia ser interpretada como resultante de um distanciamento voluntário do poeta em relação aos elementos do imaginário religioso de seu público, até porque é possível detectar, nos folhetos, todo um esforço em representar uma certa faceta messiânica do Padre Cícero. A hipótese mais plausível, formulada por Régis Lopes no seu estudo sobre João de Cristo Rei, é a de que os poetas viveriam, ainda, sob o impacto da

¹²⁹ *O Padre do Juazeiro*, s/a, s/ed, s/d., págs 01, 03. O exemplar de que disponho é reprodução do texto transcrito na pasta 6 dos Fundos Villa-Lobos (IEB – USP). Trata-se de mais um dos títulos analisados por Ruth Terra no seu estudo sobre a produção de folhetos anterior a 1930. Cf. TERRA, R. B. L. (1983) Op. Cit. Uma outra fonte desse poema, a edição de 10 de outubro de 1910 do jornal “O Rebate”, um semanário juazeirense claramente simpático à causa do Padre Cícero e do recém emancipado município, apresenta como autor o poeta Leandro Gomes de Barros. O exemplar consultado encontra-se arquivado na Biblioteca do Memorial Padre Cícero.

¹³⁰ João Mendes de Oliveira, que se refere ao Padre Cícero enquanto Messias, uma das três pessoas da Santíssima Trindade, menciona que “Bispo, Páde e Missionáro/ Vão de encontro a meu Padrim”. Cf.: OLIVEIRA, J. M. *Trabalhos do Padre Cícero*, In: MOTA, L. *Cantadores (Poesia e Linguagem do Sertão Cearense)*. Rio de Janeiro, Livraria Castilho, 1921, pág. 198. No folheto *A Vida e os Sermões do Padre Cícero*, depois de explicar que, em relação a Cristo, o Padre Cícero “faz a mesma imitação”, o poeta declara que “os bispos não gostam delle/ Ignora-se a razão/ Tanto que elle não diz missa/ Não faz uma confissão/ O bispo do Ceará não quis dar-lhe a previsão”. Cf.: BARROS, L.G. *A Vida e os Sermões do Padre Cícero*. Recife, Tip. Athayde, 1925, pág. 09. Segundo o autor de *Manifestação ao Padre Cícero na Matriz do Joazeiro*, “existe grande ciúme/ da parte dos capelões/ notam mal do santo padre/ dizendo nós somos bons/

forte repressão clerical que recaiu sobre o movimento religioso do Juazeiro à época da Questão Religiosa¹³¹. Sabe-se que, além de proibir peregrinações e declarar nulas as promessas dos romeiros, o Bispo do Ceará ordenou a recolha e a queima de todos os *documentos escritos* em defesa dos milagres, bem como a aplicação de punições a seus autores: no caso de sacerdotes, a suspensão de ordens; no caso de leigos, a privação aos sacramentos.

No início do século, ao que parece, *escrever* sobre os milagres do padrinho, uma atitude que se tornaria cada vez mais corriqueira a partir da década de quarenta, poderia atrair uma série de retaliações por parte da Igreja, o que não impediu, entretanto, que os poetas usassem de outros expedientes para garantir uma representação elogiosa. Ao invés de narrar casos de milagres, eles empregavam diferentes recursos formais na composição da imagem do santo padrinho Padre Cícero, tais como narrativas ilustrativas de seu caráter de predestinado e referências explícitas a suas virtudes.

No folheto *A Convivência do Joazeiro e a Formalidade do Padre Cícero*, por exemplo, observa-se a caracterização do padrinho enquanto homem religioso e conselheiro, em oposição a uma possível imagem de milagreiro. Procurando reforçar esta imagem mundana, o poeta tece a seguinte consideração:

Não quero dizer que elle
Seja um padre milagroso,
É muito bom conselheiro
É um padre religioso
Não tem esse nem aquelle
Tudo é facil para elle
O que eu acho custozo¹³²

Numa breve passagem, entretanto, um pouco contraditoriamente, ele acaba caracterizando o Padre Cícero enquanto um missionário divino, o que, em alguns outros poemas, vai acabar se convertendo em predestinação messiânica:

dentro da hypocrisia/ mostrando suas acções". Cf.: *Manifestação ao Padre Cícero na Matriz do Juazeiro*. s/autor, s/ed, s/d, pág. 03.

¹³¹ LOPES. F. R. Op. Cit., pág. 25.

Joazeiro é logar
Para fazer-se oração
Jesus mandou para lá
O Padre Cicero Rumão
A favor dos peccadores
Nossa Senhora das Dores
Para nossa remissão¹³³

Também no folheto *O Padre do Juazeiro*, ao mesmo tempo em que o poeta nega a afirmação atribuída ao “povo sem consciencia” de que o padre seria milagreiro, afirmando que “Um assim elle detesta/ Porque é um mentiroso”¹³⁴; ele não deixa de mencionar fatos extraordinários contados a ele por terceiros, como o caso de animais bravios que, ao chegarem a Juazeiro, ficam mansos em poucos dias. Chega a admitir que “Parece haver um mysterio/ Ninguem sabe o que elle faz”¹³⁵ e menciona que “Homem serios teem dito/ sem o caso exagerar”¹³⁶ que na igreja do padre, cavando, acha-se água em qualquer lugar, mesmo nos locais mais secos. Cuidadosamente atribuída a terceiros, devido talvez ao medo de represálias, a descrição de fatos misteriosos envolvendo a figura do padrinho contradiz, num certo sentido, a afirmação inicial de que o religioso não seria milagreiro. A ela vem se somar a já mencionada alusão ao caráter de messias salvador do padrinho, comparado, em suas atitudes, à figura de Jesus. Já na abertura do folheto, o autor anuncia que “No sertão do Ceará/ Apareceu um pastor/ Que veio quasi imitando/ Christo nosso salvador”, apontando para a idéia de uma possível origem divina do sacerdote, cuja veiculação ele atribui a terceiros: “Ha quem diga que elle é/ Enviado do Senhor”¹³⁷.

A imagem da imitação de Cristo também aparece num outro poema, *A Vida e os Sermões do Padre Cicero*. Depois de um breve relato sobre a vida e os ensinamentos de Jesus, surge no folheto a seguinte comparação:

¹³²ROMANO ELIAS, *A Convivência do Joazeiro e a Formalidade do Padre Cicero*. Tip. Liv. Pedro Batista, Guarabira, 1923, pág. 02.

¹³³Idem, pág. 10.

¹³⁴*O Padre do Juazeiro*, s/a, s/ed, s/d., pág. 03.

¹³⁵Idem, pág. 04.

¹³⁶Idem, pág. 04.

¹³⁷Idem, pág. 01.

O Padre Cícero também
Faz a mesma imitação
Pede esmola e dá esmola
É despido de ambição
E diz que a Graça de Deus
É o verdadeiro pão¹³⁸

Além da representação do padre enquanto um sacerdote conselheiro, caridoso e desinteressado, criada pelo uso de um sermão ou veiculada através das opiniões do poeta, ocorre no folheto um reforçamento da imagem de imitador de Cristo pela associação à idéia da predestinação de Cícero:

Nascido para a igreja
Criado para a doutrina
Mandado ao mundo por Deus
Cumprir a ordem divina
Ensinar aos seus irmãos
Tudo que a Igreja ensina¹³⁹

É curioso notar, entretanto, que a imagem da predestinação de Cícero, aqui, ao invés de adquirir contornos messiânicos, é traduzida em termos de vocação religiosa, entendida como dom para o sacerdócio e obediência aos preceitos do catolicismo oficial. O autor narra que o padre, desde a infância, já revelava inclinações religiosas, demonstrando sua vocação através de um pequeno trecho narrativo:

Desde pequeno elle tinha
Aquellas inspirações
Desejava mesmo ter
A vida de privações
Em criança seus brinquedos
Eram missas e orações

Elle tinha 5 annos
Era bem pequenininho
A noite a mãe procurou-o
Não o achou no bercinho

¹³⁸BARROS, L.G. *A Vida e os Sermões do Padre Cícero*. Recife, Tip. Athayde, 1925, pág. 03.

¹³⁹ Idem, pág. 01.

Achou-o nos pés de uma imagem
Dormindo ajoelhado.

Ella exclamou meu filhinho!
Que planos são esses seus?
Todo mundo tem cuidados
Porem não são como os meus
Disse elle: eu vim rezar
Dormi e sonhei com Deus¹⁴⁰

Esse tipo de anedota, dando conta da precocidade do menino Cícero, vai se tornar comum nos folhetos mais recentes, sobretudo naqueles que se propõem a narrar sua trajetória de vida. Nesse início de produção, o relato, ilustrativo dos dotes religiosos do padrinho, só vem a reforçar sua imagem de predestinado e, paralelamente, seu caráter de sacerdote obediente aos preceitos da Igreja, embora *perseguido* pelos padres e bispos, que “não gostam delle”¹⁴¹. Reflexo da própria atitude de submissão ao clero desenvolvida pelo Padre Cícero ao longo de sua vida, a representação surge como mais um indício do esforço defensivo dos poetas, que dificilmente poderia ser lido enquanto discurso crítico de ruptura em relação à Igreja.

Os exemplos apontados acima revelam o quão cautelosos se mostravam alguns poetas no trabalho com certos elementos da religiosidade popular que circulava em torno da figura do Padre Cícero. Ao mesmo tempo em que representavam sem problemas as facetas referentes às virtudes de homem religioso, eles acabavam se esquivando de formular afirmações categóricas a respeito do caráter messiânico e sobrenatural do padrinho, o que sem dúvida está ligado à natureza híbrida, entre o oral e o escrito, de sua produção de poetas de bancada. Nesse momento, se *escrevessem* e *imprimissem* com exatidão o que já circulava na boca do povo, poderiam sofrer retaliações, o que provavelmente não aconteceria, suponho, com o cantador João Mendes de Oliveira. Sua poesia, marcada pela produção e pela circulação oral, dificilmente deixaria vestígios passíveis de censura. Em três poemas seus transcritos por Leonardo Mota, tidos como

¹⁴⁰ Idem, pág. 01.

¹⁴¹ Idem, pág. 09.

documentos do “...fanatismo das rústicas populações do Norte pelo Padre Cícero Romão Batista”¹⁴², circulam livremente os elementos de uma tradição messiânica. A imagem do Padre Cícero veiculada é a de um “pastô delicado”, religioso, conselheiro, protetor, poderoso, tanto espiritual como politicamente, e, sobretudo, santo. Sua santidade é retratada através de alguns trechos narrativos encontrados em dois dos poemas, que, apresentando um diálogo entre Jesus e Nossa Senhora das Dores, acabam por conferir uma origem divina ao sacerdote. Tendo observado o quão desgraçados e influenciados pelo demônio estavam os homens, Nossa Senhora entristece. Jesus pergunta-lhe o motivo e os dois, acompanhados por José, enviam o “Padrim” à “...cidade de espim/ Para salvá os christão,/ Do grande ao pequeninim”¹⁴³. Além disso, Cícero recebe da Virgem um rosário e o poder de, através de suas palavras, promover a redenção dos pecadores:

Eu sou a Virge das Dôre,
Cisso é o dono do Sacrário;
A elle dou meu Rosário,
Conheçam bem peccadôre:
Quem a Cisso respeitá
Ficará com Deus Eterno,
Não consinto í p'r'o inferno
Quem ouví Cisso falá!¹⁴⁴

A imagem de santidade se completa através das palavras do próprio poeta, que, além de dar vivas à maneira de oração a vários santos, entre os quais o Padre Cícero, fecha os seus versos com a seguinte afirmação:

Nada mais tenho a dizê
Sou João Mendes de Olivêra,
Nesta lingua brasilêra,
Eu nada pude aprendê,
Porem posso conhecê
De tudo quanto é verdade!
Não tenho capacidade,
Mas, sei que não digo á tôa:

¹⁴² MOTTA, L. *Cantadores (Poesia e Linguagem do Sertão Cearense)*. Rio de Janeiro, Livraria Castilho, 1921, págs. 192-199.

¹⁴³ Idem, pág. 193.

¹⁴⁴ Idem, pág. 198.

— Páde Cisso é uma pessoa
Da Santíssima Trindade!...¹⁴⁵

A idéia de que o padre seria uma das três pessoas da Santíssima Trindade remete imediatamente à sua imagem de messias salvador:

Logo no primeiro dia
que eu cheguei no Juazêro
Pegou a chegar romêro
P'r'a uví a voz do Missia
Este Páde é o nosso guia,
É a nossa satisfação,
Consola todo christão,
Ensinando o bom camim,
Trabalhando aqui sozim,
Garantindo a salvação¹⁴⁶

O poeta parece compartilhar do imaginário da comunidade sertaneja em que se insere, veiculando a crença, surgida logo após o controvertido Milagre da Hóstia, de que o Padre Cícero seria o encarregado pela redenção da humanidade, e de que caberia a Juazeiro o papel de nova Jerusalém:

(...)
Viva o santo Juazêro
Que é nosso Jerusalém,
Viva o Padrim Pade Cisso
Para todo sempre, Amem!¹⁴⁷

A defesa explícita do caráter messiânico do Padre Cícero realiza-se, na fala de Oliveira, a despeito do fato de o cantador se mostrar ciente de que se trata de uma questão doutrinária espinhosa. O clero, segundo ele, seria contrário ao Padre Cícero, isolando-o na devoção ao rosário, justamente um dos ritos da religiosidade fundada em torno de Juazeiro:

¹⁴⁵ Idem, pág. 199.

¹⁴⁶ Idem, pág. 197.

¹⁴⁷ Idem, Ibidem.

Bispo, Páde e Missionáro
Vão de encontro a meu Padrim:
Elle, porem, tá sozim
Na devoção do Rosáro!¹⁴⁸

Apesar de reconhecer no clero uma postura crítica, João Mendes de Oliveira não se furta a apresentar um quadro da sobrenaturalidade que estaria envolvendo a pessoa do Padre Cícero, tido, literalmente, como “uma pessoa/ Da Santissima Trindade!”.

4.1.2. Os poderes do Padre Cícero

Será com a mesma tranqüilidade que ele vai trabalhar a liderança política do padrinho. Diferente de Romano Elias, que, no folheto *A Convivência do Joazeiro e a Formalidade do Padre Cícero*, faz referência aos comentários críticos dos que “...fallam do padre/ Devido elle ser político”, a postura de Oliveira caminha no sentido de apresentar como natural a concentração de poderes nas mãos de Cícero. Nos seus poemas, às imagens de um padrinho empreendedor e poderoso, no sentido político, vem se somar a representação da figura de líder religioso. Verdadeiro patriarca, o sacerdote é apresentado como o mandante temporal-espiritual do Juazeiro-Jerusalém:

É dono do Horto Santo,
É dono da Santa Sé,
É uma das Tres Pessoa,
É filho de São José,
Manda mais que o Wenceslau,
Pode mais que o João Thomé.

Vem carta até lá de Roma,
Vem carta do Ceará,

¹⁴⁸ Idem, pág. 198.

Vem carta de Pernambuco,
Vem carta do Paraná.
Vem carta de Cajazeira,
Vem carta do Quipapá¹⁴⁹

Detentor de poderes divinos e de uma extensa rede de influências políticas, o padrinho responde por alguns empreendimentos bem terrenos. O autor enumera, em *Trabalhos do Padre Cícero*, a construção da Igreja do Horto e a implantação da estrada-de-ferro, o “vapô”, em que muita gente não acreditava:

Não teve nada! O vapô
Chegou na povoação,
Debaixo de fogo e musga...
Nesta mesma ocasião,
Meu Padrim saiu da casa
E botou sua benção¹⁵⁰

Observa-se claramente, aqui, o quanto a ação política não se desvincula do ofício religioso. Ao mesmo tempo em que inaugura a linha férrea, resultado de conquistas políticas e, em si mesmo, um ato político, o Padre Cícero distribui suas bênçãos. A fusão cerimonial contribui para que surja uma representação harmônica de dois elementos da personalidade do Padre Cícero: religiosidade e envolvimento com a política. E não poderia ser diferente. Ao invés de perceber na atividade política um desvio ou um problema, o poeta encara a liderança temporal como necessariamente vinculada ao papel messiânico de guia espiritual.

Esse tipo de percepção vai ser recorrente nos demais folhetos, recebendo, inclusive, um tratamento narrativo. Em *Manifestação ao Padre Cícero na Matriz do Joazeiro*, por exemplo, o padre surge como “...regente/ do divino Joazeiro”¹⁵¹, numa clara alusão ao seu papel de patriarca religioso, sob cuja responsabilidade se encontra a proteção aos romeiros, sempre assistidos financeiramente em suas visitas a Juazeiro:

¹⁴⁹ Idem, pág. 195.

¹⁵⁰ Idem, pág. 194.

¹⁵¹ *Manifestação ao Padre Cícero na Matriz do Joazeiro*. s/ autor, s/ed, s/d, pág. 02.

Elles todos bem que sabem
A força que o padre tem
pessoas desconhecidas
de lugares muito além
tem ido visitar elle
não gastam nem um vintem

Famílias que vem do centro
passando por travessia
com a fé no santo padre
vai a essa romaria
no bolço não traz dinheiro
que dê p'ra passar um dia¹⁵²

O mais interessante, nas declarações do poeta, é que a assistência material vai se converter numa demonstração da “força” sobrenatural do Padre Cícero. Um trecho narrativo, inserido logo depois, sugere que a ajuda esteja intimamente relacionada ao caráter de milagreiro do Padre Cícero. Trata-se de um dos raros momentos, nessa produção inicial, em que se fala abertamente a respeito dessa faceta do padrinho. Após afirmar, estrofes acima, que “Padre Cicero tem feito/ milagres que admira/ só mesmo quem não tem alma/ dirá que isto é mentira”¹⁵³, o autor do poema narra o caso de uma família de romeiros que, sem dinheiro algum, recebe do religioso a promessa de que nada lhes sucederá de mal no retorno a sua terra. Encarado como milagre, o caso é relatado a um sertanejo, que brinca duvidando do poder do Padre Cícero. Ele fica doente, faz promessa e sara no mesmo dia. Reabilitado, vai a Juazeiro acompanhado por um amigo e escuta o sermão do padre, que o reconhece, narrando toda a sua trajetória, desde a zombaria até a peregrinação.

A narrativa é explícita. Não restam dúvidas de que o padrinho é poderoso, capaz de garantir a proteção material e espiritual para aqueles que, humildes, mantêm-se fiéis. Pobres romeiros ilesos, firmes na sua fé, contracenam com um profanador castigado em sua maledicência e incredulidade, necessariamente arrependido. A estrutura do enredo parece antecipar uma fórmula narrativa que vai se tornar típica, anos mais tarde, dos

¹⁵² Idem, pág. 03.

¹⁵³ Idem, ibidem.

chamados folhetos de exemplo¹⁵⁴, que se constituem num “gênero” bastante característico em meio ao cancioneiro recente do Padre Cícero¹⁵⁵.

Num outro folheto, *O Joazeiro do Padre Cicero*, a narrativização em torno do poderio do padrinho é levada a extremos, através de um jogo alegórico que transforma a cidade do Juazeiro na árvore do Juá e o Padre Cícero num monge. O poema tem como narrador, em primeira pessoa, o próprio Juazeiro. Metáfora da cidade, a árvore promove um auto-elogio, enumerando as qualidades naturais da terra em que está plantada, caracterizada como um verdadeiro oásis no meio do sertão. Além disso, refere-se à visita que lhe fazem os mais variados tipos de pessoas, entre elas o pobre, o capitalista e o estadista, que se colocam numa posição reverente:

Nas minhas ramas viçosas
Tudo alli vem descançar
Alli chega o estadista
O pobre o capitalista
Em mim termina a viagem
Desde o mar a borborema
Tudo adota meu sistema
E vem render-me homenagem
(...)
Entre os mais seres criados
Maior do que eu não há¹⁵⁶

A relação do Padre Cícero com a árvore é de mutualismo. Ele surge na figura de um monge, nascido e criado nas matas do Juá, onde abriga o seu rebanho. Ao mesmo tempo em que parece ser o responsável pelo desenvolvimento desse pastor, cujo

¹⁵⁴ Poemas que põem em ação um mecanismo narrativo de castigo e de regeneração para os que ousam afrontar, através da maledicência, os poderes do Padre Cícero. Eles obedecem a uma estrutura-padrão de composição que é mais ou menos a seguinte: embora alertados por algum romeiro dos perigos de se falar mal do Padre Cícero, os infiéis zombam dele ou da própria fé popular, desafiando, dessa forma, o poder do santo. Logo sobrevém-lhes o castigo, através de doenças e calamidades ou da metamorfose em algum tipo de animal.

¹⁵⁵ A maioria dos folhetos de exemplo do corpus pesquisado pode ter sua data de produção fixada entre as décadas de 70 e 90.

¹⁵⁶ BARROS, L.G. *O Joazeiro do Padre Cicero*. Recife, Edição do autor, s/d, pág. 06.

“...nome tem se estendido/ Sua fama tem crescido”¹⁵⁷, o Juazeiro depende de seus cuidados, uma vez que se trata do fornecedor dos recursos de que se alimenta:

Sobre um solo pedregoso
Sugo a seiva pura e boa
Passo os verões bem frondoso
Um padre velho me agôa
N’uma elegante planisse
Como talvez ninguém visse
Iguais em sertões incultos
Alli pousa o viajor
Onde aprecia o sabor
De meus saborosos fructos¹⁵⁸

Não é preciso ir muito longe para perceber a variedade de significados explorados nesse jogo de metáforas. Entre o Juazeiro e o padre estabelece-se uma relação de interdependência, que, em última análise, estende a ele todo o poder que a árvore, metáfora da cidade, atribui a si mesma. As referências à riqueza da terra do Juá, bem como ao porte e ao viço da árvore, remetem imediatamente às idéias da pujança e do desenvolvimento econômico de Juazeiro, a que vai estar atrelada, necessariamente, uma certa projeção dentro do cenário político, traduzida pela submissão e pela homenagem de capitalistas e estadistas. Toda essa estrutura de poder, apresentada em termos de prosperidade, tem sua existência garantida graças à presença mantenedora do monge e de suas ovelhas, a quem a árvore-cidade, em última instância, deve a sua fama. Basta mencionar a própria relação de pertencimento estabelecida pelo título do folheto. A árvore recebe como atributo o fato de ser “do Padre Cícero”. Não se trata de um mero Juazeiro, mas do Juazeiro do *Padre Cícero*, e, por que não dizer, do Juazeiro *graças* ao Padre Cícero. N’ *O Juazeiro do Padre Cícero*, em última análise, parece não restar espaço para a crítica ou a dúvida dos inimigos do padrinho, tamanho o trabalho ficcional realizado em torno de sua liderança político-religiosa. O poema é só elogios à prosperidade, à grandiosidade e ao poder do Juazeiro (e) do Padre Cícero. Em meio ao elogio, entretanto, pode-se vislumbrar uma possível alusão

¹⁵⁷Idem, pág. 04.

¹⁵⁸Idem, pág. 06.

metafórica à presença de malfetores. Numa breve passagem, o narrador-Juazeiro inclui elementos um tanto díspares na descrição do cenário idílico que vinha empreendendo:

Em minhas medonhas grutas
Mil serpentes são criadas
Giboias feias e brutas
Estão em meu tronco enroscadas
Sobre minhas grandes fontes
Jorra de cima dos montes
Um formidável aguaceiro
Eu olho para as naturas
Disendo estou na altura
De ainda ser joazeiro¹⁵⁹

Retratar animais peçonhentos e uma atmosfera de escuridão num folheto que é, todo ele, luminosidade e ar puro, torna-se curioso. Há que se perguntar por que o poeta incluiria serpentes na caracterização de seu quase paradisíaco Juazeiro. Não resta dúvida de que se trata de uma alusão à maldade e ao pecado encarnados pela serpente bíblica. A sugestão dada pela imagem dos animais é inconfundível: possíveis fontes de malignidade se enroscariam ao tronco da árvore. Poderiam tratar-se de criminosos, de cangaceiros vivendo sob a complacência, ou mesmo a proteção, de um poderoso coiteiro? Pensar num diálogo com as críticas veiculadas, naquele momento, contra o Padre Cícero é inevitável. Basta lembrar da declaração de Romano Elias n' *A Convivência do Joazeiro e a Formalidade do Padre Cícero*, em que o poeta afirma que ouviu dizer "Que o padre Cícero Rumão/ Só protege a criminoso/ Gosta muito de ladrão"¹⁶⁰. A voz dos críticos do padre não deixa de encontrar eco nas formulações do poeta, para, logo a seguir, ser rebatida através de exemplos narrativos esclarecedores de que, independentemente da vontade do Padre Cícero, gente ruim circularia em Juazeiro. Uma das narrativas apresenta o caso de um falso beato, Mororó, que, segundo o autor, teria abusado da própria da boa-fé do Padre Cícero. O religioso teria concedido a ele sua proteção para que vendesse jóias em Juazeiro. Tendo vendido falsos metais e fugido carregando muito dinheiro, o impostor, que enganara

¹⁵⁹ Idem, pág. 05.

¹⁶⁰ ROMANO ELIAS. *A Convivência do Joazeiro e a Formalidade do Padre Cícero*. Tip. Liv. Pedro Batista, Guarabira, 1923, pág. 13.

inclusive o padrinho, acabou dando motivos para que se falasse mal do padre na cidade. Embora não tematize diretamente o problema do envolvimento de Cícero com o banditismo, o enredo deixa implícita a idéia de que gente dos mais variados quilates, de falsários a bandidos, viveria em Juazeiro, independentemente da própria vontade do padre. Esse tipo de gente é que afetaria a sua fama e geraria críticas como a acima registrada.

Algo parecido pode estar ocorrendo n' *O Joazeiro do Padre Cícero*. A narrativa, elogiosa, não deixaria de conter referências, ainda que bastante tênues, às acusações veiculadas nessa época contra o Padre Cícero. Essa idéia ganha força se se levar em conta o fato de o autor, Leandro Gomes de Barros, ter produzido um *folheto de época* bastante crítico, *O Princípio das Cousas*, que será analisado a seguir.

4.1.3. As narrativas da Guerra

Ambos os poemas, publicados no período correspondente à Sedição de Juazeiro¹⁶¹, contém representações da figura do Padre Cícero bastante diversas entre si. Isso ocorre, muito provavelmente, devido à própria necessidade política do poeta em adequar seu discurso ao contexto histórico imediato. A composição d' *O Joazeiro do Padre Cícero*, realizada após a vitória cicerista, cumpre uma função elogiosa. N' *O Princípio das Cousas*, publicado logo no início da Guerra, prevalece a acidez crítica, contra ambas as facções em luta, mas sobretudo em relação à facção do padrinho e de seus afilhados. O religioso é visto, no folheto, como um homem persistente, poderoso, estopim da discórdia e da desordem. Nota-se pelo tom já da primeira estrofe qual será o tratamento dispensado ao patriarca:

Fazem vinte e quatro annos
Que o Brazil vive em xarfudo

¹⁶¹ Os folhetos de Leandro Gomes de Barros sobre a Sedição não apresentam referências quanto à data de publicação. É possível, entretanto, determiná-la com alguma precisão graças a indícios materiais, assim como pelo próprio teor narrativo. Os poemas fazem referências claras a etapas sucessivas do conflito, que permitem situá-los cronologicamente. Além disso, portam indicação do endereço do autor — Rua do Alecrim, 34, Recife — onde, entre os anos de 1913 e 1914, período da Sedição retratada, viveu Leandro Gomes de Barros, segundo informação do Dicionário Bio-bibliográfico.

Primeiro veio a revolta
Pouco depois veio canudos,
Vem agora o Padre Cicero
Para dar cabo de tudo¹⁶²

Quanto aos sertanejos, apesar de acusá-los de fanatismo, Leandro devota-lhes uma certa simpatia, calcada na idéia de que seriam pobres, humildes, manipuláveis e, principalmente, valentes:

O padre Cicero tambem
Tem algum em seu partido
Que inda cortado em postas
Elle não solta um gemido
Traspassado por dez ballas
Diz: estou pouco ferido¹⁶³

Apesar da menção a toda essa bravura, o autor não deixa de se referir ao quanto esses homens seriam manipulados em sua fé. Acreditando no poder redentor do Padre Cícero, eles devotam uma obediência cega a seu líder, lançando-se para a morte na certeza da ressurreição:

O pôvo fanatizou-se
Não á quem possa dar geito
Um erro do padre Cicero
Tudo acha que é direito,
Se elle quizer matar um
Elle morre satisfeito¹⁶⁴

Morre acreditando na ressurreição:

Inda algum esmorecendo
Diz-lhe outro companheiro
Nosso padrinho padre Cicero
Não despreza um cangaceiro
Quem morrer aqui por elle
Ressusita em jazeiro

¹⁶² BARROS, L. G. *O Princípio das Cousas*, Edição do autor, Recife, s/d pág. 02

¹⁶³ Idem, pág 06.

¹⁶⁴ Idem, pág 03.

Mas cada qual se confie
N'essa tal ressurreição
Deixe Maria viúva
Fiado na protecção
Espere que a vida volte
E Maria tenha o pão¹⁶⁵

Na visão do autor, que escreve contemporaneamente aos fatos, apostando numa derrota cicerista, esses crédulos sertanejos “Ficarão todos perdidos/ Se não forem presos logo/ Serão todos perseguidos”¹⁶⁶. Ao poderoso padre, que “...tem muito arame”, nada acontecerá:

Depois que terminar toda
A questão do Ciará
O padre fica quiétinho
Ninguém vai prende-lo lá
Os que o chamam padrinho
Que fiquem gemendo cá¹⁶⁷

Esse é um dos raros poemas do cancionário do Padre Cícero a apresentar críticas diretas a sua atuação política e a seu poder temporal, acompanhadas por uma leitura distanciada do imaginário religioso sertanejo. A liderança temporal-espiritual do padrinho, normalmente encarada com naturalidade pelos poetas, tida como uma característica inerente à função patriarcal de “Guiador do povo crente”, converte-se em manipulação, em uso político da fé; ao passo que a luta dos sertanejos, sustentada por um conjunto de símbolos e de ritos formatados no âmbito de um quadro de valores religiosos, é taxada de fanatismo. Será justamente em torno de alguns dos núcleos desse imaginário que o poeta vai compor, nesse folheto, as suas críticas, atenuando-as, como se verá a seguir, nos poemas subsequentes, produzidos ainda à época da Sedição, a exemplo do já analisado *O Joazeiro do Padre Cícero*.

Uma boa mostra desse tipo de procedimento refere-se à utilização de um discurso apocalíptico típico do Padre Cícero para, justamente, criticar o contexto de guerra em que o religioso se vê envolvido, na figura de um dos principais protagonistas:

¹⁶⁵Idem, págs. 06, 07.

¹⁶⁶Idem, pág. 07.

¹⁶⁷Idem, pág. 09.

Santo Deus! que tempo horrendo
Irmãos matando a irmãos
Filhos atiram nos paes
Os moços nos anciãos
No sangue de quem gerou-os
sorrindo lavam as mãos¹⁶⁸

Sinal dos tempos, a imagem do desrespeito às leis de parentesco e de amor ao próximo, relacionada aos horrores da guerra, contribui para realçar seu caráter desumano e anticristão.

Num outro folheto, *Lamentações do Joazeiro*, publicado numa fase posterior do conflito, em que os combatentes ciceristas já impunham derrotas às tropas oficiais, registra-se uma mudança substancial no discurso de Leandro Gomes de Barros¹⁶⁹. Ao mesmo tempo em que se mostra preocupado com os rumos dos acontecimentos, o poeta esboça a defesa do Padre Cícero, apresentando-o como um “pobre velho pastor”, livre de qualquer responsabilidade num conflito ainda marcado pela morte e pelo sofrimento dos combatentes, “... almas afflitas/ N’um oceano de lagrimas”¹⁷⁰. À pergunta “O Padre Cícero o que fez?”¹⁷¹, sucede uma argumentação cheia de lacunas, que visa transformar o padrinho num devoto religioso, perseguido e injustiçado justamente pela sua atuação nesse campo:

Que crime á de cometer
Um pobre velho pastor?
Que apenas cumpre o dever
Da ordem superior
Porque é tão perseguido?
Vive hoje coagido
Como o mais vil quadrilheiro?¹⁷²

A resposta a essa segunda pergunta é bastante curiosa. Ela apresenta como causa da perseguição política dirigida ao padre a construção da Igreja do Horto, interdita

¹⁶⁸ Idem, ibidem.

¹⁶⁹ *Lamentações do Joazeiro*. Edição do autor, Recife, s/d. Há uma passagem no folheto que confirma essa hipótese. Leandro Gomes cita uma data precisa, 23 de janeiro, que, na cronologia da Sedição, corresponde exatamente ao dia da tomada da cidade do Crato pelos romeiros.

¹⁷⁰ Idem, pág. 02.

¹⁷¹ Idem, pág. 02.

¹⁷² Idem, págs 03 e 04.

pelo Bispo do Ceará dez anos antes, em 1903, em meio aos acontecimentos relativos à Questão Religiosa. Habilmente transferida do campo político ao religioso, a justificativa exime o padre de culpa pelo sofrimento do povo em luta e, ao mesmo tempo, apresenta-o como injustiçado.

Um terceiro folheto, *Festas do Juazeiro no Vencimento da Guerra*, propõem-se a narrar as comemorações em Juazeiro pelo triunfo na Sedição. O poeta vai desenvolver, aqui, uma postura completamente oposta em relação a *O Princípio das Cousas*, utilizando-se, inclusive, de alguns dos núcleos do imaginário religioso empregados anteriormente. Ele demonstra toda uma preocupação em defender e justificar o padrinho, mantendo diálogo com as próprias acusações que havia formulado. Nesse sentido, o retrato das comemorações vai estar pontuado por discursos do religioso e de seu braço-direito, Floro Bartholomeu, permeados pela discussão a respeito do envolvimento do padre na guerra e por uma tentativa de justificação que passa pela via da necessidade da morte do inimigo e da obediência a desígnios superiores, tal como a libertação do povo cearense. É o que argumenta o Dr. Floro Bartholomeu na seguinte passagem:

Nosso bom velho pastor
O padre Cícero Rumão
Viu que só nos libertava
Se metesse alli a mão
Embora que fosse crime
Irmão matar a irmão.

Porém era necessario
Encarar o principio,
A morte do desordeiro,
Para o manço é beneficio;
Caridade e amor ao proximo
Isso elle tem como officio

O pastor é bom e justo
Mais o que havia fazer?
Esgotou todos os meios
Mais nada poudé obter,
Quem por causa de uma ovêlha

Deixa um rebanho se perder? ¹⁷³

Inserido dentro de um discurso que põe em funcionamento uma série de elementos do imaginário religioso, o mote do crime do assassinio entre irmãos ganha um significado completamente diferente daquele encontrado n' *O Princípio das Cousas*. Enquanto pastor de ovelhas, o Padre Cícero não promove a desordem apocalíptica da guerra. Suas atitudes, encaradas como dever de salvação e de libertação frente ao ataque de desordeiros, podem ser lidas como legítima defesa, e, mais do que isso, como obediência aos desígnios de Deus. Reinvestido de seu duplo poderio temporal-espiritual de patriarca, na sua função libertadora, o Padre Cícero é comparado a Moisés:

Disse o padre o povo salva-se
Se eu alli meter a mão
Embora que Deus não mande
Alguem matar seu irmão
Mais se meu povo matar
Não foi por convição

Os felises devem ouvirem
O grito do desgraçado,
Socorrer ao seu irmão
Quando o ver desamparado
Como Moisés escudou
Egypto escravizado.

Por isso foi que tentei
Defender o Ciará
Porque vi que era horror
O clamor que havia lá
Senti o braço de Deus
Transmetir-me força cá ¹⁷⁴

¹⁷³ BARROS, L. G. *Festas do Juazeiro no Vencimento da Guerra*. Edição do autor, Recife, s/d, pág. 06. Folheto analisado por Ruth Terra. Suas características narrativas permitem datar sua produção como imediatamente posterior ao conflito, desfechado em 1914.

¹⁷⁴ Idem, pág. 10. No folheto *Manifestação ao Padre Cícero na Matriz do Joazeiro* também se estabelece uma analogia entre a guerra e o episódio bíblico do cativo. Um trecho do poema, que, segundo Ruth Terra, teria cumprido uma função de propaganda pró-Cícero à época da Sedição, coloca os combatentes do padrinho em luta contra a escravidão e a tirania impostas por Franco Rabelo, traduzidas em termos de desrespeito a alguns dos valores da religiosidade sertaneja. O novo governo parece querer impor a corrupção dos valores, através da permissividade implícita no casamento civil. É contra o ateísmo, "...a bygamia/ a fatal polygamia,/ mantida em toda nação", que o povo "...se aglomera/ clama contra a escravidão/ crente em Deus confia espera/ pela

A analogia com o episódio bíblico da libertação do cativo funciona como uma poderosa estratégia defensiva, na medida em que justifica as atitudes do Padre Cícero e de seus correligionários. Pastor de ovelhas, impelido a cumprir um “dever/ da ordem superior”, Cícero submete-se, sem receios, ao julgamento de Deus:

E Deus sabe se o que fiz
Foi porque fosse assassino
Se foi por minha paixão
Ou por cumprir o destino
Isso quem pode saber,
É nosso juiz divino¹⁷⁵

A análise comparativa dos *folhetos de época* que Leandro Gomes de Barros publicou sobre a Sedição do Juazeiro revela uma gritante oscilação tanto na postura do poeta em relação ao Padre Cícero quanto no manejo de alguns dos símbolos inerentes ao imaginário religioso popular. O tom dos poemas oscila entre a crítica direta, como é o caso d’ *O Princípio das Cousas*, e a defesa elogiosa, em *Lamentações do Joazeiro* e *Festas do Juazeiro no Vencimento da Guerra*, culminando na alegorização laudatória do poderio do Padre Cícero, registrada n’ *Joazeiro do Padre Cicero*. De líder de fanáticos, o padrinho passa a pastor de ovelhas, incorporando, nessa trajetória, os atributos e a missão de um patriarca libertador, capaz de justificar o assassinio entre irmãos e o seu comando na guerra.

Não se pode afirmar com segurança quais teriam sido os motivos que levaram a essa gritante oscilação da postura do poeta frente ao Padre Cícero. Entretanto, é possível aventar

sua salvação/ ouve a palavra potente/ do pregador eloquente/ do teu pastor delicado/ e com elle caminhando/ pelo centro vae bradando/ viva o sertão libertado// Caminha sempre clamando/ contra a crua tyrannia/ e sempre assim caminhando/ vae em plena romaria/ em direcção ao Ceara/ a capital chegará./ não teme a Franco Rabello/ anarchista requintado/ que esta sendo commentado/ por todo este cabedello”. É interessante notar, além da tonalidade épica, que parece cumprir a função de insuflar os ânimos dos combatentes ciceristas, uma completa tradução religiosa das motivações políticas da guerra. A luta contra a corrupção, a bigamia e a poligamia faz lembrar o ideário anti-republicano dos partidários de Antônio Conselheiro, que não encararam com bons olhos a instituição do casamento civil obrigatório, muito menos a separação entre a Igreja e o Estado, ocorrida logo após a proclamação da república. Cf.: *Manifestação ao Padre Cicero na Matriz do Juazeiro*. s/ autor, s/ed, s/d, pág. 09.

¹⁷⁵ BARROS, L. G. *Festas do Juazeiro no Vencimento da Guerra*. Edição do autor, Recife, s/d, pág. 13.

algumas hipóteses para a rápida adesão verificada¹⁷⁶. Ela estaria condicionada, por um lado, pela própria mudança nos rumos dos acontecimentos, com o delineamento progressivo de uma vitória cicerista, e, por outro, pela obediência do autor, enquanto poeta popular, aos padrões de composição dos folhetos e ao imaginário de seu público. É razoável supor que esse público, eminentemente popular, devotasse simpatia ao Padre Cícero ou mesmo compartilhasse de toda a religiosidade, misticismo e devoção de que sua figura se reveste em meio à população sertaneja, o que fica mais do que evidente quando se tem em mente os testemunhos dos poetas *em favor* do Padre Cícero, *contra* seus *perseguidores*, verificados em alguns dos folhetos já analisados, a exemplo do *O Padre do Juazeiro*, publicado em 1910 num jornal de Juazeiro, de autoria do próprio Leandro Gomes de Barros.

No calor dos acontecimentos, o poeta constrói uma imagem negativa do padre em *O Princípio das Cousas*, talvez influenciado por alguma notícia de jornal ou pelo próprio senso comum da população urbana. Note-se que ele escreve no Recife¹⁷⁷. Apostando numa derrota cicerista, ele adere, num primeiro momento, às opiniões dos críticos, tentando desvencilhar-se delas na composição dos folhetos subsequentes. Em *Lamentações do Joazeiro*, o padre começa a receber um tratamento de vítima, que se vê forçada a agir em legítima defesa. Essa imagem se consolida em *Festas do Juazeiro no Vencimento da Guerra*, através da própria opção por uma construção narrativa, toda calcada no discurso de auto-justificação do Padre Cícero e de Floro Bartholomeu, permeado por elementos do

¹⁷⁶ Vale lembrar que os folhetos foram publicados no curto espaço de tempo referente à Sedição, cerca de quatro meses, entre dezembro de 1913 e março de 1914.

¹⁷⁷ Um autor como Lourenço Filho pode funcionar como um bom exemplo da maneira como as *peessoas esclarecidas* e as camadas médias urbanas encaravam o Padre Cícero e a religiosidade de seus romeiros. À maneira naturalista, um tanto euclidiana, ele narra uma viagem empreendida a Juazeiro. Tendo partido do litoral, começa a descrever a paisagem do sertão, assim como as características físicas e psicológicas dos romeiros, que, famintos, esfarrapados e doentes, “...são assim, em nome de Deus, inconscientes semeadores da morte e da loucura!”. Já do Padre Cícero, a quem o escritor faz uma visita, restam as seguintes impressões, um bom retrato do próprio pré-conceito do observador: “Aquella não era, por certo, a figura esperada do dominador de um ambiente de delírio, como o do Joaseiro. Era lógico haver suposto um personagem diabólico, uma figura impressionante, e, estamos, no entanto, face a face com um octogenário amável, quasi tímido, de uma simplicidade rústica, e que se accentuavam no aspecto débil e na linguagem às vezes

imaginário religioso popular. Nesse momento, a representação do padrinho ganha contornos patriarcais. A guerra, apesar do derramamento de sangue, justifica-se porque inserida dentro de uma ótica de salvação e de libertação religiosa. São indícios de que o poeta decide se curvar ao retrato do que teria sido a vivência da Sedição pelos combatentes ciceristas. Do lado dos romeiros, não resta dúvida de que toda uma simbologia religiosa determinava a leitura dos acontecimentos, assim como boa parte das ações¹⁷⁸. A análise de um outro folheto, *A Guerra do Juazeiro em 1914*, ajuda a confirmar essa hipótese. A narração é construída de tal forma que a luta acaba por se constituir numa verdadeira Guerra Santa entre os representantes do bem e os do mal:

Juazeiro empiquetado
por ordem da mãe de Deus
brigavam de frente a frente
com os inimigos seus
os anjos diziam amém
Juazeiro é Jerusalem
de Jesus Onipotente¹⁷⁹

Os romeiros, dando vivas a Nossa Senhora das Dores, recebem diariamente as bênçãos e as palavras de alento e de seu líder:

Glória no céu paz na terra
se unam irmão com irmão
padrinho Cícero dizia
na mesa da comunhão,
o romeiro conhecia
recebendo todo dia
a sua santa benção

imprecisa...". Cf. LOURENÇO FILHO, M.B. *Joazeiro do Pe. Cicero - Scenas e Quadros do fanatismo no Nordeste*. São Paulo, Melhoramentos, 1926, págs. 40, 79.

¹⁷⁸ Cf. DELLA CAVA, R. Op. Cit.

¹⁷⁹ BATISTA, A. *A Guerra do Joazeiro em 1914*, Juazeiro do Norte, s/d. In: *Literatura Popular em Versos - Antologia - Tomo I*. Rio de Janeiro, MEC, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1964, pág. 349. Este folheto é analisado por Ruth Terra no seu estudo a respeito da produção anterior a 1930. Cf. TERRA, R. B. L. (1983), pág. 125. O *Dicionário Bio-bibliográfico* e a *Antologia da Fundação Casa de Rui Barbosa* apresentam informações biográficas conflitantes a respeito desse autor. Embora não apresentem as datas de nascimento e morte, ambos os estudos dão conta de que o poeta ainda estaria vivo. Para os pesquisadores da FCRB Antônio Batista é cearense, morador de Juazeiro do Norte. Já os autores do *Dicionário*, afirmam que o nome completo do poeta, paraibano de Brejo, seria Antônio Batista Vieira.

Padrinho Cícero dizia
a guerra é de ferro e fogo
o inimigo penetra,
porém vai perder o jôgo
a fome e a sêde aperta
é quando o diabo deserta
digo sem pedir arrôgo

O romeiro todo dia
tinha da benção confôrto,
ou acordado ou dormindo
ou brigando ou mesmo morto
vencendo os perseguidores
davam viva à Mãe das Dores
viva à igreja do hôrto¹⁸⁰

Tamanha proteção espiritual faz com que os combatentes *do bem* acabem triunfando sobre seus *perseguidores*, chamados de “povo mau”, de bichos e de protestantes, aos quais estaria reservado um destino de danação:

Vinham os grupos de bandidos
se estendendo pelo chão
com milhares de desvios
atiçados pelo cão
vão se acabando a miúdo
perde a vida perde tudo
não tem de Deus o perdão¹⁸¹

A morte e o derramamento do sangue do inimigo surgem como decorrência natural da necessidade de se lutar pela defesa de um território sagrado. O Juazeiro-Jerusalém, terra da Mãe de Deus, de acordo com a sua vocação redentora, deve se manter intacto diante da ação do diabo e das catástrofes previstas para o final dos tempos, de que a Guerra do Juazeiro, de acordo com o discurso apocalíptico do Padre, representaria apenas uma pequena mostra:

¹⁸⁰ Idem pág. 348.

¹⁸¹ Idem, pág. 349.

Meu padrinho sempre dizia
se acabou a grande guerra
pela inveja do diabo
o sangue ensopou a terra
amanhã o mundo geme
e depois a terra treme,
minha palavra não erra

A terra da mãe de Deus
guerra nenhuma devora
o meu romeiro é chamado
filho de Nossa Senhora,
o mundo vira degrêdo
quem não chegar logo cedo
fica do lado de fora¹⁸²

Não fica difícil de perceber, nesse poema, o quanto a liderança do Padre Cícero é trabalhada no interior de um quadro de valores e de símbolos que fazem dele um enviado divino, a guiar e a proteger os seus romeiros em meio às agruras dos tempos apocalípticos que ele mesmo, enquanto profeta, anuncia. Nesse sentido, o horror e a desordem da guerra, que poderiam funcionar, como n' *O Princípio das Cousas*, enquanto elementos perturbadores de uma representação positiva do padrinho, são encarados com naturalidade, como parte integrante de um grande processo cósmico de mudança e crise, que o Padre Cícero estaria ajudando a atravessar.

Fato curioso, comum a todos os *folhetos de época* sobre a Sedição analisados até aqui, e que vai se manter nos poemas mais recentes¹⁸³, é a escassez de informações conjunturais a respeito das origens da revolta, vista em alguns deles como uma luta pessoal e dicotômica entre dois opostos: Cícero, de um lado, e Franco Rabelo, de outro. Há referências, em um ou outro folheto, à queda do oligarca Acioli ou ao desejo do povo cearense pela revolução libertadora. Em nenhum momento, entretanto, explicitam-se os

¹⁸² Idem, pág. 350.

¹⁸³ Exceto por *O Canhão que atirou contra - História da guerra de 1914*, publicado em 1991 por Abraão Batista, que contém referências históricas mais detalhadas, todos os folhetos posteriores à morte do Padre Cícero mantêm um padrão de informação que se limita à existência de dois grupos em guerra. As causas do

interesses em jogo ou o porquê das coisas, como a relação entre o padre e o oligarca deposto; ou a conjuntura político-econômica cearense.

N' *O Principio das Cousas* há uma breve referência à deposição da oligarquia Acioli:

O povo do Ciará
Detestava o Acyole,
Botaram Franco Rabello
Pençamdo que elle era molle
Porem encontraram duro
Agora quem é que bolle¹⁸⁴

Entretanto, não chega a se estabelecer uma associação direta entre a queda do oligarca e a sua tentativa de retomada do poder através da aliança com o padre. O autor parece mencionar o nome de Acioli apenas para servir de contraponto à caracterização de um Franco Rabelo combativo e tenaz contra quem o padre parece lutar sozinho, sem qualquer aliado. A guerra acaba se esvaziando de todo e qualquer elemento causal ou de conjuntura, resumindo-se ao conflito entre duas forças antagônicas, encarnadas pelos dois personagens:

Rosna o padre em Juazeiro
Ruje Franco em Ciará,
Um diz: espere que eu vou
Responde outro: estou cá¹⁸⁵

Em *Festas do Juazeiro no Vencimento da Guerra* sequer existe a menção ao nome de Franco Rabelo. Como justificativa ao envolvimento do padre na guerra, alude-se constantemente à necessidade de libertação do povo cearense, não se sabe exatamente com relação a quem ou o que:

...o padre pediu
que o povo o ajudasse

conflito geralmente são atribuídas à perseguição sofrida pelo padre ou então à inveja dos habitantes do Crato em relação a Juazeiro, pela obtenção da autonomia política em 1911.

¹⁸⁴BARROS, L.G. *O Principio das Cousas*, Edição do autor, Recife, s/d, pág 02.

¹⁸⁵Idem, pág 10.

Porque o estado em peso
Pedia que o libertasse
E elle acudia o povo
Embora que se arriscasse ¹⁸⁶

O padre é tido como o “libertador da terra”, que “Graças a Deus conseguiu/ Livrar-se de um inimigo/ Que a elle mais perseguiu”¹⁸⁷. Em apenas um momento vislumbra-se uma caracterização mais nítida desse perseguidor, quando o autor fala de um sonho premonitório de um menino sobre a guerra, que teria ocorrido bem antes dela iniciar, no momento em que “Ninguém ainda sonhava/ Com guerra no Ceará/ Nem com o governador./ Que havia de ir para lá”¹⁸⁸.

Já em *Lamentações do Juazeiro*, somada à ausência de elementos contextuais, há a atribuição dos destinos da luta, bem como da responsabilidade por ela, a Franco Rabelo. É nas mãos dele, e na intercessão divina, que se encontra a possibilidade de um cessar fogo:

Oh! Deus lançai sobre a terra
A tua misericórdia
(...)
Franco Rabello é um ente
Grande sabio inteligente
A ti elle atenderá
Diz pacifique-se a terra
Secem os horrores da guerra,
Haja paz em Ceará.

Porque logo que tú digas
A essa grande entidade,
Secem as grandes intrigas
Faça a paz, e amisade
O governo Cearence
Com certesa se convence
E seçará esta guerra ¹⁸⁹

¹⁸⁶ BARROS, L. G. *Festas do Juazeiro no Vencimento da Guerra*. Edição do autor, Recife, s/d, pág 07.

¹⁸⁷ Idem, pág 05.

¹⁸⁸ Idem, pág 15.

¹⁸⁹ BARROS, L. G. *Lamentações do Joazeiro*. Edição do autor, Recife, s/d, pág 06.

Na sua construção discursiva, o autor apresenta disparidades com relação ao momento histórico que visa retratar, muito relacionadas à posição ambígua desenvolvida em relação às facções em luta. Depois das críticas ao Padre Cícero n' *O Princípio das Cousas*, ele resolve desenvolver uma atitude conciliatória, justamente porque, a essa altura, os combatentes ciceristas já impunham derrotas às tropas oficiais, numa marcha contínua em direção a Fortaleza¹⁹⁰. Paradoxalmente, é a Franco Rabelo que ele se dirige, solicitando um cessar fogo, como se a situação ainda estivesse sob seu controle.

No folheto *A Guerra do Juazeiro em 1914*, os papéis dos combatentes são melhor definidos. Ainda que retratada de maneira um tanto quanto simbólica como Guerra Santa, a luta tem, no poema, uma nítida causa política e personagens claramente identificáveis. A vinculação entre o aciolismo e os combatentes de Juazeiro, que não chega a ser mencionada nos demais poemas, estabelece-se aqui:

(...)
quando Cel. Rabelo
não respeitando ninguém
como govêrno guerreiro
quis derrotar Juazeiro
foi derrotado também.
(...)
Então todo aciologista
foram de encontro a Franco¹⁹¹

A pequena incidência de elementos contextuais, se comparada à unanimidade dos poetas em atribuir ao Padre Cícero o papel de mandante, torna-se curiosa. Aparentemente incapazes de identificar todos os personagens e variáveis envolvidos na luta, os poetas parecem não enfrentar dificuldades em perceber e trabalhar a liderança do padre, ficcionalizando-a de maneira a aplacar, ou aguçar, de acordo com as suas intenções, a carga negativa que poderia advir de seu envolvimento no conflito.

¹⁹⁰ Como já mencionado, há uma passagem no folheto que confirma essa hipótese. Leandro Gomes de Barros cita uma data precisa, 23 de janeiro, que, na cronologia da guerra, corresponde exatamente ao dia da tomada da cidade do Crato pelos romeiros.

¹⁹¹ BATISTA, A. *A Guerra do Joazeiro em 1914*, Juazeiro do Norte, s/d. In: *Literatura Popular em Versos - Antologia* - Tomo I. Rio de Janeiro, MEC, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1964, pág 347.

4.1.4. Lampião à sombra do Juazeiro

O mesmo ocorre na representação de um outro fato polêmico em que o Padre Cícero esteve envolvido, a visita do cangaceiro Lampião a Juazeiro, em 1926. Em dois folhetos jornalísticos sobre o episódio entra em discussão uma outra faceta polêmica da personalidade do Padre Cícero, o seu envolvimento com o banditismo e a proteção a cangaceiros.

Há um relato de Xavier de Oliveira¹⁹², que, apesar de bastante parcial e simpático ao padre, é surpreendente nesse sentido, porque deixa entrever o quanto esses jagunços estavam perfeitamente integrados ao cotidiano da cidade, circulando naturalmente. Homens como Quintino, José e Chico Pinheiro, personagens de um dos folhetos do corpus¹⁹³, caracterizados como violentos matadores e terríveis bandidos por Oliveira, estão entre os combatentes do padre que se destacam na Guerra de 1914. É natural supor que essa convivência com cangaceiros despertasse críticas entre parcelas da população urbana e inimigos políticos. A presença de grupos de jagunços subordinados à figura de um poderoso, mesmo fazendo parte da rotina política nordestina, certamente não *ficava bem* para um líder religioso. Nesse sentido, a visita de Lampião, no dizer de Della Cava, foi um “prato cheio” para a imprensa das cidades do Nordeste, que aproveitou “para castigar o Padre Cícero com a acusação de ‘protetor de bandidos’”¹⁹⁴.

Os relatos históricos dão conta de que Lampião foi convidado a participar de um dos Batalhões Patrióticos, organizados por Floro Bartholomeu no combate à Coluna Prestes no Ceará. O Padre Cícero teria assinado a carta-convite ao cangaceiro, vendo-se obrigado,

¹⁹²OLIVEIRA, Xavier. *Beatos e Cangaceiros*. Rio de Janeiro, 1920.

¹⁹³ Trata-se de *O Tiroteio de Quintino com José Pinheiro*, de José Cordeiro, publicado em 1915. O folheto apresenta a figura de um Padre Cícero implicado com o banditismo e a violência. O religioso aparece em pequenas passagens do poema, representado como um dos personagens secundários na trama das ações; todavia, interfere ativamente no desenrolar dos acontecimentos. Cf.: CORDEIRO, J. *O Tiroteio de Quintino com José Pinheiro*, Maceió, 1915.

¹⁹⁴DELLA CAVA, R. Op. Cit., pág 260

na ausência de Floro, a recebê-lo, a contragosto, bem como a todo o seu bando, no dia 04 de março de 1926. Numa carta ao Jornal do Comércio, publicada em 06 de maio de 1926¹⁹⁵, o padre nega ter rubricado a carta-convite, defendendo-se das críticas ao afirmar que não poderia ir contra os desejos de Floro e que vislumbrara a possibilidade de fazer com que Lampião se regenerasse e abandonasse o cangaço. De posse de uma falsa patente de capitão da Guarda Nacional e de armas e munições pertencentes aos Batalhões Patrióticos, o cangaceiro partiu disposto a lutar contra a Coluna. Logo depois, entretanto, entrou em combate com a polícia pernambucana, que se negara a reconhecer a sua patente e a sua nova posição. Desiludido, Lampião voltou a Juazeiro, mas não foi recebido pelo padre, o que o deixou irado e magoado, fazendo com que retornasse ao cangaço.

Os dois folhetos sobre a visita narram essa história com grandes alterações e hiatos, usando de estratégias formais diferenciadas com vistas a defender o Padre Cícero. Em ambos os poemas, por exemplo, retira-se do padre a responsabilidade pelo convite a Virgulino, atribuindo-a a um outro personagem, o tenente Chagas. Para o autor d' *A Entrada de Lampeão Acompanhado de 50 Cangaceiros na Cidade do Padre Cícero*, "Foi por sua conta e risco/ Que no Joazeiro entrou"¹⁹⁶ o tenente Chagas, acompanhado de Lampeão e seu grupo. Já em *Conselhos do Padre Cícero a Lampeão*, após uma breve narração da batalha contra a Coluna, em que se mostra crucial a participação do cangaceiro, o convite surge em forma de diálogo:

— O Chagas, que então lhe disse:
— Lampeão irás comigo

¹⁹⁵CHANDLER, B.J. *Lampião - O Rei dos Cangaceiros*. Trad. Sarita Linhares Barsted, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980, pág 82.

¹⁹⁶ATHAYDE, J.M.de. *Entrada de Lampeão acompanhado de 50 Cangaceiros na Cidade do Pe. Cícero*. Recife, 12/03/1926, pág 14. O poeta João Martins de Athayde (1880 - 1959) notabilizou-se como editor, inaugurando, a partir da década de vinte, uma fórmula editorial que se tornará padrão na produção de folhetos subsequente. Ruth Terra transcreve uma passagem de uma entrevista, publicada na edição de 16/01/44 do Diário de Pernambuco, em que Athayde faz referência à maneira como escreveu histórias de cangaceiros: "Em algumas me aproveitei do que noticiava o jornal, noutras do que me contava a boca do povo. E em algumas não me baseei em fato nenhum. Imaginei o fato e fiz o meu floreio. Conheci pessoalmente Antônio Silvino (...) Já Lampião era diferente do 'capitão', com dois anos apenas de cangaço aparecia com o retrato nos jornais, cercado pelo grupo. Para você ver: quando ele entrou em Mossoró, eu soube da notícia pelo jornal. Fiz um 'livro'. Mas as cenas, os diálogos, a ação da narrativa, tudo isso foi tirado da minha cabeça." Cf. TERRA, R. B. L. (1983), págs 46 - 47.

À cidade do Joazeiro
Eu serei teu companheiro
Te darei seguro abrigo.
Lampeão mui satisfeito
Esse convite aceitou

Chegando ali, Lampeão,
Do padre Cicero Romão
Uma benção implorou ¹⁹⁷

O ato de implorar uma bênção, ao mesmo tempo em que coloca o cangaceiro numa posição hierárquica inferior, de submissão, apresenta um motivo que, pelo próprio título do folheto, é central na narração, o do momento religioso entre os dois homens, em que se revela a postura de conselheiro do Padre Cícero:

Disse-lhe o padre: — Meu filho,
Não percista no peccado,
Deixe a carreira dos crimes
Se torne um regenerado
Se me promete deixar,
Lhe prometo trabalhar
P’ra você ser perdoado

P’ra todo crime ha perdão
Deus só quer do peccador
A humildade e a contrição
O arrependido não pena
Christo salvou a Magdalena
E a Dimas o bom ladrão ¹⁹⁸

Mas o padre não promete apenas o perdão aos pecados de Lampião. A esse discurso promissor da salvação soma-se um outro, o da promessa de intervenção junto ao governo para que o proteja caso se retire do cangaço:

¹⁹⁷BATISTA, F.C. *Conselhos do Padre Cícero a Lampeão*. Paraíba, s/d, pág 02. O paraibano Francisco das Chagas Batista (1882 - 1930) foi poeta e editor, dono da Popular Editora. Segundo Ruth Terra, “dos quarenta e cinco poemas populares identificados como de autoria de Chagas Batista, quatorze são sobre o cangaceiro Antônio Silvino e cinco sobre Lampião”. A pesquisadora informa, ainda, que muitos dos poemas de época desse autor foram versificados a partir da leitura de jornais. O poeta, segundo ela, era leitor assíduo de jornais de Pernambuco e da Paraíba; e de revistas do Rio de Janeiro e de São Paulo. Cf. TERRA, R. B. L. (1983), págs. 43, 44.

¹⁹⁸Idem, pág. 02, 04.

Abandona esse cangaço
Que eu te garanto que faço
O governo te proteger¹⁹⁹

Surge aqui a representação do poder temporal do Padre Cícero, poderoso o suficiente para, não só do ponto de vista metafísico, mas também político, oferecer a redenção ao bandido. Entretanto, algo de estranho ocorre no folheto. Apesar de todo o poder do religioso e da oferta do perdão, o cangaceiro nega-se a abandonar o cangaço de imediato, afirmando que continua “...inda tres annos/ Para poder por em pratica/ Do meu pogramma os planos”²⁰⁰. Ao sair de Juazeiro, ele continua praticando atos de violência, estupros, roubos, assassinatos, saques e depredações, contando com a bênção do padre, o que gera um problema na caracterização do padrinho. Seu discurso, normalmente dotado de poderes sobrenaturais nos folhetos mais recentes, mostra-se, aqui, totalmente incapaz de agir sobre o cangaceiro. O Padre Cícero não passa de um sacerdote que, limitado pela sua condição humana, repete os ensinamentos que cabem a um propagandista da fé transmitir.

Um agravante na problemática representação do sacerdote, que se soma ao fato de Lampião não ter abandonado o cangaço, é a equivalência que se estabelece entre as figuras do diabo e do macumbeiro e a do Padre Cícero. Lampião recebe a bênção do patriarca, que vem se somar à proteção oferecida por representantes do mal:

Já mandei feixar meu corpo
Por um velho feiticeiro
Já fiz pacto com o diabo
P’ra não ser prisioneiro²⁰¹

Colocando esses elementos demoníacos em pé de igualdade com o padre e narrando atrocidades promovidas por Lampião após a visita, o autor pode estar veiculando a imagem de que as forças do bem, encarnadas pelo padre, poderiam estar sendo neutralizadas pelas do mal, um fenômeno difícil de conceber em meio às representações do imaginário religioso popular concernentes ao Padre Cícero.

¹⁹⁹Idem, pág 04

²⁰⁰Idem, pág 04

²⁰¹Idem, pág 03

Em *Entrada de Lampeão Acompanhado de 50 Cangaceiros na Cidade do Padre Cícero* entrevê-se, mais uma vez, uma preocupação com as relações entre o padre e o banditismo. Numa conferência com membros da polícia juazeirense, que tencionava prender Lampião, Padre Cícero defende-o e, paralelamente, justifica-se em sua atitude. Em discurso direto, ele alega motivos éticos para não consentir a prisão do cangaceiro:

Disse o padre, nesse ponto
eu nada tenho a dizer
falcidade aquelle homem
Também não posso fazer
Como é que eu vou maltratar
Quem ajudou a livrar
Nosso povo de morrer²⁰²

Não aparece nenhuma referência ao fato de o cangaceiro ter sido convidado por Floro ou pelo padre a combater a Coluna Prestes, nem à necessidade de recebê-lo na condição de convidado. O argumento usado pelo padre na sua defesa a Lampião é o fato de o cangaceiro ter lutado pela legalidade. Nesse caso, torna-se justo e não-comprometedor defender um homem que, segundo aquela argumentação, transformara-se de bandido a salvador. Além desse argumento, Cícero procura valer-se de todo o seu prestígio e poder na defesa do cangaceiro:

Todos olham bem p'ra elle
Com muito odio e rancor
Eu sou chefe da egreja
dei provas de bom pastor,
Não concinto violencia
Tenham Santa passiencia
Não posso ser trahidor²⁰³

A escolha do vocabulário não poderia ser mais adequada. Enquanto “chefe da egreja”, completamente investido por uma autoridade religiosa, o Padre Cícero exige paz, paciência e, sobretudo, fidelidade a “Quem ajudou a livrar/ Nosso povo de morrer”.

²⁰²ATHAYDE, J.M. *Entrada de Lampeão acompanhado de 50 Cangaceiros na Cidade do Pe. Cicero*. Recife, 12/03/1926, pág 15.

²⁰³Idem, pág 16.

Quanto às intenções de fazer de Lampião um homem de bem, implícitas em todas as falas do padre no outro folheto, aparecem aqui apenas como promessa:

E tomo conta do resto,
Fasso delle um homem honesto
Pacato e moralizado²⁰⁴

Não ocorre um encontro ou diálogo com o cangaceiro. O autor limita a participação do padre, que aparece só nas últimas estrofes do poema, à sua intervenção junto à polícia de Juazeiro. Interessante é que os argumentos que servem de justificativa ao padre, ética e intenção de moralizar Lampião, são muito parecidos com aqueles expressos na carta ao Jornal do Commercio. Pode-se atribuir essa semelhança a uma possível leitura da carta pelo poeta, ou então à apreensão dessa argumentação no próprio burburinho, no boca-a-boca, do povo. Entretanto, pode-se formular ainda uma terceira hipótese, a de que o autor tenha embasado a defesa em uma outra notícia de jornal. Há constantes referências no folheto a um “repórter da gazeta”, que aparece como personagem, entrevistando Lampião. A impressão que se tem é a de que o poeta teria lido a reportagem da “gazeta”, transformando-a em narrativa, o que se evidencia pelo grande número de descrições no poema, incomum nos folhetos em geral. Logo no início de seu texto, o autor descreve como se vestem e que tipo de armamentos usam os homens de Lampião, para, em seguida, narrar a conversa do repórter com o cangaceiro, entremeada de descrições físicas e psicológicas do entrevistado:

Um reporter da gazeta
Com Lampião quiz falar
No meio da multidão
Quase não pode passar
Machucando muita gente
Poude elle finalmente
Com Lampião conversar.

Ali se complementaram,
E comessou o jornalista

²⁰⁴ Idem, pág 16.

Na vida de Lampião
Saber por uma entrevista,
Narrou tintim por tintim
Do princípio até o fim
Sem nada perder de vista²⁰⁵

A possibilidade de o folheto ter como substrato uma notícia de jornal aponta para a hipótese de que essa mesma reportagem, além de falar do cangaceiro e de seu bando, tenha veiculado algum tipo de defesa do padre ou mesmo noticiado a atitude do religioso no sentido de impedir que prendessem Lampião.

Contrariamente a *Conselhos do Padre Cícero a Lampeão*, em que a continuidade de Lampião no cangaço macula um pouco toda a construção narrativa em torno do caráter de conselheiro e de redentor do padrinho, o folheto *Entrada de Lampeão Acompanhado de 50 Cangaceiros na Cidade do Padre Cícero* tem o seu fecho na promessa de regeneração do cangaceiro. Na estrofe final, o padre promete fazer do bandido “...um homem honesto/ Pacato e moralizado”²⁰⁶, o que pode ser encarado como uma boa solução para o fato de Lampião ter persistido, do ponto de vista histórico, na sua carreira de crimes. Cria-se uma espécie de mecanismo de defesa, utilizando-se recursos da ficção. Ao tomar a liberdade de omitir a continuação da História, o autor aplaca, em certo sentido, possíveis contradições na caracterização do padre.

Num folheto publicado na década de 40, *A Lamentável Morte do Padre Cícero Romão Batista*, com vistas a contra-atacar a acusação de que o padre teria sido chefe de cangaceiros em vida, o autor elabora uma narrativa, marcada pela atuação enérgica e pela sobrenaturalidade do religioso, tematizando a visita de Lampião a Juazeiro:

Uma descrença geral
Circula no mundo inteiro
Relativamente ao padre
Fundador do Joazeiro
Eu vou provar o contrário
Ele era refratário
Ao bandido cangaceiro

Para contar-lhe a grandeza

²⁰⁵Idem, pág 05.

²⁰⁶Idem, pág 16.

Do Padre Cicero Romão,
Vou contar uma história
Que se passou no sertão
Quando estava em Joazeiro
O grupo de cangaceiro,
Do bandido Lampeão.

Num dia de sexta-feira
Vinte e oito de janeiro,
As quatro horas da tarde
Entrava em Joazeiro
Armado de mosquetão
O bandido Lampeão,
E um grupo de cangaceiro.

O bandido foi entrando
Cheio de ódio e rancor
Já se sabe onde ele chega
Semeia o luto e a dor
Disse o padre ao bandoleiro
— Olhe! ...aqui em Joazeiro,
Quem manda é Nosso Senhor!²⁰⁷

Desse momento em diante o poeta narra um diálogo entre os dois personagens. Lampião mostra-se insolente, afirmando sua descrença em fanatismo e santidade. Confessa ter vindo à cidade para saqueá-la. O padre enfrenta o inimigo, dirigindo-lhe palavras agressivas:

Se ainda gosta do mundo
E quer voltar do Joazeiro
Alem de não boqueijar
Precisa se conservar
Mansinho como um cordeiro²⁰⁸

Em seguida, um poder oculto provoca a paralisia do cangaceiro, que, após recobrar seus movimentos, implora a confissão. Segundo o poeta, depois desse episódio, Lampião nunca mais se atreveu a desrespeitar a cidade do Padre Cícero.

É interessante observar nesse trecho a presença de marcas verbais que nos orientam a datar a produção do folheto entre os anos de 1934, data da morte do Padre Cícero, sobre o

²⁰⁷ ATHAYDE, J. M. *A Lamentável Morte do Padre Cícero Romão Batista - O Patriarca do Joazeiro*. Recife, 10/08/42, pág. 04.

²⁰⁸ Idem, pág. 04.

que versa o poema, e 1938, ano em que foi assassinado o cangaceiro²⁰⁹. Isso pode nos indicar a existência de um processo em andamento. Se, por um lado, ainda se constata a presença de críticas, dado o pequeno distanciamento em relação ao período de vida do padrinho, por outro, observa-se já toda uma construção ficcional visando aplacar as vozes dos inimigos. Nesse sentido, é o próprio Lampião, na figura de um deles, quem vai protagonizar um enredo típico dos poemas de exemplo. Ao falar mal do padrinho, o cangaceiro vê-se imediatamente submetido a uma punição exemplar e comprobatória do caráter sobrenatural e divino do sacerdote.

A História se desvanece. Após 1934, o Padre Cícero não é mais carne e osso, nem notícia. Cerca de dez anos após a ocorrência do episódio da visita de Lampião, o mesmo João Martins de Athayde, que em 1926 criara um folheto jornalístico pleno de referências contextuais, já apresenta uma versão romanceada do encontro. Trata-se de uma construção ficcional verossímil, muito mais *verdadeira* e funcional, do ponto de vista da adequação ao imaginário religioso popular e aos padrões de representação da Literatura de Folhetos Nordestina, do que a primeira. A velocidade desse processo é espantosa, um indício de que o imaginário popular e a imagem do padre nos folhetos careciam de muito pouco, justamente o tempo de uma ausência, para se complementarem.

4.2. Evangelho sertanejo

A morte do padrinho, com efeito, parece ativar uma série de mecanismos canônicos de representação que já vinham sendo gestados, a despeito do contexto histórico, ao longo das três primeiras décadas de produção, em resposta à necessidade de representação de um bom Padre Cícero; santo, profeta e milagreiro.

Se, já nessa produção inicial, os poetas logravam construir fórmulas e estratégias narrativas eficazes, sua tarefa torna-se muito menos árdua nos sessenta anos subseqüentes à morte do personagem histórico. Entre as décadas de 30 e 90, eles dão conta de *canonizar* o Padre Cícero, tornando-se *porta-vozes* de uma tradição que ajudam a alimentar e a consolidar, ao longo dos anos, através da ficção e da forma poética.

Com o passar do tempo, o personagem histórico deixa de existir enquanto notícia, contraponto ou presença. A representação do padre começa a se ver livre do peso de sua existência terrena e de seu poder temporal. Da década de quarenta em diante, o padrinho já

²⁰⁹ Esse é um típico caso de re-edição que poderia causar confusão quanto à datação do folheto. Apesar de apresentar referência ao ano de 1942, enquanto *data de publicação*, há uma série de indícios que permitem situar a *data de composição* do folheto num período anterior. Além de comentar a morte recente do Padre Cícero, o poeta refere-se a Lampião no presente ("O poder de Lampião/ Tem sido a quatorze anos"), deixando entrever que o cangaceiro ainda circula pelo sertão.

pode flutuar entre anjos e serafins ou aparecer nas visões premonitórias de uma infinidade de fiéis, sem que a voz de um eventual *perseguidor* possa vir a macular, com algum tipo de lembrança, a imagem de santo que deve prevalecer. Caso apareçam, na maioria dos casos devido à influência de biografias ou de estudos acadêmicos, com os quais alguns autores mantêm diálogo, as referências a uma ou outra das facetas polêmicas do padrinho logo recebem uma resposta, em forma de defesa elogiosa ou de anedota exemplar.

No geral, poetas e fiéis criam símbolos e construções verbais capazes de fazer lembrar apenas o que é vital à constituição e à manutenção da identidade e da memória coletivas. A regra, nos folhetos mais recentes, é falar bem do Padre Cícero, procurando conjurar as vozes dos que, solitários e estranhos à comunidade, ainda persistem em “falar mal” do santo:

Falar mal do padre Cícero
é fazer papel de louco,
é como um grão de areia,
cair na brecha de um touco
É querer esvaziar
a água que tem no mar
com uma “capemba” de coco

Falar mal do padre Cícero
é uma infelicidade;
é ferir do próprio povo
sua sensibilidade
É estragar o Nordeste
é ser alvo de teste
de pura imbecilidade²¹⁰

O incessante falar bem, capital para a conservação da identidade coletiva, ganha forma através de inúmeras narrativas exemplares do caráter de santo, profeta e milagreiro do Padre Cícero. Há relatos de aparições seguidas de profecias apocalípticas, contam-se casos de curas e de salvamentos, além de castigos dirigidos contra os que zombam da fé dos romeiros ou dos poderes do santo.

A própria trajetória de vida do padrinho é arranjada de maneira a transformá-lo no Messias. Seu nascimento misterioso é fruto de um concílio no céu entre a Virgem e seu filho Jesus. Maria, preocupada com os destinos da humanidade, que está mergulhada no pecado, suplica mais uma chance de salvação para os mortais. Jesus concorda enviando para a Terra um novo Salvador, encarregado de alertar, através de conselhos e profecias, sobre o Fim dos Tempos e a necessidade de se preparar, através da obediência aos preceitos do catolicismo, para o Juízo Final. O menino Cícero, de origem divina e portanto sem a mácula do pecado original, é trazido para o mundo pela própria Virgem, que o coloca no lugar do filho de Joaquim Romão Batista e de Joaquina Vicência Romana²¹¹. Durante sua vida exemplar, marcada por acontecimentos sobrenaturais, Cícero prega a bondade, a fraternidade, o amor ao próximo, a retidão moral; avisa aos mortais a respeito das implicações nefastas que o fim da era reserva aos pecadores. Uma vez cumprida a sua missão, desencarna: sobe aos céus, ocupando o seu lugar ao lado do Criador.

Trata-se, portanto, de uma narrativa mítica, cheia de referências bíblicas, que não encontra lugar num único folheto, mas que se dissemina, através de um mosaico de pequenas seqüências narrativas, pelo conjunto de folhetos do cancionero do Padre Cícero. Tal como as peças de um quebra-cabeças, cada uma delas reúne os elementos de um quadro capaz de re-afirmar, a despeito dos *perseguidores*, algumas das facetas que fazem do padrinho um santo, se não a própria encarnação do Salvador, no imaginário popular.

²¹⁰ BANDEIRA, P. *Resposta ao Padre que é contra o Padre Cícero Romão (Chumbo Grosso)*, Juazeiro do Norte, 04/83, págs. 03, 04. Pedro Bandeira (1938 -) é poeta, cantador e ex-vereador. Possui um programa de cantorias na Rádio Progresso de Juazeiro do Norte.

²¹¹ Esse episódio, conhecido como “a troca das crianças”, foi-me narrado por uma série de pessoas, entre romeiros e poetas, durante as visitas que fiz a Juazeiro do Norte. Tanto nos folhetos como nas narrativas orais, há uma tendência a atribuir a cegueira da mãe de Padre Cícero, conhecida como Dna. Quinô, à luminosidade que irradiava da criança recebida.

4.2.1. Profecias: previsão dos tempos

Em meio ao cancioneiro recente do Padre Cícero, salta aos olhos a presença de toda uma tradição premonitória apocalíptica, veiculada por um conjunto típico de narrativas, os chamados avisos ou profecias, que funcionam na consolidação da imagem de conselheiro e de profeta do Padre Cícero. É aqui, mais do que em qualquer outro gênero de poema do cancioneiro do padrinho, que se pode constatar a utilização recorrente de fórmulas de representação já consolidadas. A partir da leitura de uns poucos folhetos, salta aos olhos a existência de um padrão de construção próprio dos *poemas de avisos*, que contêm representações de um Padre Cícero visionário, detentor do acesso direto aos desígnios divinos no que concerne ao futuro da humanidade.

Esse caráter de profeta ancora-se em narrativas de aparições *post-mortem* do padrinho. Preocupado com seus romeiros, ele desce à Terra e se comunica com alguns porta-vozes, como Frei Damião, senhoras religiosas, virgens e até mesmo poetas, conferindo-lhes a missão de propagar aos quatro ventos as suas previsões. Essas, invariavelmente, versam a respeito da proximidade do final da era e da necessidade de abandono de vícios e pecados, com vistas à salvação da alma.

Ao período intermediário, compreendido entre o momento da enunciação e o momento da consumação, são reservados amargos momentos para a humanidade, que haverá de passar por cataclismas, guerras, escassez de alimento e epidemias. Para os momentos finais, são previstos três dias de escuro e a corrida da Besta-fera pelo mundo marcando seus seguidores com o número 666. Tudo isso por culpa dos pecadores: amancebados, bêbados, meretrizes, assassinos, ateus - este último grupo composto pelos comunistas, espíritas e integrantes das religiões afro, os chamados “xangozeiros”.

Essas idéias apocalípticas, com origens na própria pregação do padre em vida e na tradição penitente dos missionários estrangeiros, muitas vezes têm estruturas formulares fixas nos folhetos, como estas encontradas no poema *Voz do Padre Cícero*, um *best-seller*

do cancionero do sacerdote, segundo o *Dicionário Bio-bibliográfico de Repentistas e Poetas de Bancada*²¹²:

Meus filhos está chegando
A nossa era sangrenta
fome, sede, peste e guerra
duma vez tudo arrebenta (...)

O tempo vai apertando
geme quem nunca gemeu
chora quem nunca chorou
sofre quem nunca sofreu
briga quem nunca brigou
dança quem nunca dançou
corre quem nunca correu

Neste tempo amargurado
pertinho do fim da era
os anjos do anti-Cristo
aparecerão de vera
propagando as suas leis
seiscentos e sessenta e seis
é o sinal da besta-fera²¹³

A estrutura paralelística da segunda estrofe, bem como a fórmula sintética “fome, sede, peste e guerra”, representando todo o horror dos tempos vindouros, aparecem em inúmeros outros poemas que tematizam o caráter profético do padrinho. A cada novo uso, entretanto, os poetas revelam apropriar-se delas de diferentes maneiras. É o caso, por exemplo, da inversão frasal e da inclusão de novos elementos (perder, rezar, gritar) operadas no padrão dos versos de estrutura paralelística por Orlando Folheteiro, n’*As Profecias Finais de Quarenta para Dois Mil*:

²¹² ALMEIDA, A. A. F. Op. Cit.

²¹³ MARIA, E. J. *A Voz do Padre Cícero*, s/l, s/d, págs. 2, 5. O Dicionário Bio-bibliográfico atribui a autoria do folheto ao poeta Enoch José de Maria. A data da primeira edição do poema deve estar compreendida entre os anos de 1892 e 1942, período de vida do autor. Há quatro exemplares desse poema no corpus de folhetos, que apresentam modificações apenas quanto ao período abrangido pelas profecias do padre. Em cada um dos exemplares, as previsões têm início em décadas diferentes: sessenta, setenta, oitenta e noventa. A variação é um indício claro de que, no decorrer do tempo, o poema foi sendo adaptado para se adequar ao momento em que estava sendo editado.

Daqui para chegar dois mil
quem não chorou vai chorar
quem não perdeu vai perder
quem não brigou vai brigar
quem não sofreu vai sofrer
quem não rezou vai rezar (...)

De noventa e cinco em frente
grita quem nunca gritou
perde quem nunca perdeu
chora quem nunca chorou...²¹⁴

Antônio Alves dos Santos, em seu *O Último Sermão do Padre Cícero Romão profetizando o Futuro*, suprime “sede” e acrescenta “tremores de terra” à estrutura “fome, sede, peste e guerra”, substituindo, ainda, fome por carístia.

Meus filhos tenham cuidado
é na era de 80
os obstáculos que vem
é raro aquele que aguenta
o grande tremor de terra
carístia peste e guerra
de uma vez só arrebenta²¹⁵

Vale notar, ainda, a semelhança deste último verso com o empregado pelo autor d’*A Voz do Padre Cícero* no final da estrofe transcrita acima, “...duma vez tudo arrebenta”.

Essas semelhanças, que poderiam traduzir-se num plágio aos olhos de um observador pouco familiarizado com os procedimentos de uma produção textual marcada pela oralidade, nada têm a ver com algum tipo de apropriação indevida da criação alheia. Pelo contrário, estão relacionadas à utilização socialmente autorizada de uma tradição poética necessária à perpetuação da própria identidade grupal, regida por uma coletividade que depende do suporte mnemônico como garantia de domínio e conservação de sua própria cultura.

²¹⁴ FOLHETEIRO, O. *As Profecias Finais de Quarenta para 2 Mil*, Patos, 28/10/92, págs. 14,15. O Dicionário Bio-bibliográfico não apresenta informações a respeito desse autor.

Nesse sentido, a existência de fórmulas próprias à composição de profecias é um bom indício da consolidação e da socialização de um conjunto de procedimentos mnemônicos que responde à necessidade de fixação dos elementos messiânicos e apocalípticos já tradicionais na comunidade.

Os prenúncios dessa tendência à criação de fórmulas, bem tradicionais nos folhetos mais recentes, já se faziam sentir nos poemas produzidos contemporaneamente ao período de vida do Padre Cícero. Em *A Guerra do Juazeiro em 1914*, folheto que tematiza os acontecimentos da Sedição, já analisado, observa-se o uso do procedimento formular paralelístico como suporte dos avisos apocalípticos do padre:

De 10 até 19
sofre quem nunca sofreu
de 20 até 29
corre quem nunca correu
de 30 até 39
corisca troveja e chove
perde quem nunca perdeu

De 40 a 49
a perseguição aumenta
de 50 a 59
a era fica cruenta
o sangue pede vingança
o povo perde lembrança
um só pastor apascenta²¹⁶

Associado ao paralelismo, pode-se observar acima um outro padrão de composição bastante recorrente nos folhetos posteriores à morte do padrinho, o da segmentação temporal das profecias apocalípticas por anos ou décadas²¹⁷, que lembra muito a

²¹⁵ SANTOS, A. A. *O Último Sermão do Padre Cícero Romão profetizando o Futuro*. O Dicionário Bibliográfico não apresenta informações a respeito desse autor.

²¹⁶ BATISTA, A. *A Guerra do Juazeiro em 1914*, Juazeiro do Norte, s/d. In: *Literatura Popular em Versos - Antologia - Tomo I*. Rio de Janeiro, MEC, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1964, págs. 350-351. Note-se a semelhança entre as rimas da segunda estrofe transcrita e as d'*A Voz do Padre Cícero* (sangrenta/ arrebenta) e d'*O Último Sermão do Padre Cícero Romão profetizando o Futuro* (oitenta/ agüenta/ arrebenta).

²¹⁷ A incidência desse tipo de procedimento em meio aos folhetos do corpus permite afirmar que seu uso tornou-se padrão a partir da década de cinquenta, em que podemos seguramente situar uma das edições de *A Voz do Padre Cícero*, de Enoch José de Maria. O folheto traz previsões para as décadas de 60 em diante. Um folheto da década de quarenta, *Sermão Profético revelado Sexta-feira da paixão à beata Francelina, pelo Rvdmo Pe. Cícero R. Batista*, embora já se constitua numa narrativa típica dos folhetos de avisos, não apresenta a segmentação das previsões organizada por décadas. De acordo com o que o próprio título já

apresentação de previsões astrológicas presentes nos almanaques, publicações muito difundidas entre os sertanejos²¹⁸. A influência dos almanaques estende-se, além dessa segmentação, ao próprio conteúdo das previsões apresentadas pelo padrinho, bastante ligadas, em alguns folhetos, às informações climáticas necessárias ao encaminhamento da vida prática das populações nordestinas. Veja-se, por exemplo, a previsão do Padre Cícero correspondente ao ano de mil novecentos e setenta no poema *O Sonho da Profecia ou a Voz do Padre Cícero*:

Setenta será um ano
muito mal anunciado
que setenta vem aí
para cumprir-se o ditado
com fome e epidemia
será o mundo atacado

será um ano tristonho
de inverno limitado
com fome e epidemia
será o mundo abalado
reinará gemido e choro
sobre a face do pecado²¹⁹

revela, numa sexta-feira santa, a beata Francelina abre o oratório e, antes de rezar, beija o retrato do Padre Cícero. A imagem estremece. Ouve-se uma voz que a acalma. Ela adormece e sonha com o padre, que, em discurso direto, profetiza. Entre as previsões, uma fórmula recorrente: “Depois, de quarenta e oito/ paz e calma reinarão/ *porem há poucos chapéus/ poucas cabeças terão/ também se ver muito pasto/ mas custa se ver um rasto/ desde as praias ao sertão*”. Cf. PACHECO, J. *Sermão Profético revelado Sexta-feira da paixão à beata Francelina, pelo Rvdm Pe. Cícero R. Batista*, Juazeiro do Norte, 16/02/43.

²¹⁸ ALMEIDA, M. W. B. Op. Cit. Em sua tese, Mauro Almeida explicita as fortes relações existentes entre as previsões dos almanaques e a organização econômica dos sertanejos, bastante ligada aos ciclos da natureza a à necessidade de domínio sobre eles. Entre os principais almanaques apontados pelo autor podem-se citar o *Calendário Brasileiro para 1975/ O Rei dos Almanagues/ Previsão do Tempo, Festas Mudáveis, Eclipses, Fases da Lua, Dias Bons para se fazer Plantações, Horóscopos para Todos, O Preço dos Cereais e mais um Mundo de Novidades - Um Verdadeiro Guia para Agricultores e Criadores de todo o Nordeste do Brasil*, do poeta popular José Costa Leite e o *Lunário Moderno ou Manual do Nordestino*, publicado em Juazeiro, em 1945, por um certo Dr. Israel.

²¹⁹ SALDANHA, J. & MENEZES, J. *O Sonho da Profecia ou a Voz do Padre Cícero*, Guarabira, Tip. Pontes, s/d, pág. 02. Não é preciso ir muito longe para se ter a certeza do parentesco. Basta comparar as duas estrofes com trechos da “Previsão do Tempo” do almanaque *O Juízo do Ano* para 1996; ou com a estrofe de abertura da edição de 1981 dessa mesma publicação:

“Janeiro – De 2 a 6 chuvas, vento e trovoadas. Para o fim do mês, tempo revoltoso, águas abundantes.

Fevereiro – De 1 a 15, chuvas com trovões e vento. Para o fim do mês, tempo úmido, nevoeiros.” In: SILVA, M. C. *O Juízo do Ano*, Juazeiro do Norte, 1996, pág. 05)

Além do núcleo apocalíptico típico, percebe-se a referência meteorológica a um “inverno limitado”, que vai se repetir nas previsões relativas aos anos seguintes. Até 1979, que deve ser um “...ano bom, com inverno maneroso”²²⁰, a humanidade se deparará com pobreza, carístia, terremotos e correria em 1971, com “...um segredo/ que traz preocupação”²²¹ em 1972, com revoltas e guerras em 1973. Em 1975, o inverno deve ser forte demais. O ano seguinte vê os pobres loucos e os ricos aperreados. Em setenta e sete, promete instalar-se uma “quentura” bem mais intensa:

Setenta e sete o povo
Correrá desembestado
se ardendo na carestia
dum tempo desenfreado
é um fogo queimador
da podridão do pecado²²²

Num outro folheto, *A Profecia Misteriosa sobre os Trez Dias de Escuro*, o poeta João de Cristo Rei torna evidente a existência dessa fusão entre a tradição meteorológica dos almanaques e a tradição das profecias do Padre Cícero:

Sobre o ano bom ou ruim
não faço revelação
que o profeta escritor
É quem dá definição
quero professar somente
o que diz a tradição²²³

Ao se ver obrigado a alertar seu leitor de que o seu objetivo não é apresentar revelações sobre “o ano bom ou ruim”, mas professar o que a tradição apocalíptica *pura*

“NORDESTE – O Sol governa o ano/ O glorioso ciclo universal/ Revelando o progresso atual/ Derivado de Deus, pai Soberano./ Estiagem num ano mediano./ Sobre a safra pretendo declarar:/ Tem mais lucro aquele que plantar/ Em bom roçado e no terreno plano.” In: SILVA, M. C. *O Juízo do Ano*, Juazeiro do Norte, 1981.

²²⁰ Idem, pág. 05.

²²¹ Idem, pág. 03.

²²² Idem, pág. 04.

²²³ CRISTO REI, J. *A Profecia Misteriosa sobre os Trez Dias de Escuro*, s/l, s/d. In: *Antologia da Literatura de Cordel - volume I*, Fortaleza: Secretaria da Cultura, Desporto e Promoção Social, 1978, pág. 154. João de Cristo Rei (1900-1983) começa a compor poemas em 1931.

disse, Cristo Rei deixa entrever a incorporação, nos folhetos de profecias, dos procedimentos de uma outra tradição premonitória, a do “profeta escritor” dos almanaques. Sua declaração denuncia a existência de um tipo específico de poeta, aquele que reúne as qualidades de vate e de astrólogo. São personagens que não apenas compõem poemas ou profecias, mas que são responsáveis pela publicação de seus próprios almanaques. É o caso de poetas-astrólogos como Manoel Caboclo e Silva e José Costa Leite²²⁴. O fato de João de Cristo Rei identificá-los como fazendo parte da categoria do “profeta escritor” pode ser um indício bastante forte de que suas profecias recebam influências dessa sua atividade como astrólogos.

A declaração de Cristo Rei assemelha-se muito a uma fala do Padre Cícero encontrada num folheto jornalístico da década de 20. Segundo seu autor, Romano Elias:

O padre explicou-me tudo
Chegam aqui me perguntam
se o anno é bom ou ruim,
Se o inverno é cedo ou tarde
Eu lhe respondo assim:
O inverno a Deus pertence
Mais do que isso não pense
Não é mandado por mim²²⁵

Aqui é o próprio padre quem busca se furtar à associação entre um adivinho das variações climáticas e um depositário da tradição do Apocalipse. Nesse mesmo folheto, elementos dessa tradição *pura* aparecem na reprodução de um sermão do religioso, antecipando toda uma série de formulações que vão se tornar canônicas no discurso profético do Padre Cícero:

²²⁴ Ambos editavam almanaques com previsões anuais. Manoel Caboclo e Silva, por exemplo, falecido em 1996, ainda continuava a editar seu famoso almanaque, intitulado *O Juízo do Ano*. A primeira edição data de 1960. Cf.: SILVA, M. C. *Eu, o índio e a Floresta*, Fortaleza, SECULT, 1994. José Costa Leite (1927 - ?), segundo o Dicionário Bio-bibliográfico, também começa a editar seu almanaque, o *Calendário Brasileiro*, em 1960.

²²⁵ ROMANO ELIAS. *A Convivência do Joazeiro e a Formalidade do Padre Cícero*. Tip. Liv. Pedro Batista, Guarabira, 1923, pág. 06.

As guerras já começaram
O seculo está de partida
É este o tempo que a lei
De Deus será combatida
De nós soffremos amarguras
Como diz as escripturas
Ella não será vencida

Ha de vir uma mulher
Como ella não ha mais rica
Montada em uma besta
Como a prophesia indica
Toda coberta de ouro
Quem se iludir com o thezouro
Da parte da besta fica²²⁶

Do “inverno limitado” às guerras, da carestia à imoralidade, a profecia está muito ligada à interpretação das crises sociais e econômicas do presente enquanto sintomas de uma grande crise cósmica que se avizinha. Acontecimentos históricos recentes acabam ganhando valores segundo as próprias regras conceituais já consolidadas nos poemas proféticos. Assim, calamidades, epidemias, guerras, desemprego ou até mesmo a dívida externa brasileira, uma vez tematizados nos folhetos do padrinho, tornam-se indícios seguros de que já se vive o início dos momentos de dor do fim da era. É o caso, por exemplo, da Segunda Guerra Mundial, que aparece num folheto da década de quarenta associada à idéia do fogo consumidor enviado dos céus:

— Venho também avisar
que de dezoito a dezenove
do mez próximo julho
fogo sobre a terra, chove
já começou na Hespanha
na Itália e na Alemanha
para que ninguém reprove

— Este fogo aonde passa
vai carbonisando casas
animaes, terra, madeira,

²²⁶ Idem, págs. 08, 09.

onde bate tudo arraza
as águas ficam fervendo
as pedras se derretendo
com labaredas e brasas²²⁷

A semelhança dos fenômenos descritos com os efeitos devastadores de uma bomba atômica é, no mínimo, inquietante. Vai ser justamente a respeito dela e do problema do desenvolvimento científico humano e suas implicações que o poeta João José da Silva vai falar no seu *Palavras do Padre Cícero sobre a Guerra Nuclear*. Através da transcrição das palavras que o padrinho teria dito a ele numa aparição, o poeta tece violentas críticas à ciência do século XX, responsável pelo perigoso apoderamento “dos segredos do Eterno”²²⁸, uma atitude encarada como o selo do fim dos tempos. Seu padrinho condena as pesquisas científicas voltadas para a conquista da lua e sugere que não se invista em experiências atômicas, fonte de perigosíssimas epidemias:

A nação que não quizer
ver-se em situação cômica
não gaste o que trabalhou
na esfera cosmonômica
e fuja de quem abraça
a experiência atômica

As explosões que se lançam
no espaço cosmográfico
deixam uma epidemia
dum modo sifilográfico (...)

de malária e febre tifo
gripes e pneumonia
sarna, sífilis, bôba e lepra

²²⁷ PACHECO, J. *Sermão Profético revelado Sexta-feira da Paixão à beata Francelina, pelo Rvdmo. Pe. Cícero Romão Batista*, Juazeiro do Norte, 16/02/43, págs. 03 - 04. José Pacheco, nascido em 1890 e falecido na década de 50, é bastante conhecido como autor de um *best-seller* dos folhetos, *A Chegada de Lampião no Inferno*.

²²⁸ SILVA, J. J. *Palavras do Padre Cícero sobre a Guerra Nuclear*, s/l, 16/11/61, pág. 05. O Dicionário Bibliográfico não fornece as datas de nascimento e morte de João José da Silva, explicitando, entretanto, que ele foi poeta e editor, dono da Folhetaria Luzeiro do Norte, de Recife. Nas décadas de 50 e 60, essa editora ocupava o segundo lugar na produção de folhetos, perdendo apenas para A Estrela da Poesia, de Manoel Camilo dos Santos.

inchação e anemia²²⁹

A imagem das explosões nucleares vai estar necessariamente associada à do fogo consumidor das descrições apocalípticas presentes nos folhetos de profecias:

Ai de quem estiver vivo
para ver tantos clamores
ver o mundo pegar fogo
e seus entes sofrendores
ficando carbonizados
nas labarêdas de dores²³⁰

O novo tema inserido nesse folheto – da interferência pecaminosa nas coisas cósmicas, e, portanto, na organicidade da natureza divinizada - harmoniza-se perfeitamente com o ideário apocalíptico normalmente defendido pelo padre nos poemas, na medida em que esse *novo tipo* de pecado está fadado a ser o responsável pela destruição da humanidade, consequência da punição divina. O modelo narrativo empregado pelo poeta não poderia, portanto, estar mais adequado à incorporação do problema da audácia do homem moderno no trato com a natureza.

4.2.2. O uso da voz do Padre Cícero

Os folhetos do Padre Cícero em geral, mas sobretudo os folhetos de profecias, prestam-se, por vezes, à veiculação de mensagens relacionadas a campanhas oficiais ou mesmo disputas eleitorais. É assim que o padrinho se vê atuando como cabo eleitoral²³¹ ou

²²⁹ Idem, págs. 11, 13.

²³⁰ Idem, pág. 15.

²³¹ GOMES, M. *O Dia em que Padrinho voltou...*, s/l, s/d. O folheto tematiza a disputa entre Luis Antonio Fleury Filho e Paulo Maluf pela prefeitura de São Paulo. O narrador, em primeira pessoa, conta que, numa romaria a Juazeiro, teria recebido a visita do Padre Cícero em sonhos. Após uma série de mensagens apocalípticas, o padrinho começa a recomendar Fleury como a melhor opção para as eleições em São Paulo.

propagandista da SUDENE²³², chegando a assumir, de acordo com a intenção do patrocinador do folheto, discursos muito semelhantes aos de um defensor da ecologia²³³ ou de um agente de saúde²³⁴. Os autores desses poemas, alguns deles demonstrando até pouca habilidade no manuseio das regras de composição típicas dos folhetos, não deixam, entretanto, de explorar facetas bastante características do Padre Cícero, como as de profeta e conselheiro, acompanhadas de suas fórmulas narrativas típicas: as aparições e o discurso direto.

Esse é o caso, por exemplo, de um folheto de Abraão Batista feito de encomenda para a SUDENE²³⁵, *A Visão Milagrosa do Homem que ouviu Padre Cícero nas Frentes de Trabalho*. Nesse poema, que narra a visão de um trabalhador das frentes de trabalho organizadas pela SUDENE durante um período de secas, Padre Cícero não apenas elogia a atuação da Superintendência, como reconhece a importância de seu papel na luta contra a seca, aconselhando os sertanejos a permanecer em suas terras e a construir açudes, além de exortá-los a impedir que o dinheiro do governo seja mal empregado ou desviado por políticos corruptos e fazendeiros desonestos:

A SUDENE é um veículo
que Juscelino criou
para tentar resolver
o que a seca devorou;
não vê que depois dela
muita coisa melhorou? (...)

Existem donos de terras
que mandam o pobre assinar
um recibo sem ter direito
sem ele ir trabalhar
pois isso tudo é roubo
aconselho a não concordar

²³² BATISTA, A. *A Visão Milagrosa do Homem que ouviu Padre Cícero nas Frentes de Trabalho*, Juazeiro do Norte, 3ª ed., 1988. Abraão Batista (1935 -) reside em Juazeiro do Norte. Dono de uma loja de produtos artesanais, a Casa de Cultura Mestre Noza, tem formação universitária e costuma ocupar cargos administrativos ligados à promoção cultural da cidade, como os de secretário de cultura e de diretor do Memorial Padre Cícero

²³³ BRITO, W. *O Padre Cícero e a Ecologia*, Brasília, 1994.

²³⁴ BATISTA, A. *Receita do Padre Cícero contra o Cólera*, Juazeiro do Norte, 1992, 1ª ed.

²³⁵ A confirmação da encomenda do folheto pela SUDENE foi dada pelo próprio poeta em entrevista realizada em 1996

Essas coisas irregulares
revele com atenção
mas tenha muito cuidado
com esperto ladrão
pois a SUDENE não pode
fazer toda adivinhação²³⁶

Braço oficial do governo na luta contra a seca, a Superintendência é retratada como um órgão competente a distribuir soluções técnicas contra os horrores da estiagem:

Se não houvesse a SUDENE
a coisa era pior
quando ela não existia
a seca era um horror
*morria gente de fome
de sede, peste e de dor*

A SUDENE foi construída
para evitar a calamidade
fazer os cálculos certinhos
no campo, mata e cidade
mas o sertão sem a SUDENE
será uma infelicidade²³⁷

A alusão a problemas operacionais no que tange à aplicação de recursos é atribuída à atuação de políticos corruptos, cabendo aos sertanejos não só a denuncia contra o desvio de verbas, mas a implementação de medidas práticas cotidianas no combate à seca, notadamente a construção de açudes:

O pequeno proprietário
com o dinheiro da emergência

²³⁶ BATISTA, A. *A Visão Milagrosa do Homem que ouviu Padre Cícero nas Frentes de Trabalho*, Juazeiro do Norte, 3ª ed., 1988, págs. 05, 06. A data de composição do folheto pode ser situada, de acordo com seu conteúdo, na década de setenta. Na segunda estrofe do poema, Abraão Batista faz referência indireta à seca que assolou o Nordeste em 1877: "Faz cem anos que aconteceu/ uma seca destruidora,/ agora fazendo o ciclo/ veio esta aterradora" (pág. 01). O folheto não consta da listagem de 83 obras de Abraão Batista, publicadas entre os anos de 1970 e 1977, arroladas por Renato Casimiro num artigo de 1978. Cf. CASIMIRO, A. R. S. "Contribuição ao Inventário do Cordel Juazeirense I - Abraão Batista". In: Boletim do Instituto Cultural do Vale Caririense, Juazeiro do Norte, 1978, nº5.

²³⁷ Idem, págs. 01, 08.

tenha cuidado, não esmoreça
faça tudo com intendência,
porque Deus está no céu
e do mundo faz ciência

Peça para cavar
poços arteziano,
dos riachos faça açudecos
para prevenir outros anos
mas não venda as suas terras
se não sofre desenganos²³⁸

Pelo que se pode perceber, embora inserido num enredo típico dos poemas de aviso, o discurso do padrinho destoa bastante do padrão premonitório e apocalíptico que lhes é característico. Ao invés de se preocupar com as conseqüências futuras das mazelas e pecados do presente, o Padre Cícero fala concretamente no problema da seca, do ponto de vista político e social. Nesse sentido, sua representação, no folheto, recupera, ainda que de maneira tênue, alguns dos elementos de sua faceta de líder temporal e de conselheiro, encarnados em vida. Vale lembrar que, dos *conselhos* que o Padre Cícero distribuía entre os seus romeiros, uma boa parte não se limitava à condução da vida espiritual, mas se estendia à organização da vida prática cotidiana. Seus afilhados eram incentivados, entre outras coisas, a aprender novos ofícios, a construir açudes, a cultivar e a beneficiar plantas nativas, bastante nutritivas e eficazes no tratamento de doenças.

Não é por acaso que um outro poeta popular, Pedro Bandeira, acabe julgando a inserção de uma temática como a da seca e da SUDENE compatível com o padrão narrativo dos conselhos e avisos:

eu acho que o cordelista aí, até que se ele foi fictício, mas ele acertou. porque o Padre Cícero também dava os conselhos que a SUDENE prega. (...) Que a SUDENE tenha lá suas falhas, que tenha suas falcatrúas, essas coisas, mas a SUDENE fez alguma coisa boa pelo Nordeste. E o Padre Cícero mandava que você fizesse açudagens, que você fizesse, plantasse uma árvore, que você cuidasse da sua fazenda, que você cultivasse a terra, que você fosse trabalhador, etc, etc. Então o que a SUDENE quer também, em síntese, é a prosperidade do agricultor, do

²³⁸ Idem, pág. 07.

*homem do campo, do homem do sertão, do homem do industrial, etc. Não é isso?*²³⁹

Unidos por uma preocupação paternal, no âmbito da ficção, SUDENE e Padre Cícero têm em comum a proteção e a promoção do bem-estar sertanejos. Nada melhor do que a utilização de uma fórmula narrativa padrão para tentar garantir a homologia e, em última instância, uma exploração eficaz da imagem do santo popular.

É bem verdade que, tanto do ponto de vista do conteúdo das falas do padrinho, quanto da forma, o folheto pode ser encarado como uma composição completamente *sui generis* em meio aos poemas do cancioneiro. Embora se utilize do padrão narrativo das profecias, Abraão Batista não consegue traçar a distinção entre as palavras do Padre Cícero e o que seria o seu próprio discurso. Em determinado momento, o padrinho é flagrado em pleno elogio à tecnocracia oficial, afirmando que “A SUDENE foi construída/ para evitar a calamidade/ fazer os cálculos certinhos/ no campo, mata e cidade”²⁴⁰. Numa outra passagem, transcrita acima, é o próprio poeta quem se utiliza de uma fórmula típica dos poemas de avisos para comentar a atuação da SUDENE. Antes dela, “a seca era um horror/ morria gente de fome/ de sede, peste e de dor”²⁴¹.

Essa mescla discursiva poderia ser encarada, por um lado, como um sintoma do desconhecimento ou da inabilidade em retratar um discurso típico do Padre Cícero dos folhetos, e, por outro, como um resultado da própria estratégia militante de Abraão. O poeta, tal como seu folheto, parece se distanciar um pouco não só do padrão de representação do padrinho como da tradição religiosa formulada em torno de sua figura.

A idéia ganha força se se leva em conta elementos de sua própria biografia. É necessário lembrar que Abraão Batista destoa um pouco do perfil típico dos produtores de folhetos. O poeta juazeirense, dono de uma loja de produtos artesanais, a Casa de Cultura Mestre Noza, tem formação universitária e costuma ocupar cargos administrativos ligados à promoção cultural da cidade²⁴². Segundo Mauro Almeida, sua produção poética é voltada

²³⁹ Entrevista concedida a mim em fevereiro de 1996.

²⁴⁰ BATISTA, A. *A Visão Milagrosa do Homem que ouviu Padre Cícero nas Frentes de Trabalho*, Juazeiro do Norte, 3ª ed., 1988, pág. 08.

²⁴¹ Idem, pág. 01.

²⁴² Abraão Batista já foi secretário de cultura. Atualmente dirige o Memorial Padre Cícero.

preferencialmente para um público urbano, formado essencialmente por pesquisadores e folcloristas²⁴³.

Do ponto de vista do conteúdo, é possível afirmar que seus poemas por vezes se diferenciam, pela inovação temática, do padrão dos folhetos, denunciando a presença de elementos de uma outra esfera cultural. Numa entrevista, Abraão Batista revela, de fato, possuir um olhar interpretativo em relação à religiosidade popular que o circunda. Já alterado pelo filtro do conhecimento científico adquirido ao longo de sua vida, esse olhar é capaz de acabar com todo o mistério de uma antiga profecia atribuída ao Padre Cícero, que lhe fora narrada por uma “senhora preta, dessas descendentes de Angola”:

E ela dizia, por exemplo, meu padrinho disse que as pedras do Horto se transformariam em pão e areia grossa do caminho vão se transformar em farinha. Pois bem, isso naquele tempo, cinco, seis, nove anos. Já depois quando eu escrevi as profecias do Padre Cícero, eu já tinha essa visão, interpretação. Realmente as pedras do Horto transformaram-se em pão e ainda estão se transformando em areia e farinha. Olhe aí o calçamento (...) trabalho, pão. Entendeu? Olha, ali o Horto era uma formação geológica belíssima. Porque aqui é tudo de origem magmática, vulcânica e segundo os geólogos, isso aqui é uma das áreas do globo terrestre mais antigas.²⁴⁴

Pedras e areia, segundo a profecia, virariam pão e farinha num tempo futuro. A concretização desse fato, na visão de Abraão Batista, estaria muito mais relacionada ao desenvolvimento econômico recente de Juazeiro do que à intercessão divina e sobrenatural nos tempos de privação do Apocalipse. O olhar histórico revela uma fé muito grande na razão, que chega a sobrepujar a crença nos mistérios do Eterno. Basta lembrar de episódios bíblicos como o da multiplicação dos pães ou o da transformação da água em vinho por Jesus para ter a certeza de que a vivência que Abraão Batista tem dessa tradição revela-se um pouco distanciada.

Essa distância vai se refletir, inclusive, no trabalho formal do poeta, que deixa de cumprir, por vezes, as exigências da *métrica*, *rima* e *oração* típicas dos folhetos. A começar

²⁴³ ALMEIDA, M. W. B. Op. Cit., pág. 94.

pela leitura original dos diferentes núcleos temáticos, passando pela escolha vocabular, até chegar à metrificação, a obra de Abraão Batista é pontuada de desvios em relação aos padrões de composição da Literatura de Folhetos Nordestina. Um bom exemplo disso pode ser verificado no metro do poema analisado, bastante irregular. Na estrofe que se segue, ao invés de seguir o padrão das sete sílabas, o poeta cria versos contendo entre seis e oito sílabas:

Peça para cavar	seis sílabas
poços arteziano,	seis sílabas
dos riachos faça açudecos	oito sílabas
para prevenir outros anos	oito sílabas
mas não venda as suas terras	sete sílabas
se não sofre desenganos	sete sílabas

Tudo isso faz pensar em Abraão Batista como um poeta *sui generis*, um caso à parte em meio aos poetas. A maioria deles, de origem camponesa e escolaridade limitada às primeiras letras, têm por ofício *re-produzir* elementos de uma tradição poético-religiosa. Batista cria e se desvia.

Nesse mesmo rumo caminha a trajetória de um outro poeta, o baiano Maxado Nordestino. Tal como Abraão, Franklin de Cerqueira Machado (1943 -) tem formação universitária, é advogado e jornalista. Entre 1971 e 1987 morou em São Paulo, onde mantinha uma loja de produtos artesanais típicos do Nordeste, a Cacimbinha. A partir de 1990, passou a dirigir o Museu Casa do Sertão e Centro de Estudos Feirenses, de Feira de Santana, vinculado à Universidade Estadual de Feira de Santana²⁴⁵. Seu perfil está bastante ligado ao dos intelectuais que trabalham *sobre* a cultura popular, o que leva a pensar a sua

²⁴⁴ Entrevista concedida a mim em fevereiro de 1996, durante o período de romarias em louvor a Nossa Senhora das Candeias.

²⁴⁵ Cf. ÂNGELO, A. A *Presença dos Cordelistas e Cantadores Repentistas em São Paulo*, São Paulo, Ibrasa, 1996. Segundo Assis Ângelo, à época da edição de seu livro, Machado ainda ocupava o cargo de diretor do museu, "...onde dá cursos de cordel e gravura, promove palestras com temas ligados à cultura popular cuida pessoalmente do levantamento da história do homem sertanejo" (pág. 79).

produção de folhetos²⁴⁶ enquanto uma fabricação folclorizante com vistas a atingir um público urbano e *estudado*. Não é à toa que “o poeta que fez imagem no cordel”²⁴⁷, um sabedor dos segredos do comércio e do marketing cultural, tenha adotado o codinome de Maxado Nordestino.

Um poema seu sobre o padrinho deixa transparecer tudo isso. Embora desenvolva uma postura simpática em relação ao sacerdote, Maxado apresenta um olhar um pouco distanciado e analítico, incorporando ao seu *O que falam Hoje do Padre Cícero Romão* críticas normalmente formuladas pela análise acadêmica marxista do fenômeno Padre Cícero, tal como a acusação do uso político da fé popular:

Acham que o padre tinha
Idéias reacionárias
Foi chefe da burguesia
Mantendo classes proletárias
Aproveitador da crença
Com ações salafrárias

Falam que os seus milagres
Foram só encenações
Para tapiar o povo
E incentivar ilusões
A demagogia e lucros
E dominar os sertões

Eu aqui não digo nada
Só louvo o santo padre
E apenas desconheço
Que a sua Igreja madre
Não canonize seu membro
Antes que lhe seja tarde²⁴⁸

²⁴⁶ Segundo Assis Ângelo, Maxado “... foi quem mais escreveu folhetos sobre a cidade paulistana, sua gente, clubes esportivos – como o Corinthians -, monumentos e eventos importantes, como a Semana de 22. No total, ele escreveu cerca de 200 folhetos e publicou alguns livros de poesia, como *Profissão de Poeta*, editado em 1988 pela Fundação Feira de Santana, e *Negramafricamente*, de 1995, lançado pelo Núcleo de Editoração Gráfica da Universidade Estadual de Feira de Santana” (pág. 77).

²⁴⁷ Texto que acompanha uma pequena gravura contendo o rosto do poeta, em perfil, impressa na contracapa de um folheto. Cf.: MAXADO NORDESTINO, F. *O que falam hoje do Padre Cícero Romão*, São Paulo, Jun/84.

²⁴⁸ MAXADO NORDESTINO, F. *O que falam hoje do Padre Cícero Romão*, São Paulo, Jun/84, pág. 08.

Burguesia, demagogia e lucros, idéias reacionárias, classes proletárias... O uso do jargão das esquerdas denuncia o fato de o poeta estar inteirado a respeito d'*O que falam hoje do Padre Cícero Romão* nos meios acadêmicos. Ao optar pela veiculação da voz dos críticos do “santo padre”, Maxado coloca em xeque sua própria tentativa de representação elogiosa, ao mesmo tempo em que denuncia sua condição peculiar em meio ao conjunto dos poetas populares.

É possível pensar nele, assim como em Abraão Batista, poetas *sui generis*, como sendo frutos da própria hibridez que caracteriza a produção de folhetos. A escrita e a impressão, na sua materialidade e visibilidade, prestam-se muito mais facilmente à apropriação por parte dos intelectuais letrados e dos promotores culturais do que a poesia oral da cantoria. A Literatura de Folhetos, um produto comercial popular, uma vez *descoberto* pelos estudiosos e chamado de *Cordel*, passou a ser explorado enquanto produto típico.

Ao mesmo tempo em que tentam reproduzir, a duras penas, elementos do imaginário do público dos folhetos, utilizando-se de um arcabouço formal que demonstram não dominar de todo, um Abraão Batista ou um Maxado Nordesteño mantêm-se fiéis ao padrão letrado e se propõem a ser criativos (para agradar o seu próprio público), o que contribui ainda mais para distanciá-los de seus *colegas* de profissão, autores e produtores de folhetos. Eles vão ser *originais* na representação do Padre Cícero, incorporando informações e pontos de vista formulados no bojo dos estudos acadêmicos, entre os que têm por profissão analisar, descrever e desconfiar do Padre Cícero.

4.2.3. As biografias do padrinho

Esse mesmo fenômeno registra-se, por vezes, na produção dos próprios poetas populares, em folhetos destinados a narrar a trajetória do Padre Cícero à maneira dos

estudos acadêmicos ou das biografias²⁴⁹. As preocupações e o discurso típicos da historiografia do Padre Cícero transparecem nos poemas, quando não determinam a própria organização cronológica dos textos e o recorte dado aos eventos em que se envolveu o Padre Cícero. Um bom exemplo disso é a referência ao Milagre da Hóstia. Por muito tempo excluída do cancionero, por conta da forte repressão religiosa ao Movimento de Juazeiro, a menção a esse episódio aparece muito provavelmente como fruto da consulta dos poetas à obra de biógrafos e historiadores²⁵⁰.

Esse é o caso, por exemplo, do folheto *A Vida e a Morte do Padre Cícero Romão Batista*, em que é explícita a influência de uma biografia do Padre Cícero, um livro de autoria de Dona Amália Xavier de Oliveira²⁵¹, o que ajuda a explicar a exposição cronológica dos fatos presente no poema. Logo na primeira página, o autor do folheto anuncia qual foi o subsídio de seus versos:

Esta história eu escrevo
Mostrando todo mister
foi de um livro de autoria
de uma escritora mulher
o seu nome está escrito
de Amélia Xavier²⁵²

Um pouco adiante, em meio à precisão da cronologia das inúmeras passagens da vida do padrinho, surge a referência ao milagre:

²⁴⁹ Em meio aos folhetos, benditos e livrinhos de oração vendidos pelos comerciantes de artigos religiosos durante as romarias, é comum encontrar biografias resumidas do Padre Cícero. É o caso, por exemplo, de *A Vida de Padre Cícero – O Livro do Romeiro*, publicado sem referência de autor; dos já citados *Dados que marcam a Vida do Padre Cícero Romão Batista (Acrescido dos Principais Fatos Históricos da Cidade de Juazeiro do Norte)*, de Amália Xavier de Oliveira e da *História do Padre Cícero em Resumo*, de autoria de Daniel Walker, pesquisador vinculado ao Instituto José Marrocos de Pesquisas e Estudos Sócio-culturais (IPESC), de Juazeiro do Norte.

²⁵⁰ A primeira referência narrativa ao milagre da hóstia detectada no corpus de folhetos data da década de sessenta. Ela ocorre no poema *Cinquentenário do Juazeiro*, publicado em 1961 por José Bernardo da Silva.

²⁵¹ OLIVEIRA, A. X. *O Padre Cícero que eu conheci (Verdadeira História de Juazeiro do Norte)*, Recife, Fundaj, Editora Massangana, 1989, 4ª ed. Pelas características do folheto, é muito mais provável que o autor tenha se baseado numa edição de um outro “livro” de Amália Xavier de Oliveira, um folheto resumido intitulado *Dados que marcam a Vida do Padre Cícero Romão Batista (Acrescido dos Principais Fatos Históricos da Cidade de Juazeiro do Norte)*, Juazeiro do Norte, 1987.

²⁵² MOURA, R. B. *A Vida e a Morte do Padre Cícero Romão Batista*, Natal, UFRN, Projeto Memória, 1980, pág 01. O Dicionário Bio-bibliográfico não faz referência a esse autor.

A 6 de março de 89
foi grande a confusão
a beata Maria de Araújo
na hora da comunhão
a hóstia na sua boca
ficou em transformação²⁵³

Esse mesmo tom cronológico de contar a história, que se diferencia da narração de um contador de histórias depositário da tradição oral, pode ser observado num outro folheto, *Padre Cícero - O Santo do Juazeiro*. Embora não haja nenhuma alusão a biografias ou estudos acadêmicos, percebe-se claramente que a visão do poeta é a de um observador distanciado, desconfiado e pouco devoto, enfim, um observador diferente do comum dos folhetos:

Primeiro, contra os milagres,
A Igreja se levanta,
Por causa de uma beata
Que aos romeiros encanta:
É Maria de Araújo,
Chamada de quase santa.

Propalavam que a devota,
Na hora em que comungava,
A hóstia na sua boca
Em sangue se transformava;
Também as chagas de Cristo
O seu corpo apresentava.²⁵⁴

Ao invés de afirmar com segurança a autenticidade dos milagres, o autor do folheto prefere falar nos encantamentos de uma beata e nos boatos que em torno dela circulavam. Ele parece não compartilhar da crença de seu público devoto, tendendo inclusive a justificar a atitude repressiva da Igreja. Isso fica mais evidente quando o poeta descreve a reação dos sertanejos à suspensão das ordens do Padre Cícero. Ele adere à visão de alguns críticos,

²⁵³ Idem, pág. 13.

²⁵⁴ D'ALMEIDA FILHO, M. *Padre Cícero - O santo do Juazeiro*, São Paulo, ed. Luzero, 1979, pág. 14. O sergipano Manoel D'Almeida Filho (1914 - 1995), conforme mencionado no segundo capítulo, além de poeta, foi consultor da Editora Luzero de São Paulo.

segundo a qual havia germens de fanatismo e anarquia gravitando em torno de Juazeiro e da figura do padre:

Foi mandado um sacerdote,
Nessa mesma ocasião,
Para substituí-lo
Porém a população
Revoltada com o fato,
fez a maior confusão.

Quase ninguém ia à missa,
O padre era hostilizado,
Pois quando falava mal
Do que se tinha passado,
Tocando no Padre Cícero,
Pelo povo era vaiado.

A ponto de haver conflito
Onde morreu até gente
Defendendo o Padre Cícero
Num fanatismo doente,
Sem saber que praticava
Uma ação inconsciente²⁵⁵

A visão do poeta, nesse caso, destoa do padrão da representação do Padre Cícero por incorporar elementos de uma outra tradição, a do registro histórico *escrito*. Nesse sentido, pode-se compreender não só a referência ao Milagre da Hóstia, “relembrado” possivelmente por influência de biografias, mas também a ocorrência de uma representação pouco simpática à fé popular no Padre Cícero. A emergência de críticas a um “...fanatismo doente” praticado pelos romeiros, imagem rara na Literatura de Folhetos, marcada basicamente pelo respeito a uma tradição coletiva de santificação do padrinho, pode ser atribuída a um elemento externo ao próprio sistema, inerente à *escrita* da História.

De maneira geral, o que prevalece nos folhetos mais recentes é a *narrativa*, que não cessa de lembrar e de exemplificar os prodígios e a santidade do Padre Cícero. Não há meio

²⁵⁵ Idem, pág. 15.

mais poderoso de canonizá-lo do que contar e recontar os seus milagres, afirmando sua verdade e variedade.

4.2.4. A verdade *re-afirmada* dos milagres

Com efeito, em meio ao cancioneiro recente do Padre Cícero, as narrativas de milagres constituem-se num conjunto temático bem definido, ligado à representação de mais uma das facetas do caráter sobrenatural do Padre Cícero. Poemas inteiros, ou apenas trechos deles, são dedicados à narração de casos misteriosos, exemplos de curas, de salvamentos ou da intercessão benéfica do padre na resolução dos problemas pessoais de algum devoto.

Dentre os poemas do cancioneiro do sacerdote, esses folhetos parecem cumprir uma função muito clara: consolidar a imagem de santo e de detentor de poderes sobrenaturais de Cícero. Eles acabam confirmando, de maneira exemplar, algo que os poetas afirmam inúmeras vezes através de suas opiniões disseminadas pelos folhetos: o grande número de promessas pagas pelos romeiros em Juazeiro é uma prova de que o Padre Cícero opera milagres; mais uma razão, além de suas virtudes em vida, para creditar-lhe a santidade. É esse um dos argumentos que fundamentam a defesa da canonização do Padre Cícero junto ao Papa João Paulo II, feita pelo poeta Pedro Bandeira no seu *Carta Aberta ao Papa*:

A primeiro de novembro
é monstruosa a multidão
mais de um milhão de romeiros
de toda Federação
todos pagando promessas
ao Padre Cícero Romão (...)

Os mais difíceis milagres

que já se ouviu falar
aqui são documentados
pra quem quiser pesquisar,
são tantos que a matemática
nunca se atreveu somar²⁵⁶

Para melhor embasar tal argumento, o poeta apresenta, estrofes abaixo, uma breve enumeração de casos de milagres, que é praticamente um catálogo das várias narrativas que se disseminam pelos folhetos, bem como das várias histórias que se ouvem contar pelo Nordeste, especialmente em Juazeiro²⁵⁷:

Aleijado, cego, louco,
político, intelectual
Pessoa desenganada
no leito do hospital
se pega com o padre Cícero
e pela fé cura o mal (...)

Gente mordida de cobra
balaço e afogamento,
toda e qualquer aflição
quem tiver merecimento
o Padre Cícero lhe tira
das garras do sofrimento.

Criança que se alheia
no ermo da mataria
quando é encontrada viva
grita com alegria
o Padre Cícero Romão
veio em minha companhia.

Eu conheço uma menina
que caiu num cacimbão
com cem palmos de fundura
e antes de bater no chão
foi amparada nos braços

²⁵⁶ BANDEIRA, P. A *Carta Aberta ao Papa*, Juazeiro do Norte, s/d, págs. 3,4. Há, na capa do folheto, a seguinte indicação: “Cordel distribuído no Castelão em Fortaleza, por ocasião da visita de João Paulo II ao Brasil”.

²⁵⁷ A esse respeito, conferir o artigo de Candace Slater, “Afirmções pessoais. A presença individual nas histórias de Padre Cícero”, publicado na edição de dezembro de 1984 da revista *Religião e Sociedade*.

do Padre Cícero Romão²⁵⁸

Uma ou outra dessas histórias recebem um tratamento ficcional bastante particularizado, cabendo-lhes poemas narrativos inteiros. É o caso, por exemplo, de *Josina - A Menina Perdida*, em que o Padre Cícero reencaminha para casa uma criança que havia se perdido; d' *O Padre Cícero e a Cura de um Louco - 1926*, que fala do restabelecimento da sanidade de um louco e d' *O Cego de Várzea Alegre que o Padre Cícero curou*, que narra a cura de um cego pelo santo. A título de exemplo, detenho-me um pouco em algumas considerações a respeito deste último.

O folheto, assinado por Pedro Bandeira, propõe-se a noticiar e a relatar um caso recente de milagre operado pelo Padre Cícero. Um habitante do município de Várzea Alegre, o septuagenário José Teotônio Carvalho, acabara de chegar à cidade a pé, pagando promessa pela recuperação da visão. O caso teria ganho repercussão na voz de Pedro Bandeira e de João Bandeira de Caldas, cantadores responsáveis pela produção de um programa de cantorias na Rádio Progresso:

Dr. Geraldo Barbosa
quando soube da viagem
como cronista do povo
subiu com fé e coragem
pra abraçar o curado
e fazer a reportagem

Desceu do Horto às carreiras
botou em primeira mão
no programa da Progresso
de Pedro Bandeira e João
poetas divulgadores
do Padre Cícero Romão²⁵⁹

Os detalhes dessa história de cura, presentes no folheto, cumprem uma sequência comum às histórias de milagre que se lê nos folhetos ou que se escuta relatar dos romeiros.

²⁵⁸ BANDEIRA, P. *A Carta Aberta ao Papa*, Juazeiro do Norte, s/d, págs.04, 05.

²⁵⁹ BANDEIRA, P & CALDAS, J. B. *O Cego de Várzea Alegre que o Padre Cícero curou*, Juazeiro do Norte, s/d, pág. 06. Um soneto de Pedro Bandeira impresso na última página do folheto está datado de 12/10/77.

Cego havia mais de oito anos, José Teotônio, buscando evitar submeter-se a uma cirurgia, fez promessa ao padrinho. Exatamente “...a quinze de São João”²⁶⁰, num sonho, o Padre Cícero força-o a caminhar sem medo de tropeçar ou cair. Alguns meses depois, “...a quinze de setembro”²⁶¹, José acordou enxergando, no que decidiu pagar a promessa, dirigindo-se a Juazeiro a pé, numa caminhada de quatro dias.

O enredo é típico, na medida mesma em que narra a sequência ritual do milagre, que vai da promessa a seu cumprimento em romaria, passando necessariamente pela obtenção da graça. O mais interessante no relato, entretanto, é a certeza da verdade do milagre, aceito como um fato a ser documentado. Não resta espaço para a dúvida, o que fica evidente no próprio trabalho do poeta com os tempos verbais. O pretérito perfeito presta-se ao relato pouco distanciado, que acata o testemunho do romeiro. Pedro Bandeira não se dispõe a contar como o milagre *teria ocorrido*. Ele se refere a um fato que, na *verdade, ocorreu*. Trata-se de uma questão de fé, proximidade ou simplesmente habilidade em traduzir um dos elementos centrais na religiosidade dos romeiros, a crença na santidade e na sobrenaturalidade do Padre Cícero.

4.2.5. Exemplos: o castigo dos que “falam mal”

Os poderes do Padre Cícero são inquestionáveis. Para garantir a santificação narrativa, poemas inteiros, os chamados *exemplos*, são criados para punir os que ousam duvidar dos dotes taumátúrgicos do padrinho. Constituindo-se, sem dúvida, num estratagema bastante poderoso, utilizado pelos poetas nas suas tentativas de se contrapor às críticas veiculadas pelos inimigos do padre, eles obedecem a uma estrutura-padrão de composição que é mais ou menos a seguinte: embora alertados por algum romeiro dos perigos de se falar mal do Padre Cícero, os infiéis, geralmente pessoas abastadas, zombam dele ou da própria fé popular, desafiando, dessa forma, o poder do santo. Logo sobrevém-

²⁶⁰ Idem, pág. 03.

²⁶¹ Idem, Ibidem.

lhes o castigo, através de doenças e calamidades ou da metamorfose em algum tipo de animal.

Paradigmático desse tipo de narrativa é o folheto *Exemplo da Moça que virou Cobra porque falou do Padre Cícero*, cujo título, por si só, antecipa todo o conteúdo do poema. Há, de fato, uma moça, filha do dono de uma fazenda em que se hospeda um romeiro a caminho de Juazeiro. Bastante arrogante, ela trava uma discussão a respeito do Padre Cícero com o peregrino, em que afirma não crer “...em quem/ come feijão como eu”²⁶², sobretudo em alguém que é “...feiticeiro/ Que só vive de trapaça/ afim de tomar dinheiro/ Desses fanáticos que vão/ Lá para o tal Juazeiro”²⁶³. Depois disso, desafia o sacerdote, pedindo que a transforme numa serpente caso haja algo de sobrenatural em seu poder. O romeiro segue seu caminho e a moça, evidentemente, transforma-se numa cobra, que aterroriza as populações sertanejas por alguns anos, até que chega aos pés de Frei Damião²⁶⁴ e lhe implora o perdão. Uma vez concedido, ela morre instantaneamente, retornando o seu corpo à forma humana.

Um outro exemplo desse tipo de construção é *Tostão de Chuva*²⁶⁵, um verdadeiro *best-seller*, que passou a circular em fitas cassete na voz de cantadores de renome como Lucas Evangelista. O protagonista da história é um rico fazendeiro, o Coronel Irineu, que desafia os poderes do Padre Cícero ao lhe enviar, por um romeiro, a quantia de um tostão para comprar chuva. Diante da mensagem, o padrinho diz que serão suficientes apenas alguns vinténs, dois ou três. Em poucas horas, o fazendeiro, de fato, recebe o seu quinhão de chuva, perdendo tudo numa enchente devastadora. De acordo com algumas versões, a cheia converte-se em milagre para os desvalidos: os cegos passam a ver, os paraplégicos a

²⁶² SILVA, J. V. *Exemplo da Moça que virou Cobra porque falou do Padre Cícero*, Teresina, 06/01/66, pág. 06. O Dicionário Bio-bibliográfico não apresenta informações detalhadas a respeito desse autor, referindo-se a ele apenas como poeta popular.

²⁶³ Idem, pág. 05

²⁶⁴ É importante notar que, para muitos fiéis, o Frei Damião é considerado não só o continuador das práticas religiosas do Padre Cícero, mas sua própria reencarnação.

²⁶⁵ Há mais de um folheto no corpus tematizando essa mesma história: SILVA, M. C. *O Homem que mandou comprar Chuva ao Pe. Cícero do Juazeiro*, Juazeiro do Norte, 20/06/91; EVANGELISTA, L. *Um Tostão de Chuva*, in: “Canções do Nordeste”, Condado, s/d; SOUZA SOBRINHO, J. *Irineu mandou comprar Chuva ao Padre Cícero no Século XIX*, s/l, s/d; CRUZ, F. M. S. *A Prova dos Milagres do Pe. Cícero Romão Batista*, s/l, s/d.

andar, os mudos a falar. Irineu, arrependido de sua ousadia, passa a nutrir profunda devoção pelo Padre Cícero. Em algumas versões, chega a ir a Juazeiro implorar o perdão.

Não há dúvida de que os poemas estejam fazendo apologia à proteção sobrenatural e divina a que os pobres e desprotegidos afilhados do Padre Cícero teriam direito pela sua fé. Os ricos zombeteiros, petulantes na sua pretensa auto-suficiência, acabam por se curvar à evidência da sua pequenês frente aos poderes de Deus e da Natureza, concentrados nas mãos do padrinho.

Ao mesmo tempo em que pune os ricos e poderosos, o padrão narrativo dos exemplos premia a fé dos humildes, funcionando de acordo com a lógica cristã da salvação. Trata-se de um recurso ficcional que cumpre a *função* de reafirmar o conjunto de valores de um grupo social justamente ao defendê-lo contra os que atacam um dos seus principais ícones, o padrinho. A opção por uma atitude defensiva e elogiosa, a que corresponde uma gama de padrões narrativos, constitui-se, desse modo, numa poderosa estratégia de canonização poético-religiosa, que vai prevalecer nos poemas do cancionário do Padre Cícero.

4.2.6. Defesa poética e luta política em torno da canonização

Raramente se observa o desenvolvimento de uma postura ofensiva nos folhetos, uma vez que os poetas preferem, tal como o seu público, desenvolver uma atitude de resistência frente aos críticos e *perseguidores*. Pedro Bandeira, um defensor político da canonização do Santo do Juazeiro, vai ser uma exceção. Contra os críticos do Padre Cícero, identificados como estando necessariamente fora da tradição, fora da comunidade, o poeta erige uma defesa exaltada, delineando assim, de maneira bastante explícita, o que acredita ser sua própria *função* enquanto poeta popular:

Falei em nome do povo
Sentindo o que o povo sente
Quem mexer com meu “Padim”
pisou nos calos da gente
e se quiser se agastar
é mesmo que assanhar
um formigueiro valente²⁶⁶

²⁶⁶ BANDEIRA, P. *Resposta ao Padre que é contra o Padre Cícero Romão (Chumbo Grosso)*, Juazeiro do Norte, 04/83, pág. 08.

Plena de conotações bélicas, essa fala, assim como todo o conteúdo do folheto, deixam entrever a existência de um campo de conflitos entre, de um lado, a religiosidade popular, e, de outro, a religião oficial e toda sorte de críticos do Padre Cícero.

Na sua *Resposta ao Padre que é contra o Padre Cícero Romão (Chumbo Grosso)*, Bandeira ataca diretamente o inimigo, o padre cratense Helvídio Martins Maia. Autor de “...um opúsculo esfarrapado/ que de ruim se perdeu”²⁶⁷, o religioso é tido como uma espécie de representante dos *perseguidores* de Cícero²⁶⁸:

Esse e outros que escreveram
contra a nossa Juazeiro,
estão desmoralizados
pelo povo brasileiro.
São eles perseguidores,
infelizes escritores
que só pensam no dinheiro²⁶⁹

Na mira do poeta está também a Igreja Católica, que certamente teria sido poupada das críticas, não fosse por um detalhe significativo referente à publicação do texto de Helvídio Maia: “O livro traz o ‘imprima-se’/ de um dos bispos do Crato”²⁷⁰. A constatação de Bandeira é suficiente para que ele desenvolva toda uma argumentação em favor da canonização do Padre Cícero. Partindo da concepção de que “o clero tem sido um ingrato”, Bandeira quer que a Igreja, tendo recebido já “muitos milhões de cruzeiros” em ofertas de romeiros, reconheça a “verdadeira história” do Padre Cícero Romão, redigida por uma série de autores que ele considera “felizes” e “inspirados”, entre os quais figuram Ralph Della

²⁶⁷ Idem, pág. 01.

²⁶⁸ O texto de Pe. Helvídio, *Pretensos Milagres em Juazeiro*, é identificado por Ildefonso Silveira, na sua resenha bibliográfica a respeito das pesquisas sobre o Padre Cícero, como fazendo parte da “escola do contra”. Segundo ele, Helvídio “...vê no Padre Cícero um homem de fé, inicialmente desprendido dos bens materiais, mas privado do exercício das ordens, dedicou-se à política e envolveu-se com bens provenientes de ofertas e donativos feitos em nome de uma crença falsa e condenada (p. 19). Em vez de ‘mártir da obediência’ – como dizem alguns – ele foi sim um obstinado insubmisso e contumaz (p. 19). Foi um ‘paranóico’ de fundo místico e não um louco (p. 12 e 179s). ‘Só um desequilibrado mental, escreve, justificará a conduta deste homem’ (pág. 117). E cola à imagem do Padre Cícero os epítetos de megalômano (p. 185), líder de fanáticos (pág. 187), falso profeta (p.191)”. Cf. SILVEIRA, I. Op. Cit, pág. 244.

²⁶⁹ Idem, pág. 07.

Cava e Dona Amália Xavier de Oliveira. Nesse sentido, ele prega como necessário o abandono de atitudes e de sentimentos ofensivos, tais como a perseguição e a inveja, que teriam germinado no comportamento do clero à época da Questão Religiosa:

Já é tempo de deixar
a velha concepção
de alguns padres que atacaram
o padre Cícero Romão,
desses não tem nem o rastro
e o padre Cícero é o astro
que brilha na região

É muito polêmica a grande
história do meu “Padrinho”,
um dia se pega em flores,
outro se pega em espinho;
na Questão Religiosa,
a comissão invejosa
atrapalhou seu caminho

A nossa igreja católica
prega tanta conversão,
prega o arrependimento,
prega a fé, prega o perdão;
mas quer fugir da memória
com a verdadeira história
do padre Cícero Romão²⁷¹

A demanda pela *verdade* carrega como sintoma, na fala de Bandeira, a própria omissão de detalhes. O poeta não apresenta maiores explicações a respeito da “verdadeira história” do Padre Cícero ou dos ataques que este teria recebido. Sabe-se apenas que, atacado à época da dita Questão Religiosa, o sacerdote teria visto seu caminho atrapalhado por uma certa comissão invejosa.

A ausência de referências mais claras aos eventos em que teriam estado envolvidos Cícero e alguns padres, mais do que revelar um possível desconhecimento do poeta com relação à historiografia do padre, sobre a qual ele demonstra possuir algum domínio,

²⁷⁰ Idem, pág. 02.

expresso pelo uso do termo Questão Religiosa e pela própria referência a alguns autores da História do Padre Cícero, denuncia a formulação de uma estratégia defensiva, que consiste, justamente, em não permitir que venham à tona elementos de uma história que ele mesmo reconhece como polêmica: “um dia se pega em flores,/ outro se pega em espinho”. Trata-se, portanto, de uma escolha. Bandeira evita lidar com a face espinhosa da questão, o que lhe permite, por um lado, criar e defender uma imagem do Padre Cícero condizente com as *verdades* que são caras a seu público e, por outro, desenvolver, na última estrofe, uma atitude conciliatória com relação à Igreja:

Por hora suspendo a pena
com sentimento profundo.
Todos somos da Igreja
de João Paulo Segundo.
Com todo esse reboço
para nós o “Pade Ciço”
é o Santo maior do mundo²⁷²

Bandeira decide fechar seu poema-manifesto afirmando não só a santidade do padrinho, como era de se esperar, mas o pertencimento de “todos”, inclusive romeiros e devotos, à “Igreja de João Paulo Segundo”. Trata-se de uma declaração que anula, num certo sentido, a possibilidade de interpretar sua postura, no poema, como necessariamente cismática. Seu discurso, pelo contrário, está marcado pela ambigüidade. Ao mesmo tempo em que critica a Igreja, sugerindo que uma certa *lucratividade* do santo exerceria influência sobre o processo de canonização, Bandeira está em busca do respaldo oficial, traduzido pela idéia de “documentação”, como ele chega a declarar numa entrevista:

Um santo pra mim, pras pessoas esclarecidas, não é coisa do outro mundo, não. Santo é apenas ser beatificado e canonizado por um sistema, por uma documentação, vamos dizer assim, para ficar mais claro, da Santa Igreja Apostólica Romana. Que tem muita gente que é santo e eu não sei se mereceu ser santo, às vezes por uma promoção ou por riqueza, ou por uma amizade com gente rica ou por ser

²⁷¹ Idem, págs. 02, 06.

²⁷² Idem, pág. 08

*parente de um papa. Sei lá se aconteceu já isso por aí afora. Não estou protestando de nenhum santo, que eu admiro os santos, que são na maioria homens inteligentes, homens como São Francisco de Assis, que era extraordinário, como Santo Agostinho, diz que foi de primeira linha, homens ... E ser santo pra nós, ser santo sem ser beatificado nem canonizado, é... ser santo pra nós, assim, sem ter essa documentação, sem ser santo de direito, é ser santo de fato. Então esse santo de fato, Padre Cícero é um santo de fato pra nós, que pode chegar a ser santo de direito. Pode chegar a um dia, pode chegar a um dia ser beatificado e canonizado pela Igreja Católica Apostólica Romana. Agora que se ele não for, também isso não tem... não tá perdendo muito*²⁷³

A santidade, no início da fala de Bandeira, é percebida como uma questão burocrática. Não se trata, propriamente, no caso de um santo “de direito”, de um atributo religioso ou de um valor ético, mas de uma titulação, atrelada a relações de poder e de apadrinhamento político. O Padre Cícero, que “é um santo de fato para nós”, de acordo com a argumentação de Bandeira, poderia muito bem receber da Igreja Católica Apostólica Romana a sua “documentação”.

É em busca desse reconhecimento oficial, sem jamais desmerecer o poder e a validade da santificação operada, “de fato”, pelos devotos do Padre Cícero, que Bandeira vai atuar em diferentes momentos.

Na sua *Resposta ao Padre que é contra o Padre Cícero Romão (Chumbo Grosso)*, como se pôde observar, o poeta advoga em favor do reconhecimento de verdades capazes não só de justificar a canonização, mas de aplacar a atuação difamatória dos críticos do Padre Cícero:

A fama do padre Cícero
como um mistério duplica;
os seus inimigos passam
somente o seu nome fica.
O povo confia nele,
em cima do nome dele
a nossa Igreja está rica.

Padre Cícero é um rochedo
Inabalável e forte,
foi grande na sua vida
é maior depois da morte.
Se não é sua magia
Não se tinha romaria

²⁷³ Entrevista concedida a mim durante a romaria de Nossa Senhora das Candeias, em 1996.

em Juazeiro do Norte²⁷⁴

De acordo com a fala, os difamadores vêm sua atuação aplacada pelo crescimento *misterioso* da fama do Padre Cícero. Trata-se do mesmo mistério, da mesma magia que tornaram possível o milagre do crescimento econômico de Juazeiro, atrelado às romarias. É justamente esse movimento confiante e contínuo de “fãs” – para usar o termo de João de Cristo Rei – que vai funcionar, num outro folheto, como argumento em prol da canonização.

No seu *Carta Aberta ao Papa*, analisado anteriormente, cuja capa faz referência à distribuição do poema, num estádio de futebol de Fortaleza, durante a visita de João Paulo II ao Brasil, Bandeira pretende estabelecer uma interlocução com o Sumo Pontífice. Depois de apresentar uma série de informações nada gratuitas a respeito do Padre Cícero e de Juazeiro, incluindo o alcance das romarias, assim como a variedade dos milagres atribuídos ao religioso, o poeta, humilde e amável, faz um pedido:

Peço-lhe com a voz da alma
e a boca do coração;
Mande rever o processo
do Padre Cícero Romão
fazendo nova pesquisa
noutra documentação.

É muito longa a história
do Padre Cícero Romão
mas um dia alguém verá
sua beatificação
marcando os primeiros passos
duma canonização.²⁷⁵

Mais uma vez, Bandeira faz do folheto um verdadeiro manifesto, cujo tom, em relação à *Resposta ao Padre que é contra o Padre Cícero Romão (Chumbo Grosso)* é bem menos agressivo, dadas as circunstâncias em que o poema é produzido e veiculado. A panfletagem, resultado do desejo militante de se fazer ouvir não só pelo papa, como também por um largo público de fiéis, torna necessário o estabelecimento de um diálogo ameno, senão adulator, com sua Santidade:

Como trovador do povo
o mais humilde do mundo,
escrevo uma longa carta
com sentimento profundo,
para Sua Santidade

²⁷⁴ BANDEIRA, P. *Resposta ao Padre que é contra o Padre Cícero Romão (Chumbo Grosso)*, Juazeiro do Norte, 04/83, pág. 03.

²⁷⁵ BANDEIRA, P. *A Carta Aberta ao Papa*, Juazeiro do Norte, s/d, págs. 10, 11.

Papa João Paulo Segundo.

Representante de Cristo
de todo mundo querido,
chefe da Igreja católica
como pastor conhecido,
aceite um poeta humilde
fazer-lhe um grande pedido

Primeiro peço perdão
se achar-me ignorante,
porém quem não tem coragem
não se tornará triunfante,
e o pedido eu só lhe faço
do meio da carta em diante.

Sei que Sua Santidade
é poeta e desportista,
amador da natureza
simpático e muito otimista,
por isso vai ler a carta
do trovador cordelista²⁷⁶

A postura humilde do “ trovador cordelista”, funcionando como estratégia argumentativa, mal disfarça, ou inibe, a consciência que o poeta demonstra possuir a respeito de seu papel de porta-voz. Falando “em nome do povo/ do nosso Brasil querido”, ele parece investido do respaldo e da “coragem” necessários para se dirigir ao papa. Não é por acaso que, na capa do folheto, seu nome venha acompanhado pelo epíteto, um tanto pretensioso e aristocrático, de “Príncipe dos poetas populares”.

Em 1987, Bandeira continua lutando pela canonização do Padre Cícero. Ocupando o cargo de vereador, já na esfera da representação política, ele redige um requerimento em que solicita a inclusão de Juazeiro do Norte no roteiro da próxima visita do Papa ao Brasil²⁷⁷. De acordo com a edição de oito de maio do jornal *O Povo*, cópias do documento, que seria remetido à Secretaria do Vaticano, já teriam sido enviadas a diversos órgãos públicos das principais cidades nordestinas. Seu teor, pelo que se pode depreender da nota, apresenta alguns pontos em comum com a argumentação presente na *Carta Aberta ao Papa*, notadamente, a idéia de que Juazeiro, um dos maiores centros de romaria brasileiros, poderia ser classificada como a cidade mais católica do Nordeste. Visitando-a, o papa estaria “...visitando de uma vez só todo o Nordeste” e, paralelamente, abrindo caminho para o reconhecimento oficial da santidade do Padre Cícero, “...principalmente agora que o Vaticano estuda um pedido de perdão para aquele que é venerado por todos os católicos do Nordeste e de várias outras regiões do Brasil”.

²⁷⁶ Idem, pág. 01

²⁷⁷ “O Papa em Juazeiro”. In: *O Povo*, 08/05/87.

A atitude de Bandeira recebe o apoio irrestrito do jornal, que sugere a adesão do prefeito à causa:

Tem-se certeza de que o Prefeito de Juazeiro, Manoel Salviano, será o primeiro a incentivar a iniciativa do vereador, fazendo ele mesmo os contatos a nível estadual para que tal objetivo seja alcançado brevemente.

*Foi muito feliz Pedro Bandeira em sua idéia de ver o papa João Paulo II beijar o solo da terra do Padre Cícero. Sua santidade há de sensibilizar-se com o pedido e o Juazeirense e nordestinos agradecerão de joelhos e com muita fé.*²⁷⁸

A defesa da canonização do Padre Cícero começa a funcionar como elemento de projeção, dentro do plano político-institucional em que o poeta se insere, não só como porta-voz, mas também enquanto *representante do povo*. Não restam dúvidas de que, explorando a dimensão *cívica* associada à figura do padrinho, o vereador Bandeira esteja buscando conquistar seu espaço na política juazeirense. Isso fica evidente a partir da leitura de um outro folheto, *O Santo Papa vem a Juazeiro brevemente*, de Francisco Zênio, que permite entrever o quanto a iniciativa do convite ao papa esteve carregada de interesses e de significados. No poema, Zênio contesta a participação de Pedro Bandeira na idealização do requerimento. Segundo ele, ao contrário do que Bandeira teria veiculado num folheto recém publicado, a autoria do projeto seria, na realidade, do prefeito Manoel Salviano. Dirigindo-se ao vereador, procurando deixar claro já de início que não teria sido pago pelos versos, Zênio reconhece que o “amigo poeta/ é um grande repentista/ um poeta de renome/ professor, radialista/ vereador, grande amigo”²⁷⁹. O elogio, entretanto, não o impede de censurar a atitude do colega, vista como oportunismo arrivista:

Acho que um bom poeta
de cultura como a sua
num engano como esse
creio que não continua
e só subirá escada
que você mesmo construa²⁸⁰

As declarações de Zênio, ao mesmo tempo em que revelam a importância estratégica desempenhada pela fé popular e pela figura do Padre Cícero na política juazeirense, evidenciam uma certa preocupação com a conduta ética do colega de profissão. Sua fama e a excelência de seus versos deveriam estar a serviço da verdade:

Porque o nosso prefeito
fez tudo com lentidão
não foi coisa de repente

²⁷⁸ Idem.

²⁷⁹ Zênio, F. *O Santo Papa vem a Juazeiro brevemente*, s/l, s/d, pág. 02.

²⁸⁰ Idem, pág. 02.

como fez o poetão (...)

Não pretendo desfazer
no seu trabalho gentil;
Deus me livre! Essa não!
Era assim ser imbecil
pois você é um poeta
dos melhores do Brasil

Talvez que você querendo
ao povo logo informar
tomado de emoção
mandou então publicar
aquele cordel que fez
sem seu erro analisar

Por certo foi um colapso
porque na realidade
você jamais publicava
cordel de tal qualidade
escondendo para o público
o que é belo: a verdade²⁸¹

Fruto de um lapso, da ação apaixonada de um poeta-vereador, a publicação de um folheto trazendo inverdades transforma-se em “colapso”, no dizer de Zênio. Ato falho? Certamente não. É mais razoável pensar na formulação de um jogo retórico ambíguo. À primeira vista, o poeta parece desenvolver uma atitude condescendente em relação ao colega. Movido pela precipitação, este teria cometido um engano. Mas a conotação crítica embutida em noções como as de erro, mentira e colapso, assim como na de “poetão”, que faz referência não só à idéia de grande poeta, mas também a um possível caráter pretensioso do “Príncipe dos poetas populares”, é suficientemente forte para pensar na dubiedade do discurso de Zênio. Entre o co-lapso e o erro, as atitudes de Bandeira têm seu julgamento determinado justamente pela relação que ele estabelece com seu público, e, por que não dizer, com seus possíveis eleitores. Ele agrada e engana, atitude demagógica de quem, já na esfera das “pessoas esclarecidas”, redefine o seu papel em relação ao *povo*. A *função* de poeta - portador de uma voz que *funciona* na *re-produção* dos valores caros à sua coletividade - permitiu-lhe chegar ao cargo de vereador. A nova *função*, ligada ao caráter de *intelectual* que Bandeira vai assumindo, faz dele um defensor das causas da municipalidade ou do *povo juazeirense*, entidades multifacetadas que não coincidem, necessariamente, com seu público.

A defesa da canonização do Padre Cícero vai ser emblemática desse processo. Como o próprio poeta reconhece, a preocupação em obter uma “documentação” de santo é

²⁸¹ Idem, págs. 06, 07.

muito mais sua do que do *povo*, para quem a santificação do padrinho se estabelece à revelia do reconhecimento oficial:

Porém eu já escutei
homem, menino e mulher,
dizendo está bom assim,
é assim que o povo quer,
se ele for canonizado
é apenas festejado
como outro santo qualquer²⁸²

Transformar a santificação popular do Padre Cícero em canonização torna-se uma estratégia poderosa na busca por reconhecimento e poder. A meio caminho entre diferentes esferas culturais, ao invés de simplesmente *re-produzir* elementos da religiosidade popular, funcionando enquanto agente de uma canonização poética não-oficial, Pedro Bandeira trava uma luta política em diferentes esferas discursivas. É possível identificar, em sua postura, um desejo de ocupar um espaço definido dentro da instituição legislativa. Nesse sentido, a busca pela oficialização da santidade do padrinho significa a garantia de sucesso dentro da própria esfera institucional.

Trata-se de uma atitude que não é muito comum para a maioria dos poetas. Tal como seu público devoto, eles preferem desenvolver uma atitude de resistência, procurando afirmar sua posição nessa batalha através da principal arma de que dispõem: um cancionário elogioso já consolidado.

Tornar-se *fictícios* (para usar o termo com que o próprio Pedro Bandeira refere-se ao folheto de Abraão Batista a respeito da SUDENE) constitui-se, portanto, numa exigência, que está ligada às próprias características semi-orais de sua produção. Sua poesia tem o papel vital de conservar a memória coletiva e as verdades articuladoras da realidade, tornando-se imprescindível a criação de mecanismos verbais que impeçam a variação e o esquecimento dos valores que definem a própria identidade grupal. Aliada ao emprego de fórmulas verbais, a utilização da forma narrativa padronizada revela-se, nesse sentido, bastante eficaz, porque exemplifica, ou melhor, coloca em *ação* uma série de verdades e valores abstratos, facilitando a sua retenção na memória enquanto sequência de *ações*. Grande parte dos romeiros e poetas que entrevistei em Juazeiro não se limitou a afirmar sua

²⁸² BANDEIRA, P. *Resposta ao Padre que é contra o Padre Cícero Romão (Chumbo Grosso)*, Juazeiro do Norte, 04/83, pág. 07.

crença na santidade do padrinho. Era preciso valer-se de narrativas protagonizadas pelo santo para garantir, exemplificar e *re-afirmar* a verdade da primeira asserção.

Trata-se de uma verdade que, assim como deve ser vivida e re-vivida nas *práticas* cotidianas de devoção, necessita aparecer contada e re-contada através da *práxis* narrativa dos folhetos. A repetição de imagens, de cenas e de gestos conhecidos é garantia de reconhecimento e de lembrança. Tudo aquilo que é pouco funcional ou estranho ao corpo de crenças popular tende ao esquecimento. É o que acontece com os fatos históricos ou com os aspectos da personalidade do Padre Cícero que poderiam colocar em xeque sua representação canonizante.

Não é por acaso que a referência a alguns desses elementos nos folhetos mais recentes deva-se à influência de textos escritos, que lembram ao poeta elementos que a tradição popular faz questão de esquecer. Nesse caso, a disseminação de uma outra tradição nos folhetos, a das biografias e estudos acadêmicos, só se torna possível graças ao caráter híbrido dessa produção. Circulando por diferentes ambientes culturais, os poetas procuram “rimar e versar” o conteúdo das notícias de jornal ou dos compêndios de história. O resultado, obviamente, também vai ser híbrido, o que pode ajudar a entender algumas das razões por que parte dos folhetos jornalísticos do início do século ou alguns dos poemas biográficos mais recentes destoam do padrão canonizante de representação Padre Cícero.

Considerações finais

A formulação mais óbvia que se poderia esperar de um estudo sobre os folhetos do Padre Cícero é a de que os poemas tenderiam a mimetizar elementos do imaginário religioso popular. Um santo *do povo* não só pode, como deve, aparecer representado enquanto tal numa produção poética *popular*. Tradução de um silogismo, essa idéia se constitui no pressuposto básico da maioria dos trabalhos que se propõem a analisar o cancionero do padrinho.

A leitura adotada aqui não difere muito dessa concepção, a despeito da tentativa de relativizar um pouco aquilo que normalmente é encarado como inerente ao elemento *popular*, evitando tomá-lo como um bloco monolítico. A literatura de folhetos, por exemplo, vai se caracterizar não só enquanto produção híbrida, povoada de empréstimos de diferentes ambientes culturais, como, numa perspectiva diacrônica, vai adquirir uma *história* de constituição de um padrão formal de representação. Ao invés de ter sua origem atribuída a uma tradição que se perde na poeira do tempo, a *canonização* do Padre Cícero, iniciada já nas primeiras décadas do século XX e consolidada nos folhetos mais recentes, surge como resultado visível de um processo dialógico, articulado pelo poeta. É ele quem estabelece o diálogo com o contexto histórico e com outros ambientes culturais, procurando distinguir e *re-afirmar*, ao longo do tempo, uma série de valores caros a seu público devoto. Diante das esferas institucionais e dos discursos do outro, que aparecem vez por outra no papel de *perseguidores*, os poetas reproduzem, na maioria das vezes, a atitude resistente dos fiéis, prestando incessante louvor ao santo padrinho.

Nesse sentido, à canonização não-oficial empreendida pelo *povo* nordestino vai corresponder a consolidação de um cancionero elogioso. Ao mesmo tempo em que conjura as *vozes dos inimigos* do Padre Cícero, esse contínuo *falar bem* deixa entrever a existência mesma de um campo velado de conflitos, que a própria opção pela narrativa tenta solucionar. Não é por acaso que as histórias de milagres, raridade no início do século, dada a ação repressiva da Igreja, venham a se tornar verdadeiros documentos da santidade do

padrinho. Contados e re-contados nos folhetos mais recentes enquanto registros verídicos das experiências dos devotos, os relatos de milagres dão conta de *re-afirmar* uma *verdade* que os poetas de bancada contemporâneos ao padrinho ainda se mostravam temerosos em professar.

Os folhetos de exemplo representam o ápice desse processo, na medida em que buscam afirmar a *verdade* da santidade do padrinho através da própria representação ficcional do conflito. É dentro de um enredo sobrenatural e punitivo que a maledicência e a incredulidade dos *perseguidores* do padrinho vão encontrar a sua resposta, bastante diversa, diga-se de passagem, d' *A Resposta ao padre que é contra o Padre Cícero Romão – chumbo grosso*, de Pedro Bandeira. A atitude do poeta-vereador, na sua luta política pela canonização, aparece como sintoma do próprio caráter híbrido inerente à literatura de folhetos. Enquanto *intellectual*, Bandeira não se limita a *portar a voz* de resistência de seu público. Já na esfera de representação política, ele porta uma voz ofensiva e engajada, procurando adquirir uma “documentação” oficial correspondente à santificação que seu público devoto já realiza na prática de uma devoção cotidiana.

O caso de Pedro Bandeira é um bom indício do quanto o caráter híbrido da produção pode ser determinante de comportamentos que destoam, numa certa medida, do padrão canônico de representação do Padre Cícero. A adoção da visão distanciada e analítica dos compêndios de História, nos folhetos mais recentes, é um exemplo disso. O contato com elementos da esfera cultural letrada e com a *escrita* da História faz com que os poetas incorporem fatos, dados e opiniões que divergem um pouco da tradição discursiva que eles têm por função *re-produzir*. É assim que aparece o milagre da hóstia, objeto de censura nos poemas mais antigos, acompanhado, em contrapartida, de referências históricas e analíticas a aspectos polêmicos da personalidade e da trajetória do padrinho, justamente os mesmos com os quais os poetas do início do século dialogavam, esmerando-se por neutralizá-los através da criação de narrativas, muitas delas tornadas canônicas na produção posterior. Acusações como as de político, embusteiro, líder de fanáticos e cangaceiros raramente encontravam, nesses folhetos, uma repercussão maior do que aquela embutida na própria necessidade de se advogar em favor do Padre Cícero, contra os *perseguidores* e

maledicentes. O diálogo constante com o contexto, e mesmo com notícias de jornal, entretanto, fez com que um ou outro texto acabasse apresentando soluções narrativas pouco convincentes, caso do folheto *Conselhos do Padre Cícero a Lampeão*, ou mesmo ácidas críticas à atuação do padrinho, caso d' *O Princípio das Cousas*, de Leandro Gomes de Barros.

A análise comparativa dos folhetos desse poeta, ao mesmo tempo em que denuncia uma postura essencialmente ambígua em relação ao Padre Cícero, revela uma habilidade ímpar em trabalhar os elementos do imaginário religioso popular. Tanto na crítica como no elogio, Leandro Gomes de Barros lança mão de argumentos e de estratégias narrativas que fazem referência direta a passagens do texto bíblico e a preceitos básicos da religiosidade sertaneja, como a observância e o respeito às leis de parentesco. Nesse sentido, ele acompanha uma tendência comum entre os poetas, adotada já nos primórdios da constituição do cancionário, que consiste em estabelecer analogias e empréstimos simbólicos à tradição bíblica. O resultado desse processo é que, além de santo e patriarca, Cícero vê-se transformado na encarnação mesma de Cristo. Os padrões canônicos dos milagres, exemplos e profecias, além das narrativas biográficas que atribuem uma origem e uma trajetória divinas ao padrinho, não fazem mais do que mimetizar elementos do imaginário que faz de Juazeiro do Norte uma Nova Jerusalém e, do Padre Cícero, um santo padrinho, senão o próprio messias salvador.

O estabelecimento de uma homologia entre a produção ficcional dos folhetos e o imaginário religioso popular torna-se, assim, inevitável, sobretudo se levado em conta o caráter semi-oral da primeira, que lhe confere um papel funcional. É através da repetição discursiva e da *re-atualização* simbólica que a poesia oral cumpre a *função* de conservar os valores que são caros à comunidade. A memória e a identidade coletivas, dessa maneira, acabam atrelados à necessária *reiteração* e *re-afirmação* narrativa da santidade do padrinho. Ao fim e ao cabo de alguns anos, observa-se a constituição de um padrão canonizante de representação, como resposta à necessidade de *re-produzir* ficcionalmente os termos da canonização religiosa operada pelos afilhados de Padrinho Cícero. Trata-se, evidentemente, de um processo dinâmico, contido na própria idéia de *re-produção*. Ao invés de simplesmente repetir elementos de uma suposta tradição atemporal e monolítica,

herdada de antepassados longínquos, os poetas estão em constante jogo dialógico com o contexto e com os discursos do outro, produzindo discursos outros, que tendem a ser incorporados ao cânone de representação, de acordo com seu grau de funcionalidade.

Bibliografia

Folhetos

ALMEIDA, F. *A Voz do romeiro*, Acopiara, s/d.

ALMEIDA FILHO, M. *Padre Cícero - O santo do Juazeiro*, São Paulo, Ed. Luzero, 1979.

ALVES, F. A. *Pequena história do Caldeirão*, Juazeiro do Norte, 1988.

AMÂNCIO, G. *Juazeiro do Padre Cícero e um bispado - É isso que o povo quer*, s/l, s/d.

AMARO, J. *Milagres de Nossa Senhora na Matriz de Juazeiro*, Juazeiro do Norte, 1974.

AMORIM, M. F. *Mistério do rosário e o poder da oração*, Juazeiro do Norte, s/d.

ANDRADE, J. J. *A Morte de Frei Damião e o sentimento do povo*, s/l, s/d

ARMANDO, P. *O Frei Bernardo falando em nome do Padre Cícero*, Maceió, s/d.

ASSIS, F. *História do Pe. Cícero*, s/l, s/d.

ASSIS, M. T. *Os Romores da terceira guerra mundial*, s/l, s/d.

ATHAYDE, J.M. *Entrada de Lampeão acompanhado de 50 Cangaceiros na cidade do Padre Cícero*, Recife, 12/03/1926.

_____ *A Entrada do Padre Cícero no céu visto por uma donzela de 13 anos*, Recife, 03/02/42.

_____ *O Fim do mundo*, Juazeiro do Norte, Tip. São Francisco, s/d.

_____ *A Lamentável morte do padre Cícero Romão Batista - O patriarca do Joazeiro*. Recife, 10/ 08/96.

BAIÃO, V. *Os Sofrimentos de um pai de família e os milagres do Padre Cícero*, s/l, s/d.

BANDEIRA, P. *Carta aberta ao Papa*, Juazeiro do Norte, s/d.

_____ *Os Cento e cinquenta Anos do Padre Cícero Romão*, s/l, s/d.

_____ *Cinquenta anos da morte do Padre Cícero Romão (e a luta pela sua canonização)*, Juazeiro do Norte, 07/84.

- _____ *Encontro de Tancredo com Pe. Cícero no céu*, Juazeiro do Norte, 05/85.
- _____ *O filme do Pe. Cícero*, s/l, s/d.
- _____ *História do Padre Cícero - do berço à atualidade*, Juazeiro do Norte, 1984.
- _____ *A Hóstia que virou sangue na comunhão da beata*, Juazeiro do Norte, 04/83.
- _____ *O Misterioso marco do Pe. Cícero Romão*, Juazeiro do Norte, 06/08/1984.
- _____ *Resposta ao padre que é contra o Padre Cícero Romão (chumbo grosso)*, Juazeiro do Norte, 04/1983.
- _____ *Vida de um sertanejo que morre pelo Sertão e a promessa do povo com o Pe. Cícero Romão*, Ouricuri, 08/81.
- BANDEIRA, P. & CALDAS, J. B. *O Cego de Várzea Alegre que o Padre Cícero curou*, s/l, s/d.
- BANDEIRA, P. & SOBREIRA, A. *Os Sinais da Besta Fera*, Juazeiro do Norte, 01/77.
- BARBOSA, J. *Juazeiro e o santo do povo*, Fortaleza, 27/12/86.
- BARBOSA, J. P. *Pe. Cícero e Juazeiro - ontem e hoje*. Juazeiro do Norte, s/d.
- BARROS, H. R. *A Gloriosa vida do Padre Cícero*, Recife, 1977.
- BARROS, J. *Profecias do Padre Cícero até dois mil*, Tip. Pontes, Guarabira, 6ª ed, s/d.
- _____ *O Rapaz que virou cachorro porque zombou do Padre Cícero Romão*, s/l, s/d.
- BARROS, J. F. *A Despedida de meu padrinho Cícero*, Juazeiro do Norte, 05/03/80.
- BARROS, L. G. *Festas do Juazeiro no vencimento da guerra*, Recife, edição do autor, s/d.
- _____ *O Joazeiro do Padre Cícero*, Recife, edição do autor, s/d.
- _____ *Lamentações do Joazeiro*, Recife, edição do autor, s/d.
- _____ *O Princípio das Cousas*, Recife, edição do autor, s/d.
- _____ *O Retirante - sua mulher e seus filhos*, Recife, edição de João Martins de Athayde, s/d.
- _____ *A Vida e os sermões do Padre Cícero*, Recife, Tip. Atahyde, 1925.
- BATISTA, A. *O ano do cesquicentenário*, Juazeiro do Norte, 10/02/1994.
- _____ *O Beato da cruz*, Juazeiro do Norte, 25/08/73.
- _____ *O Canhão que atirou contra - História da guerra de 1914*, Juazeiro do Norte, 07/91
- _____ *Canonização do Padre Cícero pela Igreja Brasileira*. Juazeiro do Norte, 1973.

_____ *O Cego de Várzea Alegre e o milagre do Padre Cícero*, Juazeiro do Norte, s/d, 3ª ed.

_____ *Convite para os festejos do sesquicentenário do nascimento do Padre Cícero Romão Batista*, Juazeiro do Norte, 24/10/1993.

_____ *A Desconversação na pretensiosa mudança do nome Juazeiro do Norte para Juazeiro do Pe. Cícero*, Juazeiro do Norte, 05/04/84.

_____ *Descrição dos Festejos do Sesquicentenário de Nascimento do Padre Cícero - 1844-1994*, Juazeiro do Norte, 24/03/94.

_____ *No Dia em que Padre Cícero morreu*, Juazeiro do Norte, 15/05/92.

_____ *Os 2 Jovens que andaram 122 léguas pelo poder do Pe. Cícero*, Juazeiro do Norte, s/d.

_____ *Encontro filosófico dos santos com Padre Cícero e satanaz no seu sesquicentenário*, Juazeiro do Norte, 24/03/94.

_____ *O Exemplo da lambada na Matriz de Juazeiro do Norte*, Juazeiro do Norte, 11/90.

_____ *Expedito da Peixada e a promessa de 87 légua a pés*, Juazeiro do Norte, 23/06/71.

_____ *História da Matriz de Juazeiro e o seu centenário*, Juazeiro do Norte, 09/75.

_____ *História verídica e o milagre do Padre Cícero no Ano de 1947*, Juazeiro do Norte, 3ª ed., 1988.

_____ *O Nascimento do Padre Cícero*, Juazeiro do Norte, 16/03/81.

_____ *Padre Cícero e a cura de um louco - 1926*, Juazeiro do Norte, 11/90.

_____ *Proibição do Bispo do Crato contra Frei Damião e o porquê*, Juazeiro do Norte, 05/08/83.

_____ *As Profecias do Padre Cícero*, Juazeiro do Norte, 5ª ed, s/d.

_____ *As Profecias sobre o Papa e o fim do mundo*, Juazeiro do Norte, 30/06/80.

_____ *A Promessa que o Padre Cícero fez - Construção e inauguração do Santuário do Coração de Jesus*, Juazeiro do Norte, 07/05/78.

_____ *O Protesto do Padre Cícero em cartório, pela violação do túmulo da Beata Maria de Araújo*, Juazeiro do Norte, 30/09/1992.

_____ *Os 4 sonhos reveladores do Padre Cícero*, Juazeiro do Norte, jun/1990.

_____ *A Questão do camponês com o coronel Humberto e a Promessa ao Pe. Cícero*, Juazeiro do Norte, 08/78.

_____ *Receita do Padre Cícero contra o cólera*, Juazeiro do Norte, 15/05/92.

_____ *Respeitem o Padre Cícero e o povo de Juazeiro do Norte*, Juazeiro do Norte, 21/08/1986.

_____ *O Sermão da caatinga do Padre Cícero Romão*, Juazeiro do Norte, 05/06/1995.

_____ *O Sonho de uma romeira com Padre Cícero sobre as falsas religiões e a maganagem do mundo*, Juazeiro do Norte, 30/08/91.

_____ *A Via sacra do Horto*, Juazeiro do Norte, 08/04/77.

_____ *A Visão milagrosa do homem que ouviu Padre Cícero nas frentes de trabalho*, Juazeiro do Norte, 3ª ed., s/d.

_____ *Visita a Juazeiro do Norte do presidente que tem “aquilo” roxo*, Juazeiro do Norte, 04/1991.

BATISTA, A. *A Guerra do Juazeiro em 1914*, Juazeiro, s/ed, s/d. In: *Literatura popular em versos - Antologia - tomo I*, Rio de Janeiro, MEC, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1964.

BATISTA, F. C. *Conselhos do Padre Cícero a Lampeão*, Paraíba, s/d.

BATISTA, H. *O Fenômeno Pe. Cícero*, Juazeiro do Norte, s/d.

BATISTA, P. N. *Meu ABC de Cordel a Juazeiro do Norte*. Juazeiro do Norte, s/d.

BORGES, J. F. *Lembrança do Padre Cícero na chegada em Juazeiro*, s/l, s/d.

_____ *Palavras do Padre Cícero ou a visita do Horto*, s/l, s/d.

BRITO, W. *O Padre Cícero e a ecologia*, Brasília, 1994.

CAETANO, A. *Concelhos e trabalhos do Padre Cícero Romão*, Juazeiro do Norte, 30/08/1944.

CAETANO & PACHECO, A *Emancipação do frondoso Cariri*, s/l, s/d.

CAFÉ, C. *Profecia misteriosa Padrinho Cícero Romão Batista*, Juazeiro do Norte, s/d.

CALDAS, J. B. *O Milagre do Juazeiro*, Juazeiro do Norte, 19/06/83.

_____ *O Sesquicentenário do nascimento do Padre Cícero Romão - 1994 - 1844*, Juazeiro do Norte, Lira Nordestina, 1ª ed., 1994

CAMPOS, J. S. *A Luta do Padre Cícero contra o diabo*, s/l, , s/d.

CARLOS C. FILHO, J. *A Volta do Padre Cícero e o aviso da bomba atômica*, s/l, s/d.

CAVALCANTE, R. C. *Padre Cícero - O santo do Juazeiro*, Salvador, 08/76.

_____ *O Protestante que foi expulso do céu*, Salvador, s/d.

CIPRIANO, A. *Conselhos do Padre Cícero para o plantador de algodão*, s/l, s/d.

CRISPIM. *Aviso sobre os horrores do comunismo*, s/l, s/d.

CORDEIRO, A. *Estória de um crente que foi castigado por Frei Damião*, Juazeiro do Norte, 27/11/78.

CORDEIRO, J. *O Tiroteio do Quintino com José Pinheiro - No dia 18 de novembro de 1914, em Joazeiro, 24 horas de fogo*, Maceió, 1915.

_____ *Visita de Lampião a Juazeiro*, Juazeiro do Norte, Tip. São Francisco, 12/02/77.

CORREIA, J. E. *Cruzeiro - Cruzado*, s/l, s/d.

COSTA, F P. *A Carta misteriosa de Frei Vidal da Penha sobre o fim dos tempos*, Juazeiro do Norte, Tip. São Francisco, s/d.

COSTA, M. Z. *Os Sermões do Padre Cícero*, Juazeiro do Norte, s/d.

CRISTO REI, J. *A Despedida dos Romeiros*, s/l, s/d.

_____ *História da guerra de Juazeiro (em 1914)*, Juazeiro do Norte, s/d

_____ *História dos 3 sonhos de um Padre sobre o céu, o purgatório e o inferno*, Juazeiro do Norte, s/d.

_____ *O Homem que falou com Satanaz em Juazeiro*, Juazeiro do Norte, s/d.

_____ *O Mais novo sermão do Pe. Cícero Romão em Roma*, Juazeiro do Norte, s/d.

_____ *Um Mensageiro do Céu anunciando o Fim do Mundo*, Juazeiro do Norte, s/d.

_____ *Os Milagres de Padrinho Cícero*, s/l, s/d.

_____ *Os Milagres do Padrinho Cícero perante o Papa de Roma*, s/l, s/d.

_____ *O Nascimento misterioso de Padrinho Cícero*, s/l, s/d.

_____ *Nascimento de Padrinho Cícero e a troca misteriosa das crianças*, Juazeiro do Norte, 02/11/73.

_____ *A Profecia misteriosa sobre os trez dias de escuro*, s/l, s/d. In: *Antologia da literatura de Cordel - volume I*, Fortaleza: Secretaria da Cultura, Desporto e Promoção Social, 1978.

_____*Profecia de Padrinho Cícero sobre os 3 estrondos, o desencanto do Horto e do Rio Jordão*, s/l, s/d. In: *Antologia da literatura de Cordel - volume 1*, Fortaleza: Secretaria da Cultura, Desporto e Promoção Social, 1978.

_____*Profecia, vida e morte de Padrinho Cícero Romão*, Juazeiro do Norte, s/d.

_____*O que diz meu Padrinho sobre a santa romaria*, s/l, s/d.

_____*O Sermão misterioso de Padrinho Cícero Romão*, s/l, s/d. In: *Antologia da literatura de Cordel - volume 1*, Fortaleza: Secretaria da Cultura, Desporto e Promoção Social, 1978.

_____*A Voz de Frei Damião convertendo os Pecadores*, Juazeiro do Norte, s/d.

CRISTÓVÃO, J. S. *Dedicado ao Padre Cícero Romão Batista*, Juazeiro do Norte, s/l, s/d.

CRUZ, F. M. S. *A Prova dos milagres do Pe. Cícero Romão Batista*, s/l, s/d.

DANTAS, R. *A Chegada do Padre Cícero no céu*, Juazeiro do Norte, 19/06/81.

DILA, J. C. F. *O Sonho de um romeiro com o Padre Cícero Romão*, Caruaru, ed. José Ferreira da Silva, s/d.

Discussão entre João Marcolino e um inimigo do padre, s/a, s/l, s/d.

DUARTE, C. C. ° *Encontro de Frei Damião com o Padre Cícero no Céu*, Juazeiro do Norte, s/d.

DUDA, J. *Nascimento do reverendo Padre Cícero Romão Batista e o Milagre - Quando levantou um morto que havia sido mordido de cobra na Serra de São Pedro*, s/l, s/d.

ELIAS, Romano. *A Convivência do Joazeiro e a formalidade do Padre Cícero*, Tip. Liv. Pedro Batista, Guarabira, 1923.

EMILIANO, J. V. *Aviso urgente do Padre Cícero a Frei Damião*, Olinda, Casa das Crianças, s/d.

EVANGELISTA, L. *Aviso do fim do mundo - Profecia do Padre Cícero*, s/l, s/d.

_____*A visita de Luiz Gonzaga ao Padre Cícero Romão*, s/l, s/d.

FERNANDES, A. P. *Estória do bandido que queria passar por Romeiro*, Juazeiro do Norte, s/d.

FERREIRA, D. L. *Juazeiro do Norte - Terra do Padre Cícero*, s/l, s/d.

FOLHETEIRO, O. *As Profecias finais de quarenta para 2 Mil*, Patos, 28/10/92.

FREITAS, J. B. *Homenagem a Pe. Cícero, a Nossa Senhora das Dores e aos romeiros de Juazeiro*, s/l, s/d.

GOMES, M. *O Dia em que Padim Ciço voltou...*, s/l, s/d.

HELENA, R. S. *Duelo do Padim Ciço com o Papa*, Rio de Janeiro, jun/1980.

LANDIM, J. *A Vida, os milagres e a canonização de meu Padre Cícero*, s/l, s/d.

LEITE, J. C. *A Carta misteriosa do Padre Cícero Romão - Os Sinais do fim do mundo*. Condado, s/d.

_____ *O Fim do mundo está próximo*, Condado, s/d.

_____ *Os Milagres divinais do Padre Cícero Romão*, Guarabira, s/d.

_____ *O Mundo pegando fogo*, Condado, s/d.

_____ *Nascimento, vida e morte do Padre Cícero Romão*, Guarabira, s/d.

_____ *A Santificação, a oração e a profecia do Padre Cícero Romão*, s/l, s/d.

_____ *Os Sinais do fim do mundo e as 3 pedras de carvão*, s/l, s/d.

LEITE, J. C. & MARIA, E. J. *A Voz do Padre Cícero*, Condado, s/d.

LIMA, J. F. *Sermão profético do Padre Cícero Romão*, Juazeiro do Norte, s/d.

LIMA, J. T. *Aviso do fim dos tempos pelo Padre Cícero Romão*, s/l, s/d.

LIMA, L. G. *ABC do Padre Cícero*, edição de José Alves (Zé Folheteiro), s/l, 01/87.

LÔBO MANSO *Poesias contra os profetas e experiências da chuva e outras poesias*, s/l, s/d.

MADEIRO, A. *A Vida do Padre Cícero Romão Batista do Juazeiro*, Maceió, s/d.

MARIA, E. J. *A Voz do Padre Cícero*, s/l, s/d.

MATHIAS, E. M. *Juazeiro!...Juazeiro!...! A terra do "Padim Ciço"- Homenagem ao aniversário do município 79 Anos - Em 22 de julho de 1990*, Juazeiro do Norte, s/d.

MAXADO NORDESTINO, F. *Estamos no fim do mundo pelas profecias da Bíblia a Frei Damião (englobando São João, Jesus Cristo, São Malaquias, Nostradamus, Antonio Conselheiro e Padre Cícero Romão)*, São Paulo, s/d.

_____ *O que falam hoje do Padre Cícero Romão*, São Paulo, Jun/84.

Manifestação ao Padre Cícero na Matriz do Joazeiro, s/a, s/ed, s/d.

MEDEIROS, A. A. *História da Guerra de Juazeiro do Padre Cícero Romão Batista em 1914*, s/l, s/d.

MELO, J. C. *A Afilhada do Padre Cícero*, s/l, s/d.

MENEZES, M. M. *Aviso do Pe. Cícero Romão Batista e da missão abreviada sobre o Juízo Final*, s/l, s/d.

_____ *As Profecias do Padre Cícero Romão Batista e do Profeta Malaquias sobre o fim do mundo*, s/l, s/d.

A Moça de Cajazeiras, s/l, s/d.

MORAIS, J. B. L. *Homenagem ao sesquicentenário do Padre Cícero Romão*, s/l, s/d.

MOURA, R. B. *Nascimento, vida e morte do Padre Cícero Romão Batista e suas profecias em 1934*, s/l, s/d.

_____ *A Vida e a morte do Padre Cícero Romão Batista*, Natal, UFRN/ Projeto Memória, 1980.

MUTUCA, Z. *Respeitem o Padre Cícero*, s/l, 1969.

NORDESTE, C. *Aviso do Padre Cícero Romão Batista, avisando a humanidade*, s/l, 1930.
Ofício de meu Padrinho Cícero - Lembrança do sesquicentenário do Pe. Cícero Romão - 1844 - 1994, s/l, s/d.

OLIVEIRA, J. F. *O Sonho de Frei Damião e a carta profetizada o futuro*, Juazeiro do Norte, s/d.

OLIVEIRA, J. M. *Os Conselhos de meu Padrinho Cícero Romão Batista*, s/l, 1975.

_____ *Trabalhos do Padre Cícero - Visita dos romeiros - Protecção da Mãe de Deus*. In: Motta, L. *Cantadores (poesia e linguagem do sertão cearense)*, Rio de Janeiro, Livraria Castilho, 1921.

OLIVEIRA, M. P. *O Padre e a Virgem desejam salvar o mundo*, s/l, s/d.

_____ *Historia sobre a vítima de meu Padrinho Cícero Romão Batista - desde o começo até a data que suspirou*, Crato, s/d.

PACHECO, J. *Sermão profético revelado sexta-feira da paixão à Beata Francelina, pelo Rvdmo. Pe. Cícero R. Batista*, Juazeiro do Norte, 16/02/43.

O Padre Cícero Romão Batista, s/a, s/l, s/d.

Padre Cícero - O santo do Juazeiro, s/a, s/l, s/d.

O Padre do Juazeiro, s/ autor, s/ed, s/d.

PATATIVA DO ASSARÉ. *Saudação ao Juazeiro do Norte*, Juazeiro do Norte, s/d.

PEDRO C. NETO, J. *Estrondosa guerrilha - Professia de meu Padrim Cícero Romão*, Juazeiro do Norte, 08/90.

_____ *O Profeta apóstolo Pe. Cícero Romão Batista*, s/l, s/d.

_____ *A Visita que fez Satanaz a Juazeiro e seu triste desespero*, Juazeiro do Norte, s/d.

PEREIRA, J. A. *Juazeiro está chamando todos os romeiros no dia 2 de novembro*, s/l, s/d.

Poema Bispo do Crato proíbe missões de Frei Damião, s/a, s/l, s/d.

PONTUAL, J. P. *O Crente que profanou do Padre Cícero*, Ribeirão, 1975.

Profecia do Padre Cícero sobre os mistérios do Juazeiro, s/a, Juazeiro do Norte, s/d.

Profecia, vida e morte de Padrinho Cícero Romão, s/l, s/d.

P.XOTO, Z. *A História da peda branca e a astuta do Padim Ciço*, s/l, 08/93.

Recordação e homenagem ao Revdº Pº Cícero Romão, s/a, Juazeiro do Norte, 05/09/38.

RODRIGUES, A. *Padre Cícero pelos caminhos da verdade*, Juazeiro do Norte, jul/1995

RODRIGUES, J. A. *Fiéis do Padre Cícero - afastem o comunismo do Juazeiro*, s/l, s/d.

RODRIGUES, E. *Grande milagre do Padre Cícero - O Garoto que caiu do 6º Andar e não morreu*, Juazeiro do Norte, 10/01/76.

_____ *Discussão de um transviado com um romeiro*, s/l, s/d.

ROMÃO, A. B. *As Enchentes no Pernambuco (Os Avisos antepassados do Padre Cícero Romão)*, s/l, s/d.

_____ *A Viagem longa de Roma do Padre Cícero Romão*, Juazeiro do Norte, s/d.

_____ *A Igreja brasileira canonizou em Brasília o Pe. Cícero Romão*, Juazeiro do Norte, s/d.

SALDANHA, J. & MENESES, J. S. *O Sonho da profecia ou A Voz do Padre Cícero*, Guarabira, Tip. Pontes, s/d.

SALDANHA, P. *Padre Cícero do Juá*, Juazeiro do Norte, 02/ 07/84.

SANTOS, A. A. *A Cidade Juazeiro do Padre Cícero Romão*, s/l, 09/90.

_____ *Encontro de Luiz Gonzaga com o Padre Cícero do céu*, Campina Grande, s/d.

_____ *Homenagem ao Padre Cícero Romão Batista, 50 anos do seu falecimento*, 20/07/1934, s/l, s/d

_____ *Profecias do Padre Cícero Romão até o ano dois mil*, s/l, s/d,

_____ *Romaria e milagre do Padre Cícero Romão*, Rio de Janeiro, 01/89.

- _____ *Os Sinais do fim do mundo que o Padre Cícero dizia*, Campina Grande, s/d.
- _____ *Viagem por um milagre do Padre Cícero Romão*, Guarabira, s/d.
- SANTOS, A. A. *O Último sermão do Padre Cícero Romão*, s/l, 14/02/74.
- SANTOS, A. D. *A Descrição de Juazeiro do Norte*, s/l, s/d.
- _____ *O Levantamento da estátua do Padre Cícero no Horto e os festejos e benfeitorias da Matriz de Juazeiro*. s/l, s/d.
- _____ *Nascimento, vida e morte do Pe. Cícero Romão Batista*, Juazeiro do Norte, Tip. São Francisco, s/d.
- _____ *A Queda do pau do Horto*, s/l, s/d.
- SANTOS, J. E. *O Padre Cícero Romão Batista*, s/l, s/d.
- SANTOS, J. F. *O Último sermão do Padre Cícero em 1934*, s/l, s/d.
- SANTOS, L. F. *A Guerra do Juazeiro*, Juazeiro do Norte, s/d.
- SANTOS, L. R. *O Sonho do Padre Cícero na hora da sua morte*, s/l, s/d.
- SANTOS, T. *Meu Padim, 150 anos ao lado do romeiro*, s/d, s/l.
- Os Sermões do Padre Galli*, s/a, editor-proprietário José Bernardo da Silva, Tip. São Francisco, Juazeiro do Norte, 07/03/56.
- Sermão profético do Padre Cícero Romão Batista*, s/a, Juazeiro do Norte, Tip. São Francisco, s/d.
- SILVA, C. H. *Profecia e segundo aviso de Frei Damião*, Juazeiro do Norte, s/d.
- SILVA, E. F. *A Verdade sem mística sobre o Pe. Cícero Romão Batista*, Juazeiro do Norte, s/d.
- SILVA, E. F. *A Volta do Padre Cícero Romão Batista*, s/l, s/d.
- SILVA, E. S. *Centenário da ordenação do Padre Cícero Romão Batista*, s/l, s/d.
- _____ *O Cinquentenário da morte do Padre Cícero - 20-07-34 a 20-07-84*, Juazeiro do Norte, 1984.
- _____ *Em Defesa do Pe. Cícero - "O Apóstolo do Nordeste"*, Juazeiro do Norte, 17/04/83.
- _____ *Uma Graça alcançada pelo homem da cruz*, Juazeiro do Norte, Tip. São Francisco, s/d.
- _____ *A Importância do Cordel atualmente*, s/l, 20/04/81.

- _____. *Os Milagres do Padre Cícero*, Juazeiro do Norte, Lira Nordestina, 28/06/86.
- _____. *Os Milagres e os sermões do Frei Damião*, Juazeiro do Norte, Tip. São Francisco, s/d.
- _____. *A Opinião dos romeiros sobre a canonização do Pe. Cícero pela Igreja Brasileira*, Juazeiro do Norte, s/d.
- _____. *O Padre Cícero, O sertanejo e os coronéis*, Juazeiro do Norte, s/d.
- _____. *O Progresso e a elevação histórica de Juazeiro do Norte*, Juazeiro do Norte, s/d.
- _____. *O Sesquicentenário do Padre Cícero Romão*, Juazeiro do Norte, 12/93.
- SILVA, E. S. & ZÊNIO, F. *O Cinquentenário da morte do Padre Cícero*, s/l, s/d.
- SILVA, G. F. *O Evangelho primeiro do Padre Cícero Romão*, s/l, s/d.
- SILVA, H. P. *Historia profetizada pelo Revdmo Padre Carlos Galli*, Juazeiro do Norte, s/d.
- _____. *A Chegada do Padre Cícero Romão em Juazeiro*, s/l, s/d.
- SILVA, J. B. *O Centenário do Revdº Padre Cícero Romão Batista do Juazeiro*, s/l, s/d.
- _____. *O Cruzeiro do Horto - Levantado pelo Revdmo Pe. Cícero e sua congregação entre 1900 e 1901*, Juazeiro do Norte, Tipografia São Francisco, 07/08/1942.
- _____. *Discursão de um Romeiro com um protestante*, Juazeiro do Norte, 02/03/49.
- _____. *O Nascimento do reverendo Padre Cícero Romão Batista*, Juazeiro do Norte, 20/08/56.
- _____. *A Pranteada morte do Pe. Cícero Romão Batista*, Juazeiro do Norte, s/d.
- _____. *A Sombra do Padre Cícero nas folhas de uma palmeira*, s/l, s/d.
- _____. *Visita dos romeiros a Juazeiro*, s/a, Juazeiro do Norte, s/d.
- SILVA, J. C. *O que o Padre Cícero dizia*, s/l, s/d.
- SILVA, J. F. *Pensamento e devoção*, Juazeiro do Norte, 1979.
- SILVA, J. J. *A Mendiga da estrada e os milagres do Padre Cícero*, s/d, s/l.
- _____. *Palavras do Padre Cícero sobre a guerra nucleal*, s/l, 16/11/61.
- SILVA, J. V. *Exemplo da moça que virou cobra porque falou do Padre Cícero*, Teresina, 06/01/66.
- SILVA, M.C. *Almanaque O Juízo do ano - 1981*, Juazeiro do Norte, 1981.
- _____. *Almanaque O Juízo do ano - 1996*, Juazeiro do Norte, 1996.

_____ *O Homem que mandou comprar chuva ao Pe. Cícero do Juazeiro*, Juazeiro do Norte, 20/06/91.

_____ *Inauguração, sermão e centenário da Matriz de Juazeiro*, Juazeiro do Norte, s/d.

_____ *O Padre Cícero em Roma*, s/l, s/d.

_____ *A Sêca de 70 - flagelos - tremores - guerra*, Juazeiro do Norte, s/d.

_____ *Sermão de Meu Padrinho - O fim dos tempos e o dia do Juízo*, Juazeiro do Norte, s/d.

_____ *O Sermão de meu padrinho sobre o fim do mundo*, s/l, s/d.

_____ *O Sermão do Padre Cícero no ano de trinta e dois*, Juazeiro do Norte, s/d.

_____ *O Sonho de Frei Damião com meu Padrinho Cícero do Juazeiro do Norte e os tremores de terra*, Juazeiro do Norte, s/d.

_____ *A Visita dos romeiros como era antigamente*, Juazeiro do Norte, s/d.

SILVA, M. F. *Os Conselhos do Padre Cícero e N. Sra. das Dores*, s/l, 26/10/70.

_____ *A Guerra do Juazeiro e o poder do Padre Cícero*, Itabuna, 17/11/70.

SILVA, S. B. *O Juazeiro e o Padre Cícero Romão*, Timbaúba, s/d.

SILVA, S. J. *A Casa grande do Horto e os sinais do fim do mundo*, s/l, s/d.

_____ *Milagre do Padre Cícero e Maria de Araújo*, Juazeiro do Norte, 25/12/91.

_____ *O Rebolço no horto e os pobres sem paradeiro*, s/l, s/d.

SOBREIRA, J. *Oração do fim do mundo*, s/l, s/d.

Um Sonho do Padre Cícero Romão Batista, s/a, s/l, s/d.

SOUZA, A. C. *A Doutrina eterna "do Padre Cícero e Frei Damião" a bem da alma do pecador*, s/l, s/d.

SOUZA, F. *Padre Cícero: semente de vida*, s/l, s/d.

SOUZA, F. P. *As Santas palavras do Padre Cícero Romão Batista e o bilhete encontrado pela santa beata Mocinha sobre a corrupção do mundo*, Piripiri, s/d.

SOUZA, J. F. *A Romaria de Cícero Cary a Juazeiro do Padre Cícero - 1990*, Sobradinho, 19/12/89.

SOUZA, P. B. *Carta ao Santo Papa sobre a canonização do Padre Cícero*, Juazeiro do Norte, s/d.

_____ *Um Verdadeiro milagre que operou meu Padrinho Cícero*, s/l, s/d.

SOUZA SOBRINHO, J. *Irineu mandou comprar chuva ao Padre Cícero no século XIX*, s/l, s/d.

TENÓRIO, M. R. *A Morte de meu Padrinho Cícero*, edição de Manoel Caboclo e Silva, 01/08/34.

_____ *Detesto da verdade*, Juazeiro, s/ed. s/d.

Um Sonho do Padre Cícero Romão Batista, Juazeiro do Norte, 19/08/82.

O Último sermão de meu Padrinho Cícero quando foi se operar dos olhos e bendito da visita dos romeiros, Juazeiro do Norte, 1994.

A Vinda da Besta Fera pra Juazeiro do Norte, s/a, s/l, s/d.

A Voz dos romeiros, s/a, Juazeiro do Norte, Tip. São Francisco, 21/04/56.

Bibliografia secundária

ABREU, M. A. *Cordel Português / Folhetos do Nordeste: confrontos - um estudo histórico-comparativo*, Tese de doutoramento, IEL-UNICAMP, Campinas, 1993.

_____. *História de Cordéis e Folhetos*, Campinas, Associação de Leitura do Brasil / Mercado das Letras, 1999

_____. “Pobres Leitores”, in: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/literaturapopular/index.html>.

ALMEIDA, A. A. F. de. *Dicionário Bio-bibliográfico de Repentistas e Poetas de Bancada*, João Pessoa, Ed. Universitária, 1978, 2 vol.

ALMEIDA, M. W. B. *Folhetos (A Literatura de Cordel no Nordeste Brasileiro)*, Dissertação de Mestrado, FFLCH - USP, 1979.

ÂNGELO, A. *A Presença dos Cordelistas e Cantadores Repentistas em São Paulo*, São Paulo, Ibrasa, 1996.

BARROS, L. O. C. “Do Ceará, Três Santos do Nordeste”, In: *Antropologia*, São Paulo, Pontifícia Universidade Católica, 1980.

_____. *A Terra da Mãe de Deus*, Rio de Janeiro: Francisco Alves; Brasília: INL, 1988.

BATISTA, S. N. “Restituição da Autoria de Folhetos do Catálogo, Tomo I, da Literatura Popular em Verso”, in: *Literatura Popular em Verso, Estudos*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura / Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973, tomo I.

BENJAMIN, R. *Literatura de Cordel: Produção e Edição*, Recife, UFPE, 1979.

_____. *Tendências Atuais da Literatura de Cordel no Nordeste*, mimeo.

BERND, Z. & MIGOZZI, J. (org.) *Fronteiras do Literário - Literatura Oral e Popular - Brasil, França*, UFRGS, 1996.

BIDERMAN, S. *A Cadeia Messiânica - Os Elos da Literatura Messiânica Judeo-cristã e Luso-brasileira*. Dissertação de Doutorado, USP, 1970.

BOURDIEU, P. *As Regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário*, São Paulo, Cia. das Letras, 1996.

- BRANDÃO, C. R. *Os Deuses do Povo*, São Paulo, Brasiliense, 1980.
- _____. *Sacerdotes da Viola*, Petrópolis, Vozes, 1981.
- CAMPINA, M. C.L. *Voz do Padre Cícero e outras Memórias*, São Paulo, Ed. Paulinas, 1985.
- CAMPOS, R. C. *A Ideologia dos Poetas Populares do Nordeste*. Recife, Centro Regional de Pesquisas Educacionais, INEP, 1959.
- CAMURÇA, M. *Marretas, Molambudos e Rabelistas. A revolta de 1914 no Juazeiro*. São Paulo, Maltese, 1994.
- CANTEL, R. *La Littérature Populaire Brésilienne*, CRLA, Poitiers, 1993.
- CARVALHO, F. G. C. *Madeira Matriz - Cultura e Memória*, Tese de Doutorado, São Paulo, PUC, 1998.
- CASCUDO, L. C. *Os Melhores Contos Populares de Portugal*, Rio de Janeiro, Dois Mundos.
- _____. *Cinco Livros do Povo - Introdução ao estudo da novelística no Brasil*, Rio de Janeiro, José Olímpio, 1953.
- CASIMIRO, A. R. S. "Contribuição ao Inventário do Cordel Juazeirense I - Abraão Batista". In: Boletim do Instituto Cultural do Vale Caririense, Juazeiro do Norte, 1978, nº5.
- CERTEAU, M. "A Beleza do Morto". In: *A Cultura no Plural*, Campinas, Papirus, 1995.
- CHANDLER, B.J. *Lampião - O Rei dos Cangaceiros*, Trad. Sarita Linhares Barsted, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.
- CHARTIER, R. (org.) *Práticas da Leitura*, São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- COIMBRA, D. M. *Juazeiro do Norte - Capital da Fé e do Trabalho (Retrato Escrito da Terra Ciceropolitana)*, Lions Club, 5ª edição, 1998.
- COLOMBINI, L. "Uma História de Miséria, Suor, Poeira e Fé", in: *Os Caminhos da Terra*, Editora Azul, ano 6, nº 11.
- COMBLIN, J. "Para uma Tipologia do Catolicismo no Brasil", in: *Revista Eclesiástica Brasileira*, vol. 28, fasc. I, março de 1968.
- _____. *Padre Ibiapina*, São Paulo, Edições Paulinas, Col. Homens e Mulheres do Nordeste - Série Os Religiosos nº 3, 1993.

- CÔRTEZ RIEDEL, D (org.) *Narrativa : Ficção e História - Colóquio UERJ*, Rio de Janeiro, Imago, 1988.
- COSTA LIMA, L. *O Controle do Imaginário - Razão e Imaginário no Ocidente*, São Paulo, Brasiliense, 1984.
- DANTAS, R. *As Beatas do Cariri e de Juazeiro*, Juazeiro do Norte, Instituto Cultural do Vale Caririense, Coleção Juazeiro, nº 6, 1982.
- _____. "Lendas e Mitos de Juazeiro e do Cariri". In: Boletim do Instituto Cultural do Vale Caririense, Juazeiro do Norte, nº 3, 1976.
- _____. "Literatura de Cordel - 'Os Folhetos do Pe. Cícero'". In: Boletim do Instituto Cultural do Vale Caririense, Juazeiro do Norte, 1978, nº 5
- _____. *Maria Tubiba*, Juazeiro do Norte: Edições IPESC/ URCA, 1992.
- DELLA CAVA, R. *Milagre em Joazeiro*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985, 2ª ed.
- DETIENNE, M. *Os Mestres da Verdade na Grécia Arcaica*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988.
- DIAS, B. *Autos, Romances e Trovas*, Biblioteca de Autores Portugueses, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, Lisboa, 1985.
- Enciclopedia della Religioni*, Vol. I, Vallecchi Editore, 1970.
- ENTERRIA, M. C. G. *Sociedad y Poesía de Cordel en el Barroco*. Taurus Ediciones, Madri, 1973.
- FACÓ, R. *Cangaceiros e Fanáticos*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1963.
- FERREIRA, J. P. "Os Desafios da Voz Viva", In: *Os Desafios Contemporâneos da História Oral*, Campinas, Centro de Memória, Unicamp, 1997.
- FIGUEIREDO LUSTOSA, O. "Presença da Igreja no Brasil (Colônia e Império) Perspectivas e Problemas", in: *A Religião do Povo*, São Paulo, Paulinas, 1978
- FORTI, M C. P. *Maria de Araújo - A Beata do Juazeiro*, São Paulo, Edições Paulinas, Col. Homens e Mulheres do Nordeste - Série As Mulheres nº 2, 1991.
- FOUCAULT, M. *L'Ordre du discours*, Gallimard, Paris, 1970.
- FREYRE, G. *Casa Grande e Senzala*, São Paulo, Record, 1996.
- GOODY, J. *Entre l'oralité et l'écriture*, Paris, Univ. de France, 1994.
- _____. *A Lógica da Escrita e a Organização da Sociedade*, Lisboa, Ed. 70, 1987.

- GALVÃO, W. N. *As Formas do Falso*, São Paulo, Perspectiva, 1972.
- GUIMARÃES, A. Z. “Os Movimentos ‘Messiânicos’ brasileiros: uma leitura”, in: Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, (6), 1979.
- GUIMARÃES, T. E. *Etude Psychologique de la Fonction d’un Saint dans le Catholicisme Populaire: Padre Cícero et la Réligion du Nordestin (Brésil)*, Tese de doutorado, Universidade Católica de Louvain, Louvain, Bélgica, 1983.
- HATA, L. *Imagens, Imaginário, Imaginação – Um novo papel para a xilogravura de Cordel: das capas às galerias*, Dissertação de Mestrado, IEL, Unicamp, 1999.
- _____. “Representações de Leitura nas Capas de Folhetos de Cordel”, in: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/ensaios/luli.html>.
- HAVELOCK, E. *A Musa aprende a escrever*, Lisboa, Gradiva, 1996.
- _____. *Prefácio a Platão*, Campinas, Papirus, 1996.
- KUNZ, M. “Os Milagres e o Milagre na Voz do Poeta Popular”, In: Jornal D. O. Letras, Fortaleza, nº 16, nov/1989.
- LANCIANI, G. & TAVIANI, G. *Dicionário de Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, Caminho, 1993.
- LEITE DE VASCONCELOS, J. *Teatro Popular Português*, Volumes I, II, III, Universidade de Coimbra.
- LEMAIRE, R. *Repensando a História Literária*, in: Maaïke Meijer and Jetty Schaap (eds.), *Historiography of Women’s Cultural Traditions*, USA: Foris Publications; Holanda: Dordrecht, 1987. Trad. Heloisa Buarque de Hollanda, mimeo.
- LESSA, Orígenes. *Getúlio Vargas na Literatura de Cordel*, Rio de Janeiro, Documentário, 1973.
- _____. *A Voz dos Poetas*, Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1984.
- Literatura Popular em Versos - Antologia*, Rio de Janeiro, MEC, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1964, tomo I.
- Literatura Popular em Versos - Antologia*, Coleção de Textos da Língua Portuguesa Moderna, Rio de Janeiro, MEC, Fundação Casa de Rui Barbosa, Paraíba, Fundação universidade Regional do Nordeste, tomo II.

Literatura Popular em Versos - Antologia - Francisco das Chagas Batista, Rio de Janeiro, MEC, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977, tomo IV.

Literatura Popular em Versos - Antologia - Leandro Gomes de Barros - 2, Rio de Janeiro, MEC, Fundação Casa de Rui Barbosa, Paraíba, Universidade Federal da Paraíba, 1977, tomo III.

LOPES, F. R. "A Irmandade dos Penitentes". In: Programa da Exposição "A Religiosidade no Ceará", Fortaleza, Museu do Ceará, s/d.

_____. *João de Cristo Rei - O Profeta de Juazeiro*, Fortaleza, Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 1994.

LOURENÇO FILHO, M.B. *Joazeiro do Padre Cícero - Scênas e Quadros do Fanatismo no Nordeste*, São Paulo, Melhoramentos, 1926.

LUYTEN, J. M. *Bibliografia Especializada sobre Literatura Popular em Verso*, São Paulo, 1984.

MACHADO, P. *Cartório como Fonte de Pesquisa - Certidão Histórica da Comarca de Juazeiro do Norte*, Juazeiro do Norte: ed. do autor, 1994.

_____. *O Padre Cícero e a Literatura de Cordel (Fenomenologia da Devoção ao Padre Cícero)*, Juazeiro do Norte: ed. do autor, 1982.

MAIA, V. G. M. *José Lourenço - O Beato Camponês da Comunidade do Caldeirão*, São Paulo, Edições Paulinas, Col. Homens e Mulheres do Nordeste - Série Os Religiosos nº 2, 1992.

MENEZES, E. D. B. *Das Classificações Temáticas da Literatura de Cordel: uma Querela Inútil*, Fortaleza, 1988.

MESQUITA, S. L. M. "O Padre Cícero na Literatura de Cordel", In: Memorial - Revista Documentária Comemorativa dos 150 Anos de Nascimento do Padre Cícero Romão Batista, Juazeiro do Norte, Lions Club, 1994.

MEYER, M. *Autores de Cordel*, Série Literatura Comentada, São Paulo, Abril Editora, 1980.

Le Monde de la Bible - Archéologie et Histoire, nº 94, Sep-Oct, 1995.

MOTTA, L. *Cantadores (poesia e linguagem do sertão cearense)*, Rio de Janeiro, Liv. Castilho, 1921.

- OLIVEIRA, M. E. R. *O Narrado e o Vivido (Aspectos Comunicativos Antropológicos da Literatura Popular Oral)*. Dissertação de Mestrado, Campinas, IFCH - UNICAMP, 1982.
- OLIVEIRA, Xavier. *Cangaceiros e Fanáticos*, Rio de Janeiro, 1920.
- OLIVEIRA, A. X. *O Padre Cícero que eu conheci - Verdadeira História de Juazeiro do Norte*, Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1989, 4ª ed.
- ONG, W.J. *Orality and Literacy - the technologizing of the word*, Methuerm & Co., New York, 1985.
- _____. *Oralidade e Cultura Escrita*, Campinas, Papirus, 1996.
- ORTIZ, R. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*, São Paulo, Brasiliense, 1994.
- _____. *Românticos e Folcloristas: cultura popular*, São Paulo, Editora Olho d'Água, s/d.
- POMPA, M. C. *Memórias do Fim do Mundo – Para uma leitura do movimento sócio-religioso de Pau de Colher*, Dissertação de Mestrado, IFCH, Unicamp, 1995.
- PROPP, W. *Morphologie du Conte*, Gallimard, Bibliothèque des Sciences Humaines.
- QUEIROZ, J. F. “A Via Sacra da Gravura Sertaneja”. In: Interior - Revista Bimestral do Ministério do Interior, Ano VII, nº 39, jul/ago 1981.
- _____. “Sertão só se informa bem quando o Cordel aparece”. In: Interior - Revista Bimestral do Ministério do Interior, Ano VII, nº 38, mai/jun 1981.
- QUEIROZ, M. I. P. *O Messianismo no Brasil e no Mundo*, São Paulo, Alfa e Ômega, 1976.
- RIBEIRO DE OLIVEIRA, “O Catolicismo do Povo”, in: *A Religião do Povo*, São Paulo, Paulinas, 1978.
- RICOEUR, P. *Temps et Récit*, volume I, Paris, Seuil, Points, 1983.
- ROXO, R. M. “Religião, Religiosidade, Secularização”, in: *A Religião do Povo*, São Paulo, Paulinas, 1978.
- SANTOS, I.M.F. “Novas Perspectivas para Análise das Composições Populares”. In: *Literatura Popular em Versos - Antologia - Leandro Gomes de Barros 2*, Rio de Janeiro, MEC, Fundação Casa de Rui Barbosa, Paraíba, Universidade Federal da Paraíba, 1977, tomo III.
- SILVA, M. C. *Eu, o índio e a Floresta*, Fortaleza, SECULT, 1994.
- SILVEIRA, I. “Estado Atual da Pesquisa sobre o Padre Cícero”, in: *Revista Eclesiástica Brasileira*, março de 1976.

SLATER, C. "Afirmações Pessoais. A Presença Individual nas Histórias de Padre Cícero". In: *Religião e Sociedade*, 1984, dezembro.

_____. *A Vida no Barbante*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1984.

SOUZA, A. R. M., "Editora Luzeiro: um estudo de caso", in: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/ensaios/raquel.html>.

SUASSUNA, A. "Introdução", in: "Introdução à Obra de Leandro Gomes de Barros", In: *Literatura Popular em Verso - Antologia - Tomo III - Leandro Gomes de Barros 2*, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura / Fundação Casa de Rui Barbosa / Universidade Federal da Paraíba, 1977

TERRA, R. B. L. *A Literatura de Folhetos nos Fundos Villa-Lobos*, São Paulo, IEB-USP, 1981

_____. *Memórias de Luta: primórdios da literatura de folhetos no Nordeste (1893-1930)*, São Paulo, Global Editora, 1983.

VELHO, O. *Besta-fera - Recriação do Mundo*, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1995.

VERGOTE, A. "O Padre Cícero sob o olhar da psicologia religiosa", in: *Memorial – Revista Documentária Comemorativa dos 150 Anos de Nascimento do Padre Cícero Romão Batista*, Lions Club, Juazeiro do Norte, 1994.

WALKER, D. *Padre Cícero na Berlinda*, Juazeiro do Norte: Edições IPESC/URCA, 1995.

WHITE, H. *Meta-história - A Imaginação Histórica do Século XIX*, São Paulo, Edusp, 1992.

ZUMTHOR, Paul. "L'Ecriture et la Voix (D'une Littérature Populaire Brésilienne)", in *Critique*, nº394, março, 1980.

_____. *Introdução à Poesia Oral*, São Paulo, Hucitec, 1997. (Tradução de Jerusa Pires Ferreira).

_____. *Introduction à la Poésie Orale*, Paris, Seuil, 1983.

_____. *A Letra e a Voz*, São Paulo, Cia das Letras, 1993.

RESUMÉE

Padre Cícero: a canonização popular est un étude sur la représentation du Padre Cícero (1844 – 1934) dans la *Literatura de Folhetos Nordestina*. Le corpus de poèmes analysé compte plus de 160 *folhetos*, choisis selon une perspective diachronique.

Le travail se propose d'analyser l'élaboration et l'emploi d'une série de formules verbales et narratives par les poètes. Il s'agit de vérifier la manière dont ils construisent un *canon* de représentation qui est censé *mimétiser* et *ré-affirmer* des éléments de l'imaginaire religieux. Le concept de *canonização* traduit, dans ce contexte, le rapport étroit entre la production poétique et la religiosité populaire. Au cours du temps, les poètes réussissent à canoniser le Padre Cícero. Ils établissent un dialogue constant avec le contexte historique et les critiques du Padre, tout en re-produisant un discours élogieux et un canon de représentation qui fonctionnent en tant que supports de la mémoire e de l'identité collectives.